

Glória Sá: Ok, acho que está ligado. Vou pôr aqui em frente.

Põe em cima do copo.

Glória Sá: Então, portanto, hoje...

Tenho de falar mais alto?

Glória Sá: Tenho de falar mais alto, não é? Hoje é terça-feira, dia vinte e três de Outubro, e estamos no *Fisherman Club* pra entrevistar o Sr. Manuel Pedro Pereira. Então, Manuel Pedro, podemos começar por dizer... Eu acho que já disse o seu nome, mas confirma que é o seu nome?

Sim, senhora.

Glória Sá: E qual é a sua data de nascimento?

Quinze de Outubro mil novecentos e cinquenta.

Glória Sá: E onde é que nasceu?

Em Olhão, a melhor terra do mundo.

Glória Sá: E a sua direcção actual é?

Duzentos e oito *Round Street*, New Bedford. Qualquer coisa assim.

Glória Sá: E, portanto, qual é a sua ocupação? Qual é a sua profissão?

Em português é motorista, e em inglês acho que é engenheiro de um barco chamado *Humpak*.

Glória Sá: Como é que se escreve?

O barco, o nome do barco? H-U-M-B-A-K

Glória Sá: Humbak.

Humbak. Era o nome de um barco polaco que foi ao fundo. Onde o meu capitão e dono do barco deste Humbak foi ao fundo, há muitos anos atrás, na Polónia. E então o gajo comprou o barco e pôs o mesmo nome do barco.

Glória Sá: Portanto, disse que nasceu em Olhão e, portanto, mora agora no *Round Street*. Há quanto tempo é que mora nessa...

Vinte anos.

Glória Sá: Vinte anos?

Mais ou menos. Eu penso... se calhar mais, pra mais de vinte anos.

Glória Sá: E é casa alugada?

É alugada. É alugado.

Glória Sá: Aliás, já tínhamos passado a outra pergunta e eu esqueci-me. Portanto, disse que trabalha como motorista e disse o nome do barco.

Humbak.

Glória Sá: E, pode-me dizer qual o seu grau de instrução? Quantos anos de escola?

Frequência do segundo ano, do antigo segundo ano noturno.

Glória Sá: Da escola?

Industrial.

Glória Sá: Industrial?

Exato.

Glória Sá: Portanto, seria seis anos? Seis, sete anos?

Seis anos.

Glória Sá: Seis anos. E é cidadão americano?

Sou, sim, senhor.

Glória Sá: Em casa, em família, que língua é que se fala?

Português.

Glória Sá: Português.

Tenho que falar mais alto. Português.

Glória Sá: E que tal é o seu inglês? Diria que fala bem, muito bem, não muito bem.

É complicado. Agora vou dar uma de entrevistado. É complicado o português, principalmente eu, ou muitas pessoas como eu, que trabalham só com portugueses. Pela primeira vez, de há dois anos pra cá, estou a trabalhar com um capitão Polaco e aparecem também americanos. É a primeira vez que eu tenho que usar a língua americana, mais, vamos pôr assim. Porque você aqui, Glória, vira-se pra qualquer lado, é tudo português. Não necessita de estar a falar inglês. E o que é que acontece? Atualmente, o meu neto, por exemplo. Tenho um neto de sete anos, chama-se Elijah. É o melhor do mundo. (ininteligível 00:03:44) Mas tudo com ele, é inglês.

Glória Sá: Ah sim? Fala inglês com o neto?

Tudo, tem que ser. Ele não perc... Pode perceber, por exemplo, de manhã quando se levanta "Bom dia vó. Bom dia vovó". É só o que diz. E outra palavra que ele digo em português é "gelado". Mas, tem que ser, pra lidar com ele, pra percebê-lo bem, tem que ser tudo em inglês. Senão o menino fica perdido. E portanto, o meu inglês é rudimentar, vamos pôr assim.

Glória Sá: Fale-me do seu agregado familiar. Falou no seu neto. Quantas pessoas é que vivem com você?

A mãe do meu neto vive comigo. Minha filha, chama-se Melanie Pereira. Tem este filho, tem sete anos. Foi um acidente do percurso, vamos pôr assim. É muito inteligente, trabalha mais que o pai.

Glória Sá: Sim?

Oh yeah, acredite. Atualmente, a minha filha trabalha mais do que eu. Não estou a brincar. Ela levanta-se às cinco e meia da manhã, vários dias da semana, para ir estudar no colégio em Boston. Está a tirar *nursery*. Depois de ter graduado no Rich Water (??) sociologia, acho eu.

Glória Sá: Educação também, ela nunca foi professora ou não?

Não tenho certeza. Foi, pelo menos, substituto foi. Agora se tem isso tudo pra ser professora, não sei. Mas, hoje, ela dá mais valor e aplica-se mais nos estudos, do que quando não tinha filho. Ela adora. Ela hoje, Glória, é cens, é noventas. Os... como é que se chama isso, o exame? Os testes. É até cem, não é? Ela consegue tirar bom, muito bom. Pra quem trabalha... Porque ela trabalha, todos os dias trabalha oito ou nove horas por dia. E, de vez em quando, ainda vai fazer um part time a um...

Glória Sá: Fernando?

...restaurante, ao Fernando. Por exemplo.

Glória Sá: Onde é que ela trabalha agora?

Sei o nome... tri qualquer coisa. É uma espécie de *social work*. É tri *something*. Agora não sei o nome disso.

Glória Sá: Mas faz serviço social. Social work.

Serviço social, é.

Glória Sá: E depois ainda vai trabalhar no restaurante.

Exatamente. Ela trabalha... Há dias que ela trabalha... E depois tem sextas... sexta e sábado, se não estou em erro, tem que ir pro hospital, trabalhar 12 horas seguidas, assistente de outra enfermeira.

Glória Sá: Estágio.

É isso que ela está a fazer, acho que é à sexta e ao sábado. Pelo menos à sexta-feira eu tinha certeza que é. Mas eu sei que agora, acho que passou a ser dois dias durante a semana. Ela trabalha muito. Palavra de honra. Eu admiro, palavra de honra. Nunca pensei. Se me dissessem a mim, minha filha, ser enfermeira? Alguma vez, aquilo!

Glória Sá: Que idade tem a Melanie?

Vinte e oito anos...

Glória Sá: Vinte e oito.

...atualmente. E só queria que visse. O meu neto com a mãe, são dois amigos, mas há um regime ali... Eu não tenho autoridade nenhuma, acredite. Nem eu, nem a avó. A gente não é autoridade. Temos a autoridade toda. Calma, estou a explicar mal. A minha filha conseguiu ter uma lidação com o filho, um respeito um e outro, que é qualquer coisa. Eles entendem-se os dois. Não é preciso gritar, o Elijah faz aquilo que a mãe diz. A mãe faz tudo pelo Elijah. Faz tudo pelo Elijah. Não está em causa. É impecável, eu só queria que visse. No meu tempo era mais assim, um chapadinha, uma coisinha assim. Mas é impecável. Eu fiquei...

Glória Sá: Ela sabe dar educação.

Exatamente. Lá está aquilo. A gente não acredita nos jovens de hoje. Não queremos acreditar nos nossos filhos, porque não merecem confiança, ou por isto, ou por aquilo. Eu tenho um exemplo chapado. Todos os dias eu apanho uma chapada. A minha filha, todos os dias me dá uma chapada sem mão. Sem mão.

Glória Sá: Psicológica, né?

De luva branca. Ainda ontem, a minha mulher a contar-me, ia dizer, isto está tudo gravado, tudo bem, e é verdade. Pra eu não dizer nada ao Vasco. O meu neto tem um problema.

Glória Sá: Quem é o Vasco? O Vasco é o pai?

Não. O Vasco? Eu não falei do Vasco. Estou a dizer, o meu neto tem um problema. É muito popular na escola. As miúdas todas querem andar com ele. O gajo é bom em matemática. Ele tem sete anos. É bom na matemática, é bom no ler. Isto foi agora o *open house* na escola. Depois a professora disse à minha filha “Ele só tem um problema”. A Melanie começou a pensar “Será que ele fala muito?” “Não, é as raparigas. Só querem estar onde ele está.” Ah, mas a minha mulher disse logo “Não digas nada, que é pra ele...” (**ininteligível 00:08:58**) É um miúdo. Eu fico todo vaidoso, como avô. Sou um avô vaidoso, é só.

Glória Sá: E vocês têm outro filho, não é?

Pedro.

Glória Sá: Pedro.

Pereira.

Glória Sá: E o Pedro, onde é que vive?

Em Lincoln.

Glória Sá: Em *Rhode Island*?

É *Rhode Island*. É manager de uma firma, que eu não lembro o nome. De uma firma de New Hampshire. É como hei-de dizer... É manager. Ele é que gere as pes... Não sei quantas pessoas trabalham... Ele trabalha, ele está todos os dias na estrada também. Andá nos supermercados.

Glória Sá: Distribuição de...?

Produtos. Não sei que produtos são, não sei. Sumos, frutas, águas e coisas assim.

Glória Sá: Bebidas.

Parece que não tem álcool. Não é nada com álcool. Não sei, não tenho a certeza.

Glória Sá: Acho que são bebidas não alcoólicas.

É manager. Ele trabalha pra companhia, tem carro da companhia e gosta daquilo que faz. O gajo gosta de andar na estrada e está satisfeito. Também não é casado, mas comprou casa em Lincoln. Ele e a namorada. Ela desenha jóias ou qualquer coisa assim parecido.

Glória Sá: Ah, que interessante.

Não, é. Trabalha, não sei se é providência, ou qualquer coisa assim e dão-se bem É o que interessa.

Glória Sá: E a sua esposa chama-se?

Zelinda Pereira.

Glória Sá: Ela também andou a estudar, já depois de adulta, não é? Fez um curso.

Tirou aqui o *high school*. Fez... Formou-se aqui, digamos assim. O *high school* que é o que lhe deu oportunidade depois pra trabalhar na biblioteca. Começou na biblioteca, acho eu, se não estou enganado. Há muitos anos atrás, já. E depois foi despedida por... os tais cortes.

Glória Sá: Cortes de orçamentos, não é?

E talvez também porque como ela era... como é que chama aquilo? Pertencia à união, era uma voz que, às vezes, se calhar, incomodava. Então a patroa, na altura, pô-la na rua. Escolheu... Foi mesmo na linha. Porque estava mesmo na linha. Ou aquela ou tu. Então, como a minha mulher, quando falava incomodava mais, puseram ela.

Glória Sá: Mas ela depois voltou a ir pra escola?

Exato.

Glória Sá: Tirou o BCC?

Yah, tirou o... como hei-de dizer? Intérprete. Ela tirou isso. Já me esquecia dessa (ininteligível 00:11:34).

Glória Sá: E ela agora trabalha onde? O que é que ela faz?

Ela agora é assistente da diretora. Como é que... Isso tem um nome próprio que eu não sei qual é. *The Brain Injury*...

Glória Sá: *Association*?

Qualquer coisa assim. Tenho aqui algum documento que possa mostrar. Não sei se tenho.

Glória Sá: Não tem importância.

(ininteligível 00:12:09). Encaminha as pessoas praquilo que as pessoas necessitam. Se precisam dum médico, se precisam de auxílio. Informa. Mais o termo é informar as pessoas.

Glória Sá: Pessoas que tenham... Pessoas de família que tenham tido esse problema.

Problemas do cérebro. Quedas, paráliticos.

Glória Sá: Então, essa é a sua família, não é? Agora gostava que me falasse de outra família, da sua família de origem.

A minha?

Glória Sá: Em Portugal. Disse que nasceu... Nasceu mesmo em Olhão? Mesmo na cidade?

Há sessenta e dois anos. Naquele tempo era vila.

Glória Sá: Os seus pais, como é que se chamavam?

António José Pereira e o Maria do Carmo Pereira. Eu estou-me a rir porque isto vai ser um bocadinho mais complicado do que aquilo que parece, sabe?

Glória Sá: Ah, sim?

Quando eu falo da minha família, é complicado. É complicado desta seguinte maneira. Os meus pais nunca foram casados.

Glória Sá: Não me diga.

O meu pai juntou-se com a minha mãe há muitos anos atrás. E só tinham...A diferença de idades era vinte e cinco anos, oh Glória.

Glória Sá: Vinte e cinco anos?

Ahã. Isto não é fácil. Vinte e cinco anos de diferença de idade. O que é que isso quer dizer, dentro de uma vilazinha pequena como Olhão? O meu pai era comprador de peixe. Tinha uma taberna. Era um homem de dinheiro. E a minha mãe devia ser a melhor miúda lá da terrinha. Não tenho ilusões nenhuma. A realidade é só esta. Então, o meu pai com quarente a tal anos, arranjou uma miúda com dezassete ou dezoito anos. E nós, os quatro irmãos que somos, nascemos daí.

Glória Sá: Mas ele já tinha sido casado antes?

Aham, tinha sido casado. E a primeira mulher tinha ido parar ao hospício. Deu em doida e o meu pai, durante muitos anos, pagou esse hospital. Júlio de Matos, ou lá como isso se chamava.

Glória Sá: Ah, em Lisboa?

O meu pai pagou. Porque, naquele tempo o meu pai tinha dinheiro. O filho não tem, mas o meu pai tinha dinheiro. É uma das coisas que me dá prazer. Porque isto... Ok, isto não tem nada a ver com a entrevista. Pode ser que isto mostra outra maneira. Ok, começo pronto.

Glória Sá: Estávamos a falar do seu pai e disse que ele tinha uma taberna e tinha também uma distribuição de...

Armazém de peixe.

Glória Sá: Armazém de peixe. Ok.

Vamos lá. O armazém de peixe... Ah... Começo a recuar e começo a saltar dumas coisas pras outras. Por exemplo, vou dizer, não gosto de guardas fiscais nem cabos de mar. Porquê? O meu pai tinha um armazém de peixe. E tinha uma taberna. O armazém de peixe... Quando eu tinha sete ou oito anos, o meu pai era comprador e vendedor de peixe, numa fábrica de conservas chamada Lázaro. Que existia em Olhão, nos anos cinquenta e tais. Sessentas.

Glória Sá: Ele comprava aos pescadores e vendia pra fábrica?

Não, não. É como o Carlos Rafael. O barco ficava à lota e o meu pai era a pessoa autorizada da fábrica para comprar o barco de peixe. A fábrica precisava de peixe, dizia ao meu pai "Oh pá, eu precisava de não sei quantas caixas... cabazes. Não sei quantos mil quilos". E o meu pai era a pessoa que era autorizada pela empresa pra comprar. Mas tinha pra ele próprio.

Tinha um armazém pra ele próprio, que mandava para o Luz e Irmãos. Agora vou dizer uma coisa que é grave.

Glória Sá: Para o quê?

Luz. L.U.Z.irmãos da Figueira da Foz. Roubaram muito dinheiro ao meu pai. Isto pode ficar gravado, porque isto é verdade. Há muitos anos atrás. Olha... isto são aquelas histórias da vida das pessoas.

Glória Sá: Exatamente.

Onde é que eu ia? Comprador de peixe e... Antigamente... Eu tinha sete anos, oito anos, a idade do meu neto hoje. O meu pai comprava um barco de peixe. Eu, quando vinha da escola primária, chegava a bordo do barco que o meu pai tinha comprado de peixe, dizia assim ao homemzinho “Tio Balé, dê aí uma canastra de peixe”. Uma canastra. Uma canastra de peixe. Eu dizia depois ao tipo “Tio Balé, vá vender isto à praça”. E aquilo rendia-me vinte e cinco tostões, três escudos, três e quinhentos. Era uma canastra de peixe daquele tempo. Se fosse biqueirão...

Glória Sá: Você é que ía?

Eu ia com sete ou oito anos, a idade meu neto hoje. Eu fazia... eu trazia a canastra de peixe.

Glória Sá: A canastra de peixe e ía vendê-lo pro...

Não, eu pedia ao tio Balé, que era um velhote que estava lá na taberna. O meu pai tinha... Não vou dizer empregados, tinha pessoas que dormiam lá. Que não tinham onde dormir. Tinha, pelo menos, duas pessoas, que dormiam lá à noite. Passavam a noite naquela taberna. A taberna era grande. Agora, voltando a... à conquilha. Antigamente, os barcos de pesca pararam três meses durante o ano. Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Ora bem, o que é que acontecia? Durante esses três meses o pescador não ganhava dinheiro.

Glória Sá: E não tinha subsídio de desemprego?

Não havia nada disso. Isso só começou a haver o subsídio de desemprego quando pessoal veio do Ultramar. Quando há os retornados é que começa a haver o subsídio de desemprego. E aqui havia muita fome. Como o João disse, havia muita fome. Então, o que é que os homens faziam? Iam à conquilha. E o meu pai, como a taberna era grande e tinha licença pra abrir a porta às horas que fosse. Podia abrir à meia-noite, podia abrir às duas da manhã, dependente da hora da maré. Os homens, como tinham lá as guitarras... As guitarras é o... é o arraste e o chamar (??). Explico já o que é uma guitarra. É aquilo que eles usavam pra apanhar conquilhas.

Glória Sá: E a conquilha. Diga-me o que é a conquilha. É um marisco?

É o melhor marisco do mundo. Palavra de honra. Conquilha. Mas naquele tempo a conquilha estava a quinze tostões o quilo. Hoje está a mil e quinhentos... *I don't know*. Não faço ideia como é que está hoje. E naquele tempo era grande, agora é assim do tamanho de uma unha. E eu cheguei a ver, a abrir a taberna pros homens ir a buscar os apetrechos deles, que eu chamo guitarras. Aquilo é um arraste, um... Punham à cintura, iam pra dentro de água, de inverno. Estamos a falar Dezembro, Janeiro e Fevereiro. E o que é que eles faziam? Bebiam água ardente e comiam batata doce cozida, pra criar coragem pra ir se meter dentro de água. Isso é tudo relativo.

Glória Sá: E o Manoel Pera que ia abrir a...

Cheguei a abrir algumas vezes. O meu pai tinha...

Glória Sá: Tinha a licença.

O meu pai abria. Mas eu cheguei, com doze, treze anos, cheguei a fazer esse trabalho. Quando era as 4 da manhã, coisa assim. Porque os homens iam... Mas de inverno, porque é frio. O Algarve também é frio. Eles tinham que ir apanhar a maré. Quando a maré está vazia, é que eles... É a palha da Armona, ainda é um bocado longe. E naquele tempo não havia motores. Era tudo a remo.

Glória Sá: Íam a remos?

A remos.

Glória Sá: Pra praia da...

Exato.

Glória Sá: ...da Armona e depois lá é que apanhavam lá então...

Exato.

Glória Sá: ...a conquilha. Usando então esse...

A guitarra

Glória Sá: ...a guitarra.

Eu chamo-lhe a guitarra.

Glória Sá: Pode-me descrever?

Olha, simples. Está a ver a... Sabe que é uma pipa de vinho?

Glória Sá: Sim.

Estás a ver aquelas cintas de ferro que vão à volta da pipa?

Glória Sá: Sim.

Ok. Imagina uma coisa dessas e agora ponha um pau ao meio com um pau passado à cintura. O ferro vai na... O xalavar por trás...

Glória Sá: Como é que se chama?

Xalavar. O xalavar é a rede.

Glória Sá: Xalavar?

Xalavar. Xalavar. Xalavar. É o que vai... É o saco que vai a arrasto. Eles passam pela...

Glória Sá: E essa... Esse aro era a boca do saco?

Glória Sá: Não, não, não. Aí não? Desculpe lá.

É a mesma coisa.

Glória Sá: Não, é pano.

Está a ver?

Glória Sá: Ponha aqui.

Como é que é passar aqui o cabo? Isto é o tal aro e depois tem um pau ao meio e depois aqui tem um cabo que passa à volta da cintura da pessoa, que a pessoa está assim a arrastar. Isto fica pra trás. O xalavar é a rede, que é pra conquilha... Que é praquilo que você está a tentar tirar da areia, ficar lá dentro.

Glória Sá: E o que é que arrasta na areia? É então esse aro de ferro.

Aro de ferro da... Como é que eu disse? Da pipa de vinho. Isso é que arrasta.

Glória Sá: Arrasta.

É uma coisa forte e tal, para arrastar, mas é preciso...

Glória Sá: E os homens puxam então o arrasto.

Exato. Isto tem um pau e depois tem o cabo assim, passado ao pau e o cabo à cintura e eles estão ali a puxar. Agora não. Agora é tudo com motores e outras invenções. Mas neste tempo era assim. E outra coisa. Traziam tudo. A conquilha e as cascas também. Agora não. Agora você vê um indivíduo desses que anda à conquilha, parece ele que vai pra escola. Com um *back*... como é que se chama?

Glória Sá: Um *backpack*.

Exato. Não tem mais. Palavra de honra, eu fiquei parvo. Fiquei a olhar. “Conquilha? Não pode.”

(conversa lateral à entrevista)

Não sei como é que vou explicar o que é a conquilha. Não faço ideia. Como é que explico? É a conquilha.

Glória Sá: Portanto é uma...

É da família das ameijoas.

Glória Sá: Das ameijoas.

De casca. É muito saboroso.

Glória Sá: Estava-me a falar então da sua infância. Como é que era viver em Olhão naquele tempo?

Olhando pra trás, é curioso, porque eram tempos de miséria. Hoje, é uma miséria diferente, hoje. Mas naquele tempo era miséria. Nós sabíamos quem precisava. Hoje a gente não sabe quem precisa. Olha-se e vê-se tudo à porta, carros... seja o que for. Naquele tempo, especialmente os meus amigos... a miudagem ali à volta, eu sabia quem precisava e aquele que tinha calção já não tinha camisola. De inverno. Eu cheguei a apanhar porrada por querer andar descalço, juntamente com os outros. Palavra, não estou a brincar, isso é verdade. São

daquelas situações que vocês veem. Os miúdos você brinca, têm uma maneira de ser. Porque é que você há-de ser diferente?

Glória Sá: Queria pertencer ao grupo.

Exato.

Glória Sá: Portanto, onde vocês viviam era a maior parte das famílias eram de pescadores?

Tudo ligado à pesca e as mães trabalhavam nas fábricas de conserva. Aquela meia hora pra almoçar... Ninguém tinha tempo pras crianças. Os moços andavam a brincar plas ruas. Toda a hora... Era totalmente diferente. Não tem nada...

Glória Sá: Começou-me a falar que os barcos que não iam pro mar em Dezembro...

Janeiro e Fevereiro.

Glória Sá: Janeiro e Fevereiro.

Era obrigatório, era de lei. As traineiras paravam.

Glória Sá: E como é que as pessoas viviam esses três meses?

Empenhavam. De verão compravam anéis. Como ganhavam dinheiro, compravam anéis e durante o inverno, empenharam os anéis. Era assim que as pessoas trabalhavam. Com fiado.

Glória Sá: Portanto, o seu pai devia vender fiado àquela gente?

Uma das coisas que eu me lembro perfeitamente e eu gosto, é o peixe frito. Com molho. Porque o meu pai, na taverna. como era comprador de peixe, o peixe era barato. Não lhe custava dinheiro. Eu lembro-me de... na vitrina, aquele peixe já frito há 3, 4, 5 dias com o tal molho de escabeche. Os homens chegavam lá e pediam cinco tostões de pão. Cinco tostões de pão, que era um pão dezassete, dividido em quatro partes. Não sei se conhece ou conheceu.

Glória Sá: Pão de dezassete tostões?

Custava dezassete tostões. Por isso é que era o pão de dezassete. Custava dezassete tostões.

Glória Sá: Era um pão de meio quilo?

Peso eu não sei. Mas sei que era dividido em quatro partes e vendia-se por cinco tostões. Portanto já se ia buscar três centavos a um pão. Mas o peixe era oferecido. Então os homens compravam uma bomba de vinho.

Glória Sá: Uma bomba de vinho?

Uma bomba de vinho.

Glória Sá: Quanto era uma bomba de vinho?

Uma bomba de vinho era uma garrafa de cerveja Sagres, que era quinze tostões. Isso era chamado de uma bomba de vinho. Principalmente em Olhão. Nas outras terras têm outros nomes diferentes. A gente lá nunca usava os copos três, os copos disto... Como nos outros lados. De Lisboa pra cima, tem outros nomes. O que a gente usava era copos de cinco tostões

e dez tostões. Era simples como isto. Chegava um cliente “O que é que quer?” “É um copo de cinco”. Era um copo de cinco que a gente servia. O copo era só o pé, era o vidro, muito vidro.

Glória Sá: Muito vidro, pouco vinho.

E era assim. E também tinha outra coisa que é engraçada, que eu achava de manhã era o mata-bicho. O mata-bicho era um copo de aguardente.

Glória Sá: E a aguardente era de medronho ou era de vinho?

Não. De manhã o mata-bicho era tudo com aguardente. Hoje é mais moderno fazer mata-bicho com vinho branco e melão e queijo e não sei o quê, não sei que mais. Mas naquele tempo o mata-bicho era só aguardente. Ora, aguardente a gente tinha na taverna do meu pai. Estou a falar na taverna do meu pai. As outras eu não sei. Tínhamos o bagaço e tínhamos o medronho. O que eu me lembro, o medronho custava noventa escudos o garrafão. E o bagaço custava sessenta escudos o garrafão. Portanto, o que é que eu fazia? Quando era eu a despachar, vendia o bagaço. Eu fazia... E depois fazia... Como é que se chama? Uma vaquinha de manhã pro mata-bicho. Sabe o que é uma vaquinha?

Glória Sá: Não.

Juntava-se dois ou três... porque estar a pagar os copos individuais custava cinco tostões. E eles faziam uma vaquinha, mandavam vir uma garrafa de água de castelo cheia de aguardente. Água de castelo.

Glória Sá: Daquelas pequeninas.

Exato, daquelas pequeninas. A bomba de vinho era da Sagres, da cerveja. E pra de manhã era água de castelo. Era mais... Mais desistida. É uma brincadeira, mas é verdade. E o que é que aquilo dava? Dava quatro copos e custava quinze tostões. Então, mandavam vir... faziam a vaquinha, mandavam vir a garrafa de água de castelo e já dava pra mais um copo. Eles faziam essas divisões. Eles lá sabiam, os homens sabiam a maneira de ir buscar um bocadinho mais. E era assim.

Glória Sá: E a taberna vendia só bebidas? Ou vendia também...

Tinha tabaco, tinha tudo. Tinha tabaco, (**ininteligível 00:27:47**).

Glória Sá: Tinha também...

E chegou uma altura que também teve comida.

Glória Sá: Mas não vendia mercearia?

Não, o meu pai era só vinho. Era só vinho e... Chegou uma altura que também, a minha mãe, chegou a fazer comeres, mas não... Fazer assim uma espécie de casa de pasto. Mas não singrou. O que tínhamos era sempre peixe. Peixe, mas o tal peixe branco, sardinha, ou carapaus fritos. Ali na vitrina pra o malta comer. Era o que tinha. Era oferecido.

Glória Sá: E essa história do tio... não me lembro o nome dele, ia vender o peixe, o tio B... Ba... Você ia...

Ah, o tio Balé?

Glória Sá: Como é que se chamava?

Tio Balé. Balé. Tio, Balé.

Glória Sá: Balé?

Balé. B,A,L,E.

Glória Sá: Então o tio Balé ia vender o peixe. E ele dava-vos o dinheiro?

A mim. Yah.Três escudos

Glória Sá: E pagava-lhe a ele?

Não. Então, ele...

Glória Sá: Bebia de graça, ou como era?

Não, sinceramente, esse senhor também não... Como é que hei-de dizer? Não... Havia muita gente que bebia, que fazia mandatos. Eram pagos, era uma maneira de o meu pai dar-lhes de comer, essas coisas assim.

Glória Sá: Era dos que dormiam lá na taberna?

Não, não, não. Até não era. Até não era. Uma boa pergunta. Não lhe sei dizer porquê.

Glória Sá: Porque o homem trabalhava de graça? Estava a explorar os...

Não, ele não trabalhava. Estava lá. Estava ali presente. Já devia estar, se calhar, na reforma ou... E era uma presença que estava ali todos os dias, de manhã à noite. E então... Boa pergunta, não sei. Não lhe sei responder. Tínhamos lá dois, o tio João e o Alminhas. Dois que eram emp... Não eram empregados. Naquele tempo não havia empregados. Ninguém tinha empregados. Também não quer dizer escravos, nada que se pareça. Eram pessoas que estavam ali, que era preciso alguma coisa. O dono da casa dizia "Oh tio Alminhas, faz isto ou faz aquilo". E eles faziam. Dormiam lá. Como é que hei-de dizer? Não eram... São moços, como é que se chama?

Glória Sá: Eram moços?

Não. Pessoas já duma certa idade. Já bastante... sessenta, setenta anos. Não tinham onde viver e o meu pai... olhe, tomava conta deles. Não sei como é que hei-de dizer.

Glória Sá: E o que é que vocês brincavam? Disse que gostava de brincar com os outros moços.

Nós fazíamos os nossos brinquedos.Tenha lá calma. Isso hoje é tudo muito moderno. Nós é que fazíamos os nossos brinquedos. É curioso, como é que aquilo era antigamente. Fazíamos os arquinhos. Sabe o que é um arquinho?

Glória Sá: Assim, com...

Ahã, tou a ver que sabe.

Glória Sá: Faziam-se dum arco de...

A gente fazia das conservas. Das latas das conservas. Iamos lá apanhar aquela porcaria e fazíamos

Glória Sá: Da lata, não é?

Da lata. É interessante como é que nós fazíamos os nossos brinquedos. Todos os meses aquilo mudava. Alguém começava e depois haveria as fitas do cinema. Aquelas coisinhas pequeninas. A gente chamava fitas. Depois era os papelitos de coleção

Glória Sá: Onde é que vocês arranjavam as fitas do cinema?

Íamos comprar.

Glória Sá: Ah, compravam-se?

É, comprava-se. Faziam-se coleções. Vinham em carto..

(**ininteligível 00:31:14**) E depois era o peão, depois era o paulite. O paulite é o beisebol.

Glória Sá: Ah, sim?

O paulite, como a gente chama... Olha (**ininteligível 00:31:26**) calma. Eu sou de Olhão. Eu estou a dizer os nomes... O paulite... O paulite é como quem está a jogar beisebol.

Glória Sá: Era um pau?

Era um pau. E só com...

Glória Sá: Não era uma bola?

Não. Era um bocado de pau. Era outro bocadinho de pau. E a gente toca a bater naquilo. Era o paulite. E tínhamos pôr lá no círculo. Era o paulite. E fazíamos isso com uma lata de conserva também. Tínhamos tantos jogos. A gente fazia tudo e mais alguma coisa. Depois eram as arraias. Sabe o que é uma arraia?

Glória Sá: Não.

É um papagaio.

Glória Sá: Ah, mas isso faz todo sentido. Parece uma arraia.

Era uma arraia no mar. (**ininteligível 00:32:02**)

Glória Sá: Arraias voadoras.

Outros tempos. Mas havia espaço. Hoje não há espaço pra se brincar.

Glória Sá: E as meninas também brincavam assim?

As meninas brincavam com os moços. Que é uma coisa que hoje a gente não vê. Eu, de noite. Até umas nove. Nove horas da noite. Nove, nove e tal. As mães vinham tudo pra rua. Sentavam-se no paiais das casas e depois estavam aqui as mães a conversar. Havia sempre uma casa que juntava as outras todas. Quatro ou cinco da rua e depois os moços e moças brincávamos ali. Desviado um bocadinho delas, claro. Não podia ser tudo ao pé. Mas brincávamos ali à volta delas. À deserta, trouxa lavada.

Glória Sá: À quê? Diga lá

Trouxa lavada.

Glória Sá: Trouxa lavada? E a outra? Qual era?

À deserta.

Glória Sá: À deserta?

À deserta. *Yup.*

Glória Sá: Como é que era isso? A deserta. Era às escondidas?

Tínhamos de fugir. Pois, tínhamos que fugir. Eram dois grupos. Um... Havia o coito. O coito era, por exemplo, uma porta. Eu tinha de fugir, tinha de voltar, sem ninguém me bater e bater na porta.

Glória Sá: E chamava-se o coito.

O coito era a porta. Onde havia uma senhora muito religiosa, a gente escolhia sempre aquela porta pra ser o coito.

Glória Sá: Bater.

Mais? Era... E tantos jogos. Eish.

Glória Sá: E era trouxa lavada?

Trouxa lavada. Isso é saltar uns por cima dos outros. Saltávamos uns por cima dos outros. Trouxa lavada. Real camarada. (*ininteligível 00:33:49*)

Glória Sá: Era o que vocês diziam? Quando saltavam?

No momento em que estávamos a dar o salto. Porque era assim o... Eu vou pôr-me...

Glória Sá: Eu sei, com as mãos assim...

Mas a gente tinha de ir pra frente. Estava lá um... É como se fosse uma pega de toiros. Está a ver a pega de toiros. Está o forcado na frente a fazer a frente ao toiro e depois há aquele grupozinho, dois ou três. O primeiro que saltava. Pumba! Tinha que ir lá pra frente, que é pra deixar espaço pros outros. E aquilo era... Trouxa lavada. Real camarada. Mais não sei quê, que eu também já não me lembro.. Eram outros tempos, mas havia coisas interessantes.

Glória Sá: Portanto... O Manuel Pedro disse-me que tinha quantos irmãos? Quatro?

Somos quatro. Dois casais.

Glória Sá: Dois casais. Como é que se chamam os seus irmãos?

Um já morreu. Eu. Manul Pedro. O meu irmão que já morreu, António José, que era o nome do meu pai. A minha irmã mais velha, Helena. E a mais nova, Gisélia. Somos quatro. Todos da mesma mãe e todos do mesmo pai. Embora o meu pai tinha sido... o que foi.

Glória Sá: O seu pai não teve filhos da mulher...

Não.

Glória Sá: ...antiga?

Não. Somos todos do mesmo...

Glória Sá: E eles vieram praqui também, os seus irmãos? Ou o Manuel Pedro foi o único que veio praqui?

Vimos todos.

Glória Sá: Vieram todos praqui?

Eu não devia ter vindo na altura que vim.

Glória Sá: Eu já lhe vou perguntar sobre isso.

Sempre atrasado. Ou adiantado, sei lá.

Glória Sá: Os seus irmãos... Foram estudar também? Ou foi o Manuel Pedro que foi o único que foi pra além da escola primária?

Não. A minha irmã... A minha irmã foi a princesa da família. Ela andou a estudar na escola industrial em Faro, que era mais cara. Eu andei na escola comercial... escola industrial, em Olhão. A minha irmã andou a gastar dinheiro... andou a estudar. Andou a gastar dinheiro em Faro. Porque em Faro tinha que apanhar o comboio e depois, lá comer e tudo mais. Era mais caro. Ela andou na escola industrial. Acho que foi na escola industrial. Não sei como...

Glória Sá: Comercial?

Não sei se foi no Liceu. Mas eu penso que foi na escola industrial lá. Comercial lá em Faro. É só. Foi essa. Não é que tinha tirado estudos, que não tirou nada. Mas andou lá. Quanto tempo eu não sei. Era criança, pouco me lembro.

Glória Sá: Depois, portanto, falou-me da sua infância nos jogos. Falou que andou a estudar na escola industrial noturna. Portanto, estava a trabalhar. Com que idade é que começou a trabalhar?

Eu? Com onze anos.

Glória Sá: Com onze anos.

Não é que...

Glória Sá: Pro seu pai?

Não, não é que precisasse. Só porque eu não quis estudar. Eu não quis... Não gostava dos estudos. E gostava de futebol. Gostava de jogar à bola. Mas depois fui. Com catorze anos depois fui estudar de noite. Porque eu comecei a trabalhar numa papelaria. Um indivíduo chamado... papelaria. E era... como é que se chama?

Glória Sá: Livraria também?

Não. Tipografia.

Glória Sá: Tipografia.

Tipografia. Era livraria e tipografia. Primeiro... em Olhão. A firma era Pedro Martins. E o gajo era também um jornalista do jornal Diário de Lisboa, na altura. Já desapareceu tudo Até cheguei a fazer uma reportagem.

Glória Sá: Ah, sim?

Uma automotora, numa passagem de nível, matou lá alguém e ele mandou-me lá ir buscar os nomes do morto e eu fui. Portanto, fiz uma reportagem. Tinha onze anos. Mas eu não gostava nada da escola. Então fui trabalhar.

Glória Sá: E o que é que fazia lá na papelaria?

Andava a distribuir jornais. Distribuir jornais. Tinha que ir buscar os jornais à estação. Vinha o comboio rápido às... Dez prás duas, uma e quarenta e cinco ou qualquer coisa assim. E eu depois ia buscar os jornais e depois andava a distribuir, porque os senhores da minha terra... Tinha que ir levar o jornal a casa. Eles não iam comprar o jornal. A gente... Isto é, o patrão... pagava mais x e eu era o moço que ia buscar os jornais, ía levantar os jornais à estação e depois ia distribuir. Sabia quem era e depois ia levá-los a casa. Corria Olhão só pra distribuir meia dúzia de jornais. Havia também aqueles indivíduos que vendiam mesmo jornais na rua. Jornaleiros, não é? Que se chamam... Ou que chamavam-se jornaleiros. Ou qualquer coisa assim.

Glória Sá: Acho que sim.

Ardinas.

Glória Sá: Ardinas.

Ardinas. Esses. a profissão deles era vender jornais nas ruas. Agora, eu com onze anos, ia distribuir jornais. Eram clientes mesmo da casa e comecei assim. Quer mais? Quer que eu continue ou você faz perguntas?

Glória Sá: Continue.

Ok, pronto. Esse foi o meu primeiro trabalho. O segundo...

Glória Sá: Quanto tempo é que trabalhou lá?

Um ano, uma coisa assim. E depois... Depois fui pra Papelaria Farracha. Acho que... Esta era tipografia também. A primeira, o Pedro Martins, era tipografia. Sabe o que é uma tipografia?

Glória Sá: Sei, sei.

Andei a fazer aquelas coisinhas todas, intercalar papéis, como é nos livros... Sabe? Não está a perceber o que eu estou a dizer, não?

Glória Sá: Estava a separar...

Sabe o que é intercalar?

Glória Sá: Intercalar, sim. Por umas coisas pelo meio das outras.

Por exemplo, quando passa uma fatura... Ora bem, quando passa... Está a ver aqueles livros que quando passa uma fatura que tem aquelas... Uma, duas, três páginas... E você dá o nome e não sei o que... Eu fazia esse trabalho. Embora... Era um miúdo, com onze anos, e já fazia isso. Tinha que pôr... Era um monte de um, dois, três... E depois a gente tinha que fazer aquilo, manualmente. Não eram máquinas. Hoje há máquinas pra tudo. A gente fazia tudo à mão. Foi interessante, sempre se tem uma ideia de como é trabalhar numa tipografia. Porque... os cartões de visita. Aquela porra era fácil de se fazer. Mas também eu podia perder

lá os dedos. Quando aquela... Estou a falar de máquinas brutas, qua antigamente era tudo bruto. Hoje é tudo computarizado. Mas naquele tempo você arriscava-se a cortar os dedos. Quando estava a brincar com isso. Não é brincar.

Glória Sá: Porque a máquina cortava os cartões, não é?

Yeah. Chamava-se uma guilhotina. É como... Corta o pescoço. Ora bem, o outro trabalho depois... Fui trabalhar pra Eletrificadora do Sul. A Eletrificadora do Sul já era mais parte elétrica. Arranjava **Glória Sá:** candeeiros, arranjava rádios... E a Eletrificadora do Sul era uma casa de eletrodomésticos.

Sim, sim.

E então, já tinha...

Glória Sá: E como é que aprendeu? Aprendeu lá?

Não aprendi nada lá. Aprendi o quê? Aprendi alguma coisa. Tinha doze, treze anos, o que é que eu aprendi lá? É tal coisa. Curiosidade. Soldar a estanho. Eles faziam-nos soldar aquela porcaria, mas não aprendi nada. E depois com catorze anos fui pra uma oficina. Aí é que comecei a aprender alguma coisa. A oficina de serralharia. Com catorze anos e comecei a jogar futebol. Aí é que comecei. As duas coisas eram...

Glória Sá: Começou a jogar futebol profissional?

Não, não. Aí com catorze anos ainda não era profissional. Não havia profissional.

Glória Sá: Qual era o nome da equipa? Do clube?

Olhanense, moce.

Glória Sá: Olhanense?

Moce.

Glória Sá: Moce?

Aham.

Glória Sá: Moce?

É. Mosse é uma palavra típica.

(conversa lateral à entrevista)

Mosse é uma palavra tipicamente. Olhanense. É um tratamento... como hei-de dizer? Como hei-de dizer? Oh, Glória, mosse. Então, como é que estás? Oh, amigo. Não é nada ofensivo. É tudo... Pois, pois.

Glória Sá: Pois, pois. É moço. É quase moço ou moça, não é?

Exato. É preciso ter muita confiança, muita lidação com a pessoa, pra dar-lhe esse tipo... pra ela merecer esse tipo de tratamento. Calma. Porque nem toda a gente merece esse tipo de tratamento. São coisinhas típicas da terra.

Glória Sá: Sim, sim, sim.

Eles estão a manter e ainda bem. Fiquei deveras surpreendido. Porque, falar bem, toda a gente fala. Embora às vezes não saibam aquilo que dizem.

Glória Sá: Pois, mas pelo menos usam as palavras caras, não é?

Sem dúvida. Continue.

Glória Sá: Então, portanto, começou a trabalhar, então, na... Nessa oficina...

Serralheria.

Glória Sá: Serralharia. E como é que começou a jogar futebol?

Houve um indivíduo que... Antigamente, como eu disse, havia espaços. A gente jogava... Oh, se a gente tivesse um espaço destes, a gente fazia um...

Glória Sá: Um campeonato.

Jesus, fazíamos um torneio. Sem dúvida. Nas travessas, naqueles poucos espaços, a gente jogava à bola. Em qualquer lado... Não havia muitos carros também, antigamente. Estamos a recuar... Há quantos anos? Cinco...

Glória Sá: Mais de cinquenta.

Quarenta e cinco... Não, pá. Vai embora. Acabou a entrevista. Mais de 50? Acabou.

Glória Sá: Não, não.

Quarenta e cinco.

Glória Sá: Ok.

Não, quarenta e cinco. Não, quer dizer... Eu com sete ou oito anos. Eu tenho sessenta e dois. então é quarenta e cinco. Sete, oito, nove dez... Essa idade... doze... Quarente anos. Não havia aqueles carros que existem hoje em Portugal. Por exemplo...

Glória Sá: Esperr lá. Se tem sessenta e dois, foi há cinquenta anos.

Acabou a entrevista. Eu pensava que esta a pôr quarenta e cinco.... Você também não perdoa nada. Há mais de cinquenta anos.

Glória Sá: Isso foi o que eu disse.

My God. E é verdade Glória... Pra onde é que foram estes anos todos?

Glória Sá: Sei lá... Então, vocês brincavam assim na rua?

Nas ruas...

Glória Sá: E foram-se aperfeiçoando.

Não, e depois havia muitos torneios, sabe? Houve pessoas que tentaram... Havia muitos moços. Muitos moços nas ruas. Sempre houve. Hoje vão por os caminhos. Mas como havia muita malta nas ruas... Moços de sete, oito, dez, doze, treze anos, aparecia sempre alguém que tentava juntar os moços todos no futebol e fazia um torneio. Essa pessoa chamava-se Cassiano. Cassiano. Era um trabalhador de função pública, trabalhava na praça e jogou no

Olhanense. Então, ele procurava sempre ocupar os moços. Então, fazia torneios de futebol. Torneios isto é, arranjava a si. Você fazia uma equipa. Você automaticamente tomava conta de dez ou doze moços. Arranjava-me a mim, eu fazia outra equipa, eu tomava também conta de sete ou oito moços. Agora ponha sete, oito, dez equipas. Já viu quantos moços estão envolvidos? É muita gente. É muito moço. Era a nossa ocupação. Era o que a gente fazia. Depois fazia o torneio. Havia espaço. E depois, ao fim da tarde, lá prás cinco, seis horas, havia dois, três jogos e aquilo fazia-se um verão todo. De inverno não. De inverno a chuva e aquilo, não dava. Mas era a nossa ocupação. E claro, como eu... Por exemplo, como era um vaidoso, eu preocupava-me a jogar futebol. Eu não fazia certas e determinadas coisas, só por causa do futebol. Acredite. Eu nunca fumei. Até à idade de 20 anos nunca fumei. E no entanto, o meu pai tinha lá tabaco avulso e eu podia ter fumado. Beber também não bebia. Tinha cuidado. Eu queria ser jogador de futebol. E como eu, houve muitos miúdos que também fizeram a mesma coisa. Houve outros que não ligaram, mas era uma maneira, dentro daquela pouca educação que nós tínhamos, aproveitar-se alguma coisa. Esse senhor, o Cassiano, fez muito, muito, muito mesmo pla nossa... pla minha juventude, pla minha criancice e tudo mais. Eu ia... Eu já andava a estudar de noite, eu trabalhava numa oficina que se chamava Zé da Horta, já tinha quinze anos aí. Tinha quinze anos. Já o meu pai tinha morrido. Eu saía às seis horas. Eu entrava na escola às sete e um quarto. Eu saía às seis horas da oficina, eu ia pro parque pra jogar à bola aquela meia hora. Eu não comia sequer. Eu nem comia, só o vício do futebol era tal... Ainda bem que foi só o futebol. Podia ser outra coisa qualquer. Mas era tal que, se eu não fizesse aquilo, já não estava bem.

Glória Sá: E no parque encontrava-se com outros jovens pra jogarem?

Era um parque onde jogavam basquete, só que o senhor, o senhor Cassiano, tinha aquilo dentro daquelas uma ou duas horas, o Olhanense dispensava-lhe daquele espaço, pra ele pôr as crianças todas lá a brincar à vontade delas. Era assim. Era uma criança saudável. Uma juventude saudável. Não se pensava em discotecas, nem em drogas, nem... Não quer dizer que não (ininteligível 00:47:25) Mas a minha preocupação era só o futebol.

Glória Sá: Portanto, o seu pai morreu quando o Manuel Pedro tinha que idade?

Catorze anos.

Glória Sá: Catorze anos? E ele?

O meu pai tinha sessenta e quatro.

Glória Sá: Então ainda era jovem. Relativamente.

Tinha mais dois, praticamente. Mais dois anos.

Glória Sá: E a sua mãe ficou então com quatro filhos pra criar por ela própria? Também não deve ter sido fácil pra ela.

Quatro não. A minha irmã já estava aqui.

Glória Sá: Já estava aqui?

A minha irmã já estava cá. O meu irmão está na Marinha, o que morreu. E sou só eu e a minha irmã mais nova. Que eu tenho uma irmã que tem menos dez anos do que eu. O meu pai com sessenta e quatro, ainda fez a minha irmã. E aí é que eu aprendi a viver, essa fase.

Como eu disse, eu não precisava de ninguém. E de repente, passei a precisar de toda a gente. Esta é a realidade da minha vida. E fui depois viver pra Lisboa.

Glória Sá: Como é que foi isso?

Acho que o dia inteiro não vai dar pra minha entrevista. Como é que foi?

Glória Sá: Nós ainda temos muitos dias.

Não, como é que foi? Foi porque minha avó, mãe da minha mãe, vivia em Lisboa, Rua de Arroios, Segundo Esquerdo. E depois do meu pai morrer, o meu pai deixou taberna e casa própria, que tinha. Isso desapareceu tudo. O armazém de peixe já tinha... Tenho um tio, não sei se ainda é vivo, se não. Tenho mais tios, tenho alguns quatro ou cinco. Um deles levou o dinheiro todo na taberna. A taberna foi vendida, ele tinha uma loja em Lisboa. Houve prali uma história... Já lá vou. Isto tem tudo um seguimento. Quando fui viver pra Lisboa, foi porque a minha mãe sentiu-se sozinha. O meu pai morre, vendeu a taberna, a casa ainda não. Nessa altura ainda tínhamos casa. Fomos viver pra Lisboa. Eu tinha... catorze, quinze anos e minha avó tinha uma casa enorme e alugava quartos. Eu paguei o quarto. Eu pagava cinco escudos pra tomar um banho de água quente ao fim de semana, comadre. Na casa da minha avó.

Glória Sá: Na casa da sua avó.

A minha avó... eu tive...

Glória Sá: Mas a sua mãe mudou-se também pra Lisboa? Viviam todos na casa da avó?

Vivia no quarto. Eu e a minha mãe e a minha irmã, vivíamos num quarto na casa da minha avó. A minha avó começou a mandar a vir comigo... Eu tinha quinze anos. Que o meu pai podia ter assim, podia ter assado, podia ter assado... E que não tinha deixado nada. Aquelas pessoas que só queriam dinheiro. Eu "O que o meu pai gastou, era dele." Eu tinha catorze anos, quinze anos. "O que o meu pai gastou, era dele. Os filhos, se quiserem, agora que trabalhem." O que é que eu fui dizer à minha avó. Ia-me matando. Não fui pra rua porque não calhou. Mas... Porque... A minha irmã Lena, que é mais velha, ia pra Lisboa, Glória... Ela ia pro Lisboa, mais depressa que eu vou aqui a pra *Fall River*, com tudo que era bom. O meu pai... como eu disse, ela era a princesa. O meu pai dava tudo. Bom peixe, dinheiro... Tudo. Tudo era pra minha irmã. Então ela era assim. E a minha avó, quando o pai morre, acabou-se isso tudo. Também se acabou pra mim. Eu comecei a trabalhar numa oficina de carros em Lisboa, tinha quinze anos. O meu tio veio de Macau, que era capitão do exército. Esteve lá dez anos, casou lá. Tenho uma tia que se chama... Não me lembro agora do nome dela. Uma joia de senhora.

Glória Sá: É macaense?

Macaense mesmo. Casou lá. Macaense. Não me lembro agora o nome. E tenho dois primos, todos eles são médicos, acho eu. E médicos nos hospitais, qualquer coisa em Lisboa. Bem na vida. Eu chego da oficina... Como eu disse, tenho uma irmã também. A minha mãe estava a trabalhar, a fazer de cozinheira num restaurante qualquer em Lisboa. Eu chego da oficina, comi uma posta de pescada... Uma posta que era um... Não é filete, aquilo filete é diferente. Mas uma posta. (ininteligível 00:52:00) Comi uma posta de pescada e fui pro trabalho. E estava um grande (ininteligível 00:52:05) em casa, que o meu tio tinha vindo do outro lado. Tinha vindo de Macau. E a minha avó disse-me que eu comi o comer da minha irmã. Tome

nota disto. Já viu bem? A avó! Eu apanhei... Agora, acho que fui obrigado a crescer depressa... Nessa fase.

Glória Sá: Continuou a viver em casa da avó?

Um ano. E depois fui outra vez pra baixo, Olhão, porque tínhamos a casa ainda. A casa ainda não tinha sido vendida. Eu não gostei de estar em Lisboa e depois quis-me ir embora. E depois voltei para Lisboa outra vez. Alugamos casa com a minha mãe... Diferente, sem ser a minha avó. E depois aí, eu já não queria vir embora. Já tinha lá namoradas, já tinha essas coisas todas. Já não queria vir embora.

Glória Sá: Em Lisboa.

Mas aí... Possas... apanhei muito pontapés. Palavra de honra. Mas, pontapés... como é que hei-de dizer? Que me ajudaram a crescer como pessoa. Eu hoje não estou a pensar em vingar-me nada daquilo que...

Glória Sá: Pois, pois.

Simplemente foi uma lição que eu aprendi. A minha avó é a minha avó. E acabou. Eu tenho tios. Eu tenho família que eu não conheço. Sei que estou a falar... Isto está a ser gravado. Mas eu tenho família, da parte do meu pai, eu não conheço ninguém. Nada. Nada. Zero.

Glória Sá: Interessante.

(ininteligível 00:53:34) Da parte da minha mãe tenho lá quatro tios. Tenho... se ainda são vivos. Que idade eu tinha? Quinze anos. Desde os quinze anos até... Já são quantos anos? Que eu nunca mais... Onde é que está essa gente? Essa gente também tem família. Também tem filhos. (ininteligível 00:53:59)

Glória Sá: Então, depois de estarem em Lisboa voltaram novamente pra Olhão?

Olhão.

Glória Sá: A família... O Manuel Pedro, a sua mãe e a sua irmã.

E depois veio pra mim, veio a guerra, o ultramar.

Glória Sá: Portanto... Quando voltou para Olhão voltou a ir trabalhar...

Na oficina e a jogar futebol.

Glória Sá: E a jogar futebol no Olhanense.

No Olhanense. Aí foi quando... Comecei a jogar futebol. Espera aí. Comecei a jogar futebol à idade de juniores, dezassete, dezoito, tal, tal. Depois quando acaba-se de juniores, o Olhanense quis fazer contrato comigo. “Quanto é que paga?” Pagava pouco, eu não quis. Eu não quis. Então fui jogar com o outra equipa. Eu preferi trabalhar, aprender um ofício do que estar a ganhar mil escudos. Eu ganhava três ou quatro a trabalhar, porque é que ganhar só mil, a estar a jogar futebol? Eu não.

Glória Sá: Foi jogar pra... Qual era a equipa?

Desportivo de São Brás.

Glória Sá: Sabras?

São Brás. São Brás de Alportel.

Glória Sá: Sao Brás de Alportel.

Ok. Fui pra lá jogar. Joguei no... Primeiro ano joguei no desportivo e no segundo ano os gajos fizeram a fusão... Fizeram a União Sambrasense. Eu sou do primeiro ano da União Sambrasense. Por acaso, tenho que dizer à minha mulher que é pra ir ver isso. Tenho lá fotografias muito interessantes. Eu não tenho nada. O meu passado futebolístico é um zero à esquerda e eu tive lá. Joguei em Angola. Joguei no (ininteligível 00:55:39) e não tenho nada. Nunca fui vaidoso pra tirar fotografias, pra tirar essas porras todas. Nunca fui. “Quem é aquele? Não é (ininteligível 00:55:50)” Então, passa-me ao lado. Fui sempre assim. Mas... O que eu estava a perguntar? Já me esqueci.

Glória Sá: Voltou prra... Portanto voltou pra Olhão. Foi a jogar pra...

O Desportivo Sambrasense.

Glória Sá: O Desportivo Sambrasense e a trabalhar novamente numa oficina de quê?

De serralharia civil. Fazer portas, corrimões, janelas, aqueles gradeamentos... Eu trabalhei todo o algarve e depois vem a guerra, no ultramar. Sou mobilizado pra tropa.

Glória Sá: Que idade é que tinha?

Vinte.

Glória Sá: Vinte?

Vinte. Vinte anos. Tive que ir. Ninguém me perguntou nada, eu tive que ir.

Glória Sá: Pra onde é que foi assentar praça?

Largos.

Glória Sá: Largos.

A melhor terra do Algarve.

Glória Sá: Pensei que era Olhão.

Isso é (ininteligível 00:56:43). Não. Pra se viver. Só que é muito ventoso. Palavra de honra, Lagos como cidade, não tem nada a ver com Olhão. Olhão é... como hei-de dizer? Olhão é a minha terra, é a melhor do mundo, encantado da vida. Mas, pra viver... se me perguntar a mim, no Algarve onde é que eu vou viver eu? Digo... recomendo-lhe Lagos, só que é ventoso. Tem muito vento. Mas como cidade, linda, impecável. Pra mim. Continue.

Glória Sá: Não. O Manuel Pedro é que ...

Eu não sei. Já perdi o fio à meada. Onde é que eu ia?

Glória Sá: Assenta praça em Lagos.

E agora o quê? Quer que lhe diga o nome do Alferes? Não o sei.

Glória Sá: Não, não, não. E depois...

Ah, ok. Pra onde é que eu fui? Depois de Lagos estive lá três meses tirar os... Como é que isso se chama? Tenho um nome... Tenho um nome técnico. Já não me lembro. De Lagos fui pra Torres Novas. Não. Não, Figueira da Foz. Lagos. Aprendi a conduzir. Puseram-me um carro nas mãos. Um Mercedes. Não podiam pôr qualquer porcaria. E depois fui tirar o estágio pra Rap três na Figueira da Foz. Na Figueira da Foz também... É só um (ininteligível 00:57:57). Estive lá... Recuando um bocadinho.

Glória Sá: Sim, sim.

Eu explico. Recuando um bocadinho. Há bocado, quando eu disse, falando do inverno em Olhão que as traineiras paravam aqueles três meses. Houve também malta que, em vez de preferir ir à conquilha, iam pra Figueira da Foz, iam pra outros sítios à pesca, daquilo que eles sabiam. E eu, a minha sorte quando vou pra Figueira da Foz lá pra Rap três, tirar a especialidade de BRUE de condutor, encontrei um casal, um desses casais de Olhão, que tinha emigrado pra Figueira. Vieram à procura de trabalho e ele era o tio Carlos e a senhora, não me lembro o nome. Só que tinham... moravam ao pé de mim, conheciam a minha mãe, o meu pai, tinham filhos da minha idade e da idade do meu irmão. Então, aquilo foi como se fosse... Os deles estavam na tropa, noutros lados e eu, quando cheguei lá, fui como se fosse... fui tratado durante aqueles três meses, como filho deles. Juro que foi mesmo como um filho. Eu comia lá, eles faziam tudo e mais alguma coisa por mim.

Glória Sá: E não tinham que pagar pelo duche?

Nada! Tudo! Tudo! Tudo! Durante os três meses que eu lá estive, Glória acredite, eu fui o filho deles. Os filhos estavam ausentes, então eu fui considerado o filho deles.

Glória Sá: Portanto, estava na tropa mas não dormia no quartel?

Não, tinha que ir dormir ao quartel.

Glória Sá: Ah, ía dormir?

Não, comia com eles... Não dormia... nunca quis, porque podia... há outra maneira de fazer pra se ausentar do quartel mas chegava sempre... Era sempre o último, à uma da manhã, porque tinha todas as regalias fora. Esse casal, eu fui o filho deles, durante aqueles três meses que eu lá estive. E depois daí fui depois pra Torres Novas. Torres Novas, malta do futebol que eu conhecia, tive lá com eles. Blablabla. Queriam que eu ficasse lá pra jogar à bola no Torres Novas. Não deu. E depois de Torres Novas, Santa Margarida. Santa Margarida, Ultramar.

Glória Sá: Pra onde?

Angola.

Glória Sá: Angola?

Luquembo.

Glória Sá: Luquembo?

Eu era da CCS.

Glória Sá: Em Angola pra onde é que foi?

Luquembo.

Glória Sá: Luquembo?

Luquembo.

Glória Sá: Luquembo é assim?

Luquembo, yah. Luquembo Eu, o meu batalhão... Temos, isto é um sítio, depois tem Nova Gaia tem Sautar e tem o Luando. Quatro bases... o batalhão dividiu-se...

Glória Sá: Por quatro bases.

Quatro bases e esta onde eu fiquei é a CCS. CCS significa onde está a chicalhada toda. Sabe o que é a chicalhada? É os oficiais todos. Os oficiais todos. Desde o Major, o Tenente Coronel, aquele... Os chiques todos. E depois os indivíduos de Malanje, que isto fica desviado do Malanje, praí uns duzentos e setenta quilómetros.

Glória Sá: Malanje?

Malanje, yah. Aí já é uma cidade, foram lá pedir pra eu jogar a bola no Sporting de Malanje. Eu e o moço, o Marcos, da Póvoa Varzim. Fomos os dois que jogamos lá durante dois anos. Jogamos lá futebol pro Sporting de Malanje. Íamos pra um hotel, íamos de avião.

Glória Sá: Quanto tempo é que ficavamos lá?

Fim de semana.

Glória Sá: Fim de semana?

Mas, pra lá era tudo bom. Como era condutor ou ía de... fazia o reabastecimento... Sabe, a gente tinha que ir buscar o comer a Malanje, era camionete. Sabe o que é uma *berliet*? Um camião, um carro pesado grande e a gente...

Glória Sá: Era francês?

Berliet francês. *Berliet Tramagal* lá do...

Glória Sá: Tramagal eu sei.

E eu fazia, como era condutor, quando dava... Quando eu era escalado pra ir aproveitava e ficava lá a jogar à bola. Mas quando não era, tinha que ir de avião, ou tinha que ir de machimbombo, fosse como fosse.

Glória Sá: O que é que é machimbombo?

É o autocarro partido ao meio. Porque atrás... atrás é... atrás é... como é que eu hei-de dizer? É mobílias, é galinhas, é porcos, é tudo e à frente é as pessoas, passageiros

Glória Sá: À frente é autocarro e pra trás é camião.

É mercadoria. Exato, é machimbombo. Machimbombo, eles chamam machimbombo. Eu ficava num hotel, pra jogar no domingo. Ía no sábado.

Glória Sá: E os treinos, como é que treinavam?

Qual treinos? Então, treinavam no mato, pra quê treinar. Mas a gente ia e pagavam.

Glória Sá: Ah, sim?

Pagavam um xis, ainda. Yah.

Glória Sá: Quanto é que...?

Cem escudos, cento e tal escudos. Eu nunca fui... como é que hei-de dizer? Oportunista. Tive, por exemplo... Ao fim do ano, tropa, qualquer soldado, que se poste bem, tem um mês de férias. Não tem (**ininteligível 01:03:20**), chega ao fim de um mês, tem um mês de férias. Eu tive esse mês de férias, e deu pra mim. Não tenho dinheiro nem pra ir de férias, nem pra ir ao continente de férias. Continente é ir a Lisboa, ou coisa assim. E estou lá com os meus amigos, que são senhores que... Diretores de futebol. Agora, ele tinha um BMW. Eu não tinha, você tinha, e emprestava-me. Palavra de honra. Eu não estou a brincar. Um indivíduo chamado Sousa, era o caixa do banco de Angola em Malanje. Ele só me dizia assim... Um BMW, quatrocentos e tal... impecável. Novozinho, ele comprou. “Pedro, vai dar uma voltinha, Pedro”. Chamava-me Pedro. “Pedro, vai dar uma voltinha. Ele ia trabalhar e eu ficava... Chegaram a dar-nos com as mulheres nas discotecas. Eu não tinha dinheiro.

Glória Sá: Mas aparecia lá com a máquina.

Não interessa. Onde é que eu ia? Estava a falar de quê?

Glória Sá: Estava a falar da sua experiência no Ultramar, de ir jogar para Malanje. Que umas vezes ia de avião, ficava em hotel... Já sei, já sei. Dizer que chegou a altura de ter um mês de férias, mas não tinha dinheiro pra ir de férias.

Ok. Só pra ver o tipo de pessoas. E, como eu disse, os diretores de futebol. Malta que eu o conheci lá. Eu ficava lá em Angola. Acredite, juro. Não estou a brincar. Se não tenho os meus irmãos aqui, porque eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, eu vinha cá parar. Eu ficava lá. Tinha tudo pra ficar. Esse senhor, agora não lembro o nome dele. Tinha também dois filhos, que também jogavam comigo. Tamos num restaurante lá, mais bar, beber um vinho e tal. Começo a desabafar com o senhor... Quero dizer o nome e não me lembro. “Agora tenho um problema.” “Qual é o problema?” “Tenho um mês de férias e ainda tenho dinheiro pra passar férias.” “O que é que tu sabes fazer?” Perguntou-me essa senhor a mim. “O que é que tu sabes?” “Sou serralheiro, sei soldar, sei isto e aquilo.” “Vem trabalhar pra mim.” O que é que ele tinha? Tinha uma pequena oficina. Quase parecido um *junkyard*. O que é que ele fazia? Fazia atrelados pros gajos levarem pro mato. Eu trabalhei uma semana, ganhei dinheiro pra passar o resto do mês todo de férias. Fiz isso durante os dois anos.

Glória Sá: Ah, sim? Portanto, era uma semana a trabalhar pra ele e três semanas de férias.

Três semanas fora.

Glória Sá: E ele fazia o quê?

Ele era o diretor do Instituto de Algodão em Malanje.

Glória Sá: Do Instituto de quê?

De Algodão em Malanje.

Glória Sá: Em Malanje.

Era o que aquele senhor fazia.

Glória Sá: Mas disse também que ele fazia, não sei o quê, pra levar pro mato. Eu não percebi.

Não, os atrelados.

Glória Sá: Ah, os atrelados.

Os atrelados.

Glória Sá: Pois, pois, pois.

Era tudo ferro direito e soldar e acabou. Pra malta usar lá, que eu fazia. Aquilo era... Em português chama-se uma sucata, uma sucataria.

Glória Sá: Era sucateiro?

Uma espécie disso. Tinha lá ferro pra lá que nunca mais acabava. E eu fiz isso durante dois anos.

Glória Sá: Portanto, quanto tempo é que ficou em Angola?

Vinte e cinco meses e oito dias. Está tudo contado.

Glória Sá: E nunca fez combate?

Não me ofenda, se faz favor.

Glória Sá: Não, estou a perguntar. Perguntar não ofende.

Como é que hei-de dizer? Vi. Como eu disse, isto era a companhia dos oficiais. E eu e um compadre alentejano... É por isso que hoje não me ofereço voluntário. Nem pra comer. Já estávamos fartos de estar lá naquela companhia, oferecemo-nos voluntários pra outra companhia. Como eu disse, uma é Luquembo, outra é Sautar, outra é Luando, outra é Nova Gaia. Fomos parar a Luando. Luando é onde estão as quedas de água. Onde os gajos matavam os pretozinhos de vez em quando. E o que é que acontece quando eu lá chego? Uma mina, um carro ficou sem as rodas de trás.

Glória Sá: O carro que vocês iam?

Não o meu, um carro civil, que ia levar comida a uma sanzala qualquer. Claro, eu tou a voluntário e sou logo o primeiro. Cabrão de alferes. Eu e o alentejano. Eu a conduzir o carro pesado, que eu tirei a especialidade. Fiquei um mês em Luanda a aprender a conduzir aquela pescaria. Não a aprender a conduzir. A fazer a manutenção daquela porcaria. A *Berliet*. Quando cheguei à minha terra, pensava que era Fitipaldi. Palavra de honra, ia matando todos. Mas, isso é outra história. Quando... Estou nessa companhia de Saltar, porque... Eh Glória... Eu tinha lá um tenente, na minha companhia, em Luquembo... O gajo era um... Tinha inveja de mim. Como ele jogava a bola, ia pra fora, eu e o outro moço. O gajo estava sempre em cima da gente. O meu cabelo, eu nunca usei o cabelo grande. O gajo... “Sr. Pedro, Sr. Pedro. Você não recebe o ordenado. Você tem o cabelo muito grande”. “O meu cabelo é rico”. Era o que eu dizia. O meu pai já tinha morrido, sei lá há quantos anos. “O meu pai é rico.” E não recebia. E pronto. E naquela vez, deu pra ir para outra companhia. Cheguei lá. Pumba. Logo

um acidente. Uma mina antipessoal. Lá fui eu. Como estava lá voluntário, primeiro, à frente. O Alferes, operações Especiais. Aqueles vaidosos de merda, que não prestam pra nada. Eu não o gramo. Pode ficar gravado, que eu não interessa. Quando eu vejo Operações Especiais, é uma boa merda. O O ar de macho é que faz tudo. O ar de macho era eu. Desvalorizar-me a mim próprio, mas nós é que estamos na frente de tudo. E o homem, Glória, ele matava os pretos... Eu tinha o carro cheio de gente. Tinha alguns quinze ou vinte gajos em cima do carro. Soldados. Eu era o condutor e o Alferes ao meu lado. Ele matava pretos, ele comia pretos, ele cozinhava pretos. O que é que o homem fazia aos pretos? Sempre a falar. E eu calado. Ele a fumar um cigarro e eu... Sempre a mandar vir. Chegámos ao local. Cinco de Maio, nunca mais me esqueço. Chegámos ao local. O carro está... É picada. Não tem mais nada pra fugir. É o caminho. Está no meio do caminho. As rodas de trás foram-se embora. A mina rebentou as rodas de trás. Eu estaciono aqui atrás dele. O meu carro também é grande. A malta toda, os soldados e o Alferes mandou os gajos picarem a estrada. Não há aqueles detectores de minas. Não tínhamos aqueles detectores de minas todos sofisticados. Era um bocadinho de vara.

Glória Sá: E quando arrebentava...

(**ininteligível 01:10:15**) Dez, quinze minutos. Não, não encontraram nada. O que é que tinham que fazer? Levantar o traseiro do carro pôr um tronco pra depois eu poder rebocar o carro pra sanzala.

Glória Sá: E de quem era o carro? Era de...

Era civil. Ia carregado de comidas e sacos disto e sacos daquilo.

Glória Sá: Portanto, era um camião?

Era um camião. Um desses camiões grandes. Carregado de comida. Sacos e mais sacos. Só que, quando há um acidente desses, uma mina, a tropa é logo chamada. E eu estou alí sentado, em cima das luzes do meu carro. Eu, nem arma nem nada tenho. Estou alí como estou aqui. Glória... E os homens estão ali a trabalhar. Há um preto que vem... Como é que eu hei-de dizer isto? Espera. Eu quero explicar isto de maneira que... Ok. Eu estou assim. Faz de conta que estamos virados... Os carros estão ali. Isto é... Eu estou sentado em cima da luz do meu carro e aí, onde você está, é outra luz. Estão ali a trabalhar. Há um preto que vem a saltar por aí. Bumba! Rebenta uma mina aí. Onde você está sentada. Ficou sem a perna. Eu estou aqui. Eu sei que fui parar fora da estrada, fui parar. pra dentro do mato. Os outros por cima de mim. Portanto, eu devo ter sido o primeiro. Eu não sei. O preto ficou sem a perna.

Glória Sá: Era soldado também?

Era tropa. Era tropa.

Glória Sá: Vocês estavam em cima da mina sem saberem.

Sem saber. No entanto, eles andaram lá todos a picar.

Glória Sá: Ok.

E o homem só pisou o chão e ficou...

Glória Sá: Ficou.

Rebentou. (**ininteligível 01:11:50**). A nossa sorte foi que ninguém disparou. Porque já viu? Você está naquele lado da estrada. (**ininteligível 01:11:57**) no outro lado, a gente matava-se uns aos outros. Sem merda nenhuma. A gente matava-se uns aos outros. Sem... A razão foi a mina. Está bem, ok. Há uma razão, mas a gente matava-se uns aos outros se algum desgraçado tem a triste ideia de disparar. Aquilo lá se acalmou um bocadinho. Os primeiros a irem pra picada, sabe quem foi? Os gajos da PIDE. Os gajos da PIDE foram os primeiros. Foram à picada buscar o soldado ferido. Puseram-no no jipe deles e levaram-no pra Companhia Operacional.

Glória Sá: Portanto, a PIDE andava com vocês também?

Aham. Luanda... exato. Luanda era onde tinha o posto de... Não vou dizer tortura, porque é uma palavra pesada, mas... se calhar era onde mandavam... Eles mandavam pros jacarés.

Glória Sá: Interrogações.

Interrogações. Eles mandavam pros jacarés, cá em baixo. Eles matavam-os lá, as quedas eles empurravam lá de cima. Os PIDE. Aquilo também não é fácil? São pretos. Sei lá se é (**ininteligível 01:12:26**) se não é. A gente não sabe. Vi tantos... Vi tantas coisas que não consigo dizer, este é, aquele não é. Eles procuravam saber e mataram muita gente lá, nesse sítio onde eu estou, nessas quedas, que eram umas quedas. De vez em quando, eles empurravam lá de cima. Os jacarés cá em baixo tratavam deles. Mas, deixa-me acabar esta história. Ainda não acabou aqui. Esse tal Alferes, das Operação Especiais, engoliu um rato. Nunca mais falou. Fizemos... Isso depois, isso acalmou. Fomos e fui, reboquei este carro, fui pôr lá à frente...

Glória Sá: Ninguém morreu?

Não. Foi só este marreco que ficou sem a perna. Sem a perna. Fui pôr lá à frente o Alferes, perdeu a voz. Emudeceu. Nunca mais disse nada. Eu é que lhe oferecia um cigarrinho de vez em quando. Quando viemos pra trás, sabe o que é que esse sacaninha me fez? Uma subida, Glória. Uma subida? O que é que é uma subida? Estão subidas as subidas. Quem é que manda-me parar? Estava o carro abandonado, porque tinha ido outro carro, outro camião, tirar a comida que o sinistrado tinha, então tirou a comida e andou pra frente. Foi pra o outro lado. Pegou o carro. Então, quando a gente volta pra trás, este carro está prado no meio duma subida. Glória, aquilo não é normal. No meio do mato, um carro abandonado. O que é isto? Esse Alferes, operações especiais, mandou-me parar. Mandou saltar o pessoal todo dele. Depois, disse-me assim “Agora você vai se pôr à frente daquele carro”.

Glória Sá: Pra quê?

Porque ele mandou. São ordens dum oficial. Você, na guerra, você só obedece. Não pergunta porquê, não pode. É por isso que às vezes quando vejo coisas aqui, fico assim... Não dá, não faz sentido. Eu fiz. Foi a primeira vez na minha vida que eu conduzi com a porta aberta e G3 nos joelhos. Se eu ouvisse um gato miar, um gato que fosse, eu abandonava o carro. Mas, onde é que o homem tem o juízo de mandar-me a mim? Se está lá um desgraçado qualquer, era logo... era eu. Mas como é que...

Glória Sá: Pra ir ver se estava alguém?

Pra ir ver o quê? Mas, que tipo de Alferes são estes de operações especiais? Que merda é esta? Por isso que eu não os gramou. E foi assim... operações especiais. Vá lá que não aconteceu nada.

Vou ficar por aqui, então.

Só aconteceu essa vez, fica gravado, uma pessoa nunca se esquece, não é? Porra, às cinco e meia da tarde.

Glória Sá: Então, hoje é quinta-feira. Dia... quantos?

Não faço a mais pequena ideia.

Glória Sá: Eu também não sei.

(ininteligível 01:15:54) É o descontrole. É catorze, quinze...

Glória Sá: Como é que isto...?

Catorze, quinze.

Glória Sá: Espere lá.

Dezesseis. Acho que hoje é dezesseis. O telefone diz aqui, espere aí. Tenha calma. Dezessete. Janeiro, dezessete. Está aqui.

Glória Sá: Está bem, mas eu estou a ver se apago isto. Mas não sei como é que se faz. Bem, de qualquer maneira. Portanto, são... É quinta-feira, dezessete de Janeiro e estou novamente com o Sr. Manuel Pedro Pereira. Para...

Acabar.

Glória Sá: A nossa entrevista e estávamos a falar que, da última vez que falámos, estava o Manuel Pedro em Angola. Estava na tropa. E tinha-me relatado um incidente que aconteceu no dia cinco de Maio de quantos?

Setenta e dois.

Glória Sá: Setenta e dois. E ficou lá muito tempo? Ficou muito tempo em Angola?

Vinte e cinco meses e sete dias. Tudo era contabilizado. Todos os dias nós riscávamos no calendário um dia a menos. Porque aqueles dois anos custavam muito a passar.

Glória Sá: E depois de Angola, regressou a Olhão?

Espera aí, ainda tenho mais uma pequena história pra contar.

Glória Sá: Ah, está bom.

Ok. Já que estamos a falar da guerra.

Glória Sá: Sim, sim.

A minha mulher não pode ouvir falar da guerra, mas está bem. O meu comandante... O meu comandante... Nós fomos, quando saímos do continente, fomos para o ultramar. Fomos pra uma zona que ninguém conhecia. Completamente desconhecida e habitualmente, os regimentos, ou como é que se chama, os batalhões que estão no ultramar ao fim de um ano, se estão na zona da porrada, mudam pra uma zona boa. E se estão numa zona boa, mudam

pra uma zona da porrada. Ao fim de um ano, você muda. E, como nós fomos pra uma zona que ninguém conhecia, era um... Ninguém sabia o que é que ia acontecer ali, se era boa, se era má, ficamos lá os dois anos. É raro isso acontecer. Mas, nós pagámos por isso.

Glória Sá: E qual era a zona? Como é que se chamava a zona?

Luquembo. Era Luquembo, Saltar, Luando, e mais uma. Eu era do CCS, e é formado por quatro companhias. O batalhão é formado por quatro companhias. E eu estava no meio. Vamos ver assim. Está a ver isso? Está a ver o desenho? Ok, eu estou no meio. Portanto, eu estou protegido pelos terroristas. A guerra não chega aqui. Primeiro está esta companhia, está esta, está esta. Eu estou protegido. CCS, Companhia de Comando e Serviço, é onde estão os Majores... tudo o que é graduado. Operações Especiais, estão lá. Aqui, as companhias estão no dia-a-dia, como é que isso se chama?

Glória Sá: Em combate?

Em combate. Não é combate. Ali não havia guerra. Felizmente, não havia guerra. Em combate, ou proteção, ou chamem-lhe o que quiserem, são os que estão à frente. Protegem-nos a nós. E o meu trabalho, eu como condutor do CCS, era levar os grupos de combate a ponto X, a ponto X, a ponto X. Seis, sete horas. Seis, sete horas de... Sete, oito horas de... Como é? De conduzir. Deixava os indivíduos lá e depois ia buscá-los passado uma semana. Noutro sítio, porque eles faziam a...

Glória Sá: Esse perímetro?

Esse perímetro todo. Aconteceu uma vez... É interessante. Nós formámos... Eu tinha o Major, que era o Major... O comandante era o Mário Bel de Carvalho. E o Major, o Major Murta. Mas o Major é o que mandava mais. O Major é... Disseram, não sei se é mentira, que era conhecido antigamente por Capitão Cafeteira. Capitão Cafeteira? Cafeteira porque ele bebia muito. Isto disseram.

Glória Sá: Café, ou outra...?

Não era café, não. Whiskies, ele bebia. O gajo bebia. Mas o Mário Bel de Carvalho foi o gajo que trouxe o Eusébio pro continente. O Eusébio do Benfica. No barco. Quando o regimento, o batalhão, veio de Moçambique, de onde o Eusébio é, pro continente, o Mário Bel é que o trouxe. Mário Bel de Carvalho. Era o Tenente Coronel. Uma jóia de senhor. Uma jóia de senhor. Quando eu fei jogar a bola, quando os indivíduos lá foram... do Malanje, foram pedir pra eu jogar à bola, eu e um rapaz que era o Marques, que era da Póvoa de Varzim foi nesse ano. No ano que foi mobilizado pro Ultramar, era pra ir jogar pro Porto, o meu comandante chamou-me e disse-me "Sr. Pedro, Sr. Pedro, o senhor vai jogar a bola, mas eu não sei de nada". Queria-me ele dizer com isso, se eu tivesse o azar de partir uma perna "Olha, desenrasca-te" era isso que ele queria dizer. Mas, onde é que eu ia? Tantas coisas, perco o fio à meada. Onde é que eu ia? Estava a falar de quê?

Glória Sá: Estava a falar de levar os combatentes ao lugar, a...

Nós fomos... Esse Major Murta... Aquela zona, como era uma zona que ninguém sabia o que é que estava lá. Tinha um quartel, mas era um quartel muito velho, não tinha condições nenhuma. Nós fizemos o quartel novo. O Major Murta punha o pessoal a trabalhar. Se é pedreiro, tem um trabalho das oito às cinco. Ele escalonava esse pessoal... Carpinteiro, vai prali. Toda a gente tinha trabalho. Toda a gente, estando no quartel, tinha que realizar trabalho. Tanto é que... Era uma jóia de Senhor. Ele dizia, Quando nós logo chegarmos lá,

ele disse-nos, na formatura “Meus amigos...” Não eram meus amigos. “Meus meninos”. Ele tratava a gente como meus meninos. “Meus meninos, é preciso três coisas para se passar uma boa Comissão do Ultramar”. A Comissão do Ultramar são vinte e cinco meses. Vinte e quatro, dois anos, a Comissão *whatever*. “São, é preciso, boa alimentação, descanso e trabalho”. Isso, Glória, nós tivemos. Ele escalonava todos os dias na formatura, pessoas para trabalhar, praqui, prali. Ele... é como se fosse uma empresa. Ele, geria aquilo... ele geria, o quartel, como se fosse uma empresa. Nós chegávamos “Meu Major, precisava de oito diazinhos de férias.” “Tudo bem, podes ir.” Porquê? Porque você trabalhava. E nessa alimentação, do tipo de alimentação, muita malta... Isso é uma das coisas que muita malta diz que no Ultramar, comia-se mal. Eu comi sempre bem. Felizmente, o dia que eu comia-me mal, eram os dois dias que era peixe. O avião ia lá fazer o reabastecimento, ia lá levar o peixe e a fruta, à quarta e à sexta. E levava o correio. Isso é uma das partes fundamentais da tropa. E o que é que levava? O peixe. Ora, estar a cozinhar peixe, ou fritar peixe, pra 200 pessoas, aquilo sai uma confusão de ninguém... Pra quem conhece peixe, não come. E isso é o que me acontecia a mim, eu ia comer, nesses dias, ia comer carne de caça, num restaurantezinho que havia lá. Carne de caça, carne de (ininteligível 01:23:42), ou *whatever* o que fosse, é que eu comia. É interessante, mas era assim.

Glória Sá: Então, que tipo de peixe é que eles levavam? Era peixe fresco ou congelado?

Tudo congelado. Mas eram charros e cavalas, e peixe assim, de segunda, digamos assim. Pra quem conhece peixe, já não comia. Mas, estava lá. E nunca lhes faltou. E, por exemplo, eu dizia assim, ao vago-mestre... O vago-mestre era o ferreão, um ferreão, é a pessoa encarregada do rancho. Estão lá, duzentos homens e ele tem que dar ordens, ao cozinheiro, àquela gente toda, para o que é que vai ser a refeição do dia. O almoço e o jantar. O major chegava lá “O que é que vais dar hoje ao pessoal?” Perguntava ao vago-mestre “O que é que vais dar hoje ao pessoal?”

Glória Sá: Perguntava a quem?

Ao vago-mestre.

Glória Sá: Vago-mestre.

Vago-mestre. É o ferreão, a responsável...

Glória Sá: Que gere a cozinha?

...responsável pela cozinha. O responsável pelos... Como é que isso se chama? Isso tem um nome próprio. Os géneros. Que é a cozinha, que envolve tudo. A cantina também. Bebidas. “Ah, meu Major, eu vou dar um bife com batatas fritas e um ovo a cavalo”. E o Major dizia assim “É uma salada”. “Major, mas não há salada”. “Desenrasca-te”. E a salada aparecia. Eu tive a sorte... Palavra de honra. Eu tive a sorte de ter um Major que realmente zelava pelo soldado. Porque passei por sítios... Voltando agora... recuando agora um bocadinho. Quando eu disse que nós estivemos dois anos no mesmo sítio, nós pagámos por isso. E o que é que pagámos? O nosso comandante, o Mário Bel de Carvalho, que era o comandante do (ininteligível 01:25:33), ofereceu os condutores e os carros a uma companhia operacional. Foi negociado. Quer dizer, pra não mudar de sítio, você tinha que dar alguma coisa em troca. E o que é que deu? Deu os carros e os condutores pra servir naquela companhia, que eu não sei, já nem me lembro onde é que era aquilo. E eu estive lá. Eu fui lá. Estupidamente eu fui lá.

Glória Sá: Mas era uma companhia militar ou era?

Militar. Tudo era militar. Tudo era militar. Eu conduzi dois dias pra chegar a esse sítio. Dois dias, de dia. De noite eu não conduzia. Dois dias, de dia. O meu recorde em condução está em vinte e sete horas. Seguidinhas. Que era pra vir pra Luanda. Mas, porquê? Eu fui estúpido, mais uma vez. Ao longo da minha vida, tenho sido muito estúpido. Nós éramos treze condutores numa companhia CCS, que era suposto ter uns dezassete, vinte condutores. Nós éramos só treze. Treze. E quando se aproxima o fim da comissão, todos nós tiramos a carta de condução numa escola de condução em Malanje. Não é militar. A minha carta de condução não é militar. Todos nós, os condutores desta guerra do Luquembo, tirámos a carta de condução numa escola. Pagámos. Eu paguei mil e cem escudos pra tirar a minha carta de condução. Sou profissional de carros pesados e moto. Ora, como éramos treze, doze tinham, um só é que não tinha. O comandante ofereceu os carros e os condutores. Cada vez ia três indivíduos e três carros pra zona operacional. Zona operacional mesmo da porrada. Zona... da pesada. No fim da comissão já tem vinte e três meses. vinte e três meses de comissão. Falta um só pra acabar, há um marraque. Um gajo de Setúbal, que nem sei o nome, que era um condutor. Faltava-lhe tirar a carta de condução. E ele chega para mim e diz “Manel, se não te importas, ficas por mim?” Pra essa, estava na escala de serviço, se fosse preciso ir pra outra companhia operacional, ia. Mas eu “isto falta meia dúzia de dias pra acabar a comissão. Será que ainda vou?” Então fiquei pelo indivíduo. Então, não é que eu vou parar à companhia operacional? Eu não estava nada...

Glória Sá: A pensar que isso ia acontecer.

Eu não tinha nada a que ir. Não era nada comigo. Só pro outro tirar a carta de condução. Pra ter a chance de ir a Malanje tirar a carta de condução, é que eu fiz isso. Estúpido, mais uma vez. Mas, felizmente, estive lá um mês... Um mês e... Um mês e qualquer coisa. Quando cheguei, a minha companhia já estava em Luanda. Já fiz aquela companhia... Como é o nome? Vinte e sete horas pra chegar a Luanda. Vinte e sete horas pra chegar a Luanda. Já é um bocadinho distante. E eu fiz direto. Eu não queria parar em lado nenhum. Portanto, já vê.

Glória Sá: Então... De Luanda, então, veio... Regressou a Portugal?

De Luanda... Estivemos lá uns quantos dias à espera do avião. Porque eu pra lá fui de barco e pra cá vim de avião. Mais fino..

Glória Sá: Claro.

E mais velho. Viemos de avião. Levámos nove horas de avião, de Luanda...

Glória Sá: Voo direto?

Voo direto. Voo direto. Chegámos a Luanda... sei lá... Era de noite. Fizemos o espólio. O espólio é entregar a nossa roupa, sabe? Sabe o que é isso? Entregar a roupa toda da guerra. É entregar tudo e passar à disponibilidade. Há uma coisa que eu me lembro. Curioso. Um pequeno pormenor. Quando... Quando fiz o espólio... Há dois, três gajos... Eu fiquei... Eu levei um amigo meu que era o alentejano, que foi comigo pra outra companhia operacional. O alentejano a dormir na casa da minha avó. A ficar comigo na casa da minha avó em Lisboa, pra depois no outro dia apanhar o comboio pro nosso destino. E há o... o furriel Crispim. Crispim. Nós apanhamos um táxi. Os três. Eu, o alentejano e o Crispim. O Crispim era o meu furriel da ferrugem. A ferrugem é dos carros, da condução. E... na altura de... Eu e o alentejano saímos primeiro do táxi. E o Crispim é que ficou pra pagar a despesa. Como quem diz “Eu vejo-te amanhã”. A gente nunca mais se viu. Nunca mais. Mas... “A gente vê-se amanhã.” Nunca mais nos vimos. Mas foi sem... Eu fiz sem intenção. Percebe o que eu estou

a dizer? Só, aquele momento de despedida de pessoas que estiveram dois anos ali numa situação... um bocado caricata. E naquele momento, despediram-se... à papo seco. Parece que se vão ver amanhã. Nunca mais nos vimos. Não sei nada dele.

Glória Sá: Tornou as coisas mais... Tornou essa separação mais fácil?

Oh, muito mais fácil. Mas só que... Eu depois já pensei nisso. É o que estou a dizer agora. Depois é que a gente pensou “Então, a gente nunca mais se vai ver. Como é que isso... Eu não. “ Eu... Quer dizer... Eu devo o dinheiro do táxi. Nem devo o dinheiro do táxi sequer. Ou pago. Eu vejo-te amanhã. E eu pago. São coisas que se faz... Essa ficou-me gravada realmente. Porque... Nunca mais vi o homem. Como é que eu vou pagar o dinheiro do táxi ao homem? Nunca mais. Nem faço ideia onde é que.. Boa gente. Felizmente passei...

Glória Sá: Depois ficou então... Regressou a Olhão?

Regressei a Olhão. É curioso. Você está-me a fazer recordar essas coisas.

Glória Sá: É bom.

Acredite... Ali a Olhão... Antigamente havia a Safal. A Safal era a fábrica que... Do peixe que fazia farinha. O peixe quando era em excesso que era muito barato.

Glória Sá: Era assim?

Safal. *Yes*. É isso mesmo. Esse o nome. Hoje é lá aqueles hotéis... Hoje é só hotéis de 5 estrelas. Nesse sítio. É verdade. Mas... Quando havia muito peixe. Muito carapau. Muita sardinha. Que as fábricas não consumiam. O peixe ia muito barato. Então ia pra Safal que é pra fazer farinha. E aquilo... As fábricas não estavam preparadas, não tinham exaustos. Não tinham essa... Então, o cheiro quando vinha do lado de Faro... A fábrica ficava pro lado de Faro e o vento, quando era do lado de Faro, quando era de *south west* prali, empurrava aquele cheiro pra Olhão. Era um cheiro... Fedor a peixe cozido. Imagina isso. Era terrível. A palavra era terrível. E eu quando vou de... Eu não avisei a minha mãe que...

Glória Sá: Ía chegar.

Não avisei ninguém. Nem a minha mulher. Na altura, era namorada. Não avisei ninguém que chegava naquele dia. Eu chego a Olhão com a mala às costas. A mala que levei pro Ultramar. Aquelas malas que papelão. Não é outra que canta o fado. Como é que é? O dinheiro não dava pra mais. Mas, quando passo Faro e depois apanho essas fábricas, que fica entre Faro e Olhão e esse mau cheiro, vem ao nariz... E eu digo pra mim próprio “Porra cheira a Olhão”. Palavra de honra. Felizmente, esse cheiro já acabou, porque o turista não gosta nada disso. Mas, pra quem é nativo de lá, aquele cheiro... Eu estive fora dois anos. Foi agradável sentir aquele cheiro.

Glória Sá: Interessante.

Gostei daquele cheiro.

Glória Sá: Então, chega a casa...

Chego a casa, abro a porta, põe a mala lá dentro “Mãe, tou aqui”. É só. Mais nada.

Glória Sá: E qual foi a reação dela?

Nada, beijou-me e etc. Estou aqui. É só. Inteiro, felizmente. Mais nada. De resto...

Glória Sá: E a sua mulher foi a mesma coisa? Também não sabia.

Não, isso... Oh Glória, você não vai entrar por esse caminho. Isso é outro romance. Isso então... Porque eu acabei o namoro com ela.

Glória Sá: Ah, sim?

Não vou por isso aí. Isso é outra história. Eu sei (**ininteligível 01:33:50**). Não faz sentido estar a falar disso. Eu conto-lhe, não tenho problema.

Glória Sá: Não, acho que é por isso que torna estas coisas engraçadas.

Eu não tenho problema nenhum. Se quiser pôr, ponha. Eu explico-lhe primeiro. Digo-lhe como é que foi primeiro.

Glória Sá: Não pode...

Primeiro, eu explico-lhe. Não grave nada. Depois você... Eu repito depois se...

Glória Sá: Não é preciso repetir. À vontade.

Estou à vontade.

Glória Sá: Continue então.

Como é que eu vou dizer isto? Ao fim do... A minha mulher, acho que se aborreceu... o namorado estava no... Isto é curioso. Eu pedi autorização ao meu sogro namorar a minha mulher no dia que fui pra África. No dia que fui pra Lisboa pra embarcar pra África e o meu sogro disse-me assim "Ou portas-te bem ou estou cá eu". Com isto disse-me tudo. E eu portei-me sempre bem.

Glória Sá: Era difícil portar-se mal à distância.

Claro. Mas já tínhamos... A Ilha da Armanda, você não conhece? Conhece a Ilha da Armanda?

Glória Sá: Não, não conheço...

Não conhece?

Glória Sá: Mas já ouvi falar. Ía dar passeios lá?

A quê?

Glória Sá: Íam passear pra lá?

Passear? Então, aquilo é o melhor paraíso do mundo que está ali. Eu dormi na cozinha. A cozinha, mas é uma tenda. Na altura, a minha mulher... Os pais não tinham ainda casa. Era uma tenda. Aquelas tendas têm dois quartos e depois tem uma tendazinha pequenina pra fazer a cozinha. Sabe o que é que eu estou a falar? E eu dormia na cozinha. É curioso. Ok. Mas, voltando... Ok. Quando fui pra África, namorávamos, oficialmente. A minha mulher ficou praí a apanhar porrada da mãe porque me deixou de escrever. A minha sogra acho que viu que eu tinha deixado de escrever e então perguntou à filha... "Onde é que estão as cartas?" Eram aerogramas, não eram cartas.

Glória Sá: Eu lembro-me deles.

Eram (ininteligível 01:36:00), as cartas custavam dinheiro. Eu nunca tive dinheiro. Isso é outra história. *Oh my God!* Oh Glória, você está-me a fazer recuar...

Glória Sá: Então, os aerogramas deixaram de chegar?

Não. Deixaram de chegar e a minha sogra acho que bateu na filha porque ela disse que tinha acabado o namoro comigo.

Glória Sá: Mas qual foi a razão? Foi...

Boa pergunta. Não sei.

Ela não lhe deu explicação?

Glória Sá: Aborreceu-se.

Não. Aborreceu-se. O que é natural. Ou devia ter algum outro namoro aí à volta. Há sempre uma razão pras coisas, mas...

Glória Sá: Mas ela era novinha, não é? Porque ela era mais jovem do que você.

Cinco anos do que eu.

Glória Sá: Portanto, ela tinha dezesseis anos, ou coisa assim.

Mas você pensa que eu ia pra uma velha?

Glória Sá: Nessa altura era uma diferença grande. Agora não.

Não, eu tinha vinte e um. Também não sou assim.

Glória Sá: Vinte e um...

Há quatro anos...

Glória Sá: Vinte e um, menos cinco, são dezesseis.

Não, eu tinha dezesseis. Não, estava tudo... Também não tirei proveito. Não, estava... Temos quatro anos e depois há uma altura do ano que temos cinco. Quatro anos de diferença. É a minha idade e dela. Mas... Ela deixou de me escrever. Eu queimei as cartas mesmo. É uma das histórias que a minha mulher... A minha mulher tem as cartas todas que eu escrevi. Os aerogramas, essas coisas todas. Ela tem tudo. Mas como ela me deixou escrever, eu fiz uma fogueira. E fiz. Queimei aquilo tudo. Acabou, acabou. Qual é o problema? Acabou, acabou. E depois quando cheguei... Isto é interessante. Agora vem outra história. E o indivíduo já morreu, ainda por cima. Eu pedi a minha mulher... Eu tinha pedido um jogo de cartas e dados do póquer. Sabe o que é? Ainda hoje tem esse... É um conjuntozinho. Uma caixinha. Tem duas várias cartas e os dados do póquer. Eu tinha pedido essa porcaria à minha mulher, antes de acabar o namoro. E quando eu chego do Ultramar... Tinha acabado, tinha acabado. Não tinha mais nada a ver com a minha mulher... Com a minha namorada, não é? Nem a família. Acabou, acabou.

Glória Sá: Mas queria as cartas.

Não, eu não quis nada. Eu sou frio Glória. Acabou, acabou. Eu não quero saber. Está morto. Pra mim acabou. E estou num café. E um indivíduo, assim como... daqui ali à parede. Começa a falar pra mim. Começa “Eu tenho aquilo pra ti”. E eu começo a olhar. “Mas quem é este gajo? Eu não sei quem é este gajo.” E ele a dizer-me “Eu tenho aquilo pra ti. A minha irmã tem aquilo pra ti.” E eu. “Quem é este gajo?” E fiquei na mesma. Quem era? Era um tio da minha mulher. E o que era? Era esse tal jogo que eu falei. A minha sobra foi a minha casa, da minha mãe, levar esse dito jogo. Os dois baralhos de cartas e o póquer. Aquilo é sagrado. E isso voltou-nos a juntar outra vez. Eu senti-me na obrigação de, pelo menos agradecer. E então, na altura, a minha mulher estava a viver em Lisboa. Trabalhava em Lisboa. Não me lembro o nome da casa, mas a mãe e o pai já tinham dito pra ela vir pra baixo. E eu passei várias noites a ir à espera dela no comboio. O último que é da uma da manhã, mas também andava na boa vida. Andava lá com uns marrecos. Fazia jeito e dava pra ir a esperar, a ver se ela aparecia. E apareceu uma noite e pronto e reatamos o namoro outra vez. Foi assim. Mas eu fui despedido. Eu fui posto a andar. Foi assim que voltamos outra vez.

Glória Sá: E então... Casaram-se pouco depois? Ou como foi?

Eu cheguei em Outubro de setenta e três do Ultramar. Onze de Outubro. Onze de Outubro de setenta e três do Ultramar. Depois comecei a trabalhar.

Glória Sá: Foi para o seu emprego anterior?

Yah. Fui pro mesmo. Houve um senhor que me ofereceu trabalho, mas o dinheiro era o mesmo. E eu disse “O mesmo, mesmo, aquele já conheço” O que era antes e tal... E fiquei no mesmo onde antes de ir pro Ultramar eu trabalhava. Fiquei lá no mesmo sítio a trabalhar. Trabalhei lá e depois... jogava a bola. O Olhanense veio-me buscar pra jogar a bola. Porque o Olhanense... é outra história. O Olhanense acabou-se o dinheiro. Enquanto tinha dinheiro, era pra pagar pros estrangeiros. Pros (ininteligível 01:40:56), os brasucas. Essa gente é que ganhava o dinheiro. Eu ganhava cinco contos, enquanto esses aí de fora ganhavam trinta.

Glória Sá: Como é que eles justificavam isso?

Porque era de fora. Os santos da casa nunca fizeram milagres. Não. Isto é real. E foi assim. E eu assinei contrato quando o Olhanense... Está a trabalhar isso?

Glória Sá: Eu espero que sim.

Quando o Olhanense desce de divisão. Quando o Olhanense diz... O Olhanense estava na primeira divisão e como o Manuel de Oliveira... O Manuel de Oliveira é treinador. Ainda assinei contrato com ele. Já estava na decadência. Já não tinha hipótese nenhuma de ficar na primeira divisão. O que é que eles fizeram? Foram buscar os moços do Olhão. Em vez de estar a pagar trinta, paga cinco. Foi o que me pagavam a mim. Mas só que eu trabalhava nove horas por dia numa oficina e depois é que ia jogar à bola. Eu tinha dois trabalhos. Havia outros que só... Esses que ganhavam ganhavam só tinham...

Glória Sá: Ganhavam o suficiente, não precisavam de outro.

Não eram muitos. Eram poucos. Porque os outros também... O Olhanense nunca teve muitas possibilidades financeiras pra estar a pagar... O Norte paga mais. O Norte paga mais dinheiro. Sempre pagou mais dinheiro. O Norte... sempre. Até a indústria. Lá em baixo não há indústria. Agora já há alguma coisa. Mas lá em baixo, no tempo do futebol, não havia indústria nenhuma. E tanto é que, quando eu vim para aqui em setenta e oito, o Olhanense

devia-me vinte e cinco contos ou trinta contos, uma coisa assim. Não paga. Chega ao fim do mês, não há dinheiro.

Glória Sá: Nunca lhe pagou?

Não, paga, mas o que é que paga? Dois contos, três contos? E pra mim... Eu como eu tinha o meu trabalho, aquilo eu chegava... Quando eu chegava ao campo de futebol...

Glória Sá: Então, estávamos a falar do Olhanense.

Quando eu fui jogar pro Olhanense, não é? Fui eu. Foi quando foi o Manuel Cajudo, treinador. Que hoje está no Olhanense. Hoje está no Olhanense outra vez a treinar. O Olhanense. Filinto. Manuel Bom. Vários moços de Olhão mesm, que tinham boas possibilidades de jogar futebol. Tanto é que fizeram boas épocas lá. Mas não. Mas o Olhanense era sempre a mesma coisa. Os de fora é que são bons. E foi aí que eu fiquei até ter vindo pra América.

Glória Sá: Mas entretanto casou-se?

Que remédio! Casei-me.

Glória Sá: Quando é que se casaram?

Vinte e seis de Julho de setenta e quatro.

Glória Sá: E ficaram a viver em Olhão?

Na casa da minha sogra.

Glória Sá: A Zelinda veio de Lisboa pra... Já tinha vindo.

Pois, ela veio a trabalho. Porque... A família antes tinha vivido em Corroios, mas depois mudou tudo pra Olhão outra vez. Ela veio pra Olhão, nós casámos e eu fiquei a viver na casa da minha sogra. Durante... Foi um ano e depois tive... o meu cunhado ofereceu-me a casa dele. A minha irmã. Conhece a minha irmã Lena, ou ainda não?

Glória Sá: Conheço, conheço.

Conhece?

Glória Sá: Acho que sim. Não, não conheço. Não conheço.

Ok. Estive na casa deles. Eles estavam aqui. Eu sabia que era uma questão de tempo vir parar aqui.

Glória Sá: Sim?

Só que eu precipitei-me a vir. Eu não devia ter vindo na altura que... Vinha mais tarde. Podia ter tirado mais proveito do futebol. Porque quando eu o deixei, foi quando o futebol começou a dar dinheiro. Quando eu larguei lá o Olhanense foi quando o futebol... E eu estava bem. Felizmente, estava bem. Podia ter feito um bom contrato. Podia ter... Ando sempre atrasado ou adiantado. É a sina da minha vida.

Glória Sá: Nessa altura, continuava a trabalhar na oficina?

Sempre a trabalhar. Sempre a trabalhar.

Glória Sá: E a Zelinda estava a trabalhar também?

Também trabalhava. Empregada de escritório em Faro. Ela também... Eu não. Tínhamos uma vida bastante ocupada.

Glória Sá: E o que é que os fez pensar em vir praqui? Porque a sua irmã estava aqui?

Yah. Minha irmã e o meu irmão.

Glória Sá: E como é que eles tinham vindo pra cá?

Ora bem, então vamos recuar ao Carinhas. É que você fez aquela pergunta há tempos atrás. Porque... Eu vim derivado ao meu cunhado, à minha irmã. Casada com o Maurício. O Maurício tem os teus irmãos, que são os Vianas. Eles são todos Vianas. Esses gajos vieram há muitos anos trabalhar para o Carinhas.

Glória Sá: Em...

Carinhas na Louisiana.

Glória Sá: Na Louisiana.

E isso quem mexe com a emigração Olhanense na América é tudo do Carinhas.

Glória Sá: Esse Carinhas...

A maior parte.

Glória Sá: Esse Carinhas dizem que veio pra cá muito jovem.

Aí não tenho ideia nenhuma.

Glória Sá: Não tem?

Não sei nada. Carinhas, não sei nada. Não sei quem é e não faço ideia nenhuma de quem é o Carinhas. Eu ouço esse nome e sei malta que passou por lá, mas de resto não sei mais nada.

Glória Sá: Portanto, então, esses vieram pra Louisiana e depois da Louisiana vieram então praqui.

Yah. É isso que eu sei.

Glória Sá: E então a sua irmã que lhe fez a carta de chamada?

Foi uma carta de chamada que não foi carta de chamada. Quem assinou... Não. Ela mandou-me que foi dois bilhetes. Pra mim e pra minha mulher. Nós viemos como turistas. Porque a carta de chamada foi feita doutra maneira. O indivíduo onde eu trabalhava é que depois fez... Porque eu chatee-me com o meu cunhado.

Glória Sá: Portanto, ele mandou-vos...

Dois bilhetes de avião.

Glória Sá: Para vir me cá de visita.

Exato.

Glória Sá: E isso foi em setenta e oito?

Setenta e oito. Cinco de Janeiro de setenta e oito. E nós, como gostamos tanto do gelo que encontrei aqui, como nunca tinha visto gelo, fiquei.

Glória Sá: Conte-me como é que foi, quando chegou aqui. Imagino, vir de uma zona de sol, de calor... e chegar aqui no meio do inverno.

Então, é simples. A nossa ignorância. A gente não sabe. A nossa ignorância. Você está preparada. Ou aceita, ou não aceita. Bom, eu talvez estivesse mais preparado. A minha mulher não. A minha mulher, os primeiros dois, três anos... se lhe dissessem “Vai-te embora”, ela disse “Beleza”. Até os cinco anos, acho que ela ia... Até se começar a infiltrar. Mas eu não, eu sou um bicho de adaptação. Eu adapto-me. Glória... eu nunca andei ao mar na minha vida. Eu até sangue eu vomitei, no mar. Acredite se quiser. Oito dias sem comer. Não estou a brincar.

Glória Sá: Enjoado?

Enjoado. Ainda hoje eu enjojo, já vou com trinta e tal anos desta merda.

Glória Sá: Chegaram cá e ficaram em casa da sua irmã? Ou como é que foi?

Yes, ficamos em cada da minha irmã.

Glória Sá: Qual foi a primeira impressão? Chegaram aqui, em Boston?

Não tinha impressão nenhuma.

Glória Sá: Não se lembra?

Não, lembro. Oh, não. Lembrar, lembro-me.

Glória Sá: O que é que achou do ambiente? Das casas? Da maneira das pessoas viverem?

Não tenho opinião. Se quer que eu diga, não tenho uma opinião generalizada, formada. Não tenho. Não sei se é burrice. Não vi nada que chamasse a atenção. Não. Nada. Embora eu não conhecesse nada disto, é a primeira vez. Mas não fiquei nada impressionado. Não.

Glória Sá: E o seu cunhado tinha barco?

Tinha um barco. Tinha um barco de madeira. Chamado Isaac. Que é o nome do filho. É um barco de madeira. Passei as passinhas do Algarve lá.

Glória Sá: Sim?

Oh, *yah!*

Glória Sá: Foi então trabalhar lá? Com o seu cunhado?

Pois.

Glória Sá: E a primeira viagem que fez, o que é que se lembra dessa primeira viagem?

Falando monetariamente, lembro que ganhei mil e oitocentas dólares. Paguei as passagens minha, da minha mulher e do meu filho. Eu vim pra cá com o meu filho. O meu filho vinha com seis meses.

Glória Sá: Ah, já tinham um menino.

Pois, *yah*. Nós viemos os três. O Pedro nasceu lá. O Pedro veio praqui com seis meses. Não, o Nick já nasceu aqui. Não, mas o Pedro... Viemos os três. Fui à papo seco. Palavra e honra. Foi daquelas coisas... Eu nunca... Como é que eu hei-de dizer isto? A falta de informação. A base principal é a falta de informação. Como eu disse, eu podia ter ficado mais três anos ou quatro anos em Portugal, a jogar futebol e a trabalhar. Possivelmente, viria ou não viria pra cá. Mas tinha mais possibilidades lá do que tinha aqui. Eu vim pra aqui, eu é que sofri. A minha mulher sofreu doutra maneira, mas eu sofri a trabalhar. Glória, estar a trabalhar numa oficina em Portugal e estar a jogar futebol é totalmente diferente de andar aqui ao mar. E, pra uma pessoa que enjoa, fica doente... Já viu bem o sacrifício que eu tive de fazer. Muita gente não dá valor. Eu sei aquilo que sofri. Não... Como é que eu hei-de dizer? Não sou melhor que ninguém. Sofri. Já passou. Como tive na África, também passou.

Glória Sá: E esse barco, que disse que era um barco de madeira...

Um barco de madeira. Sabe o que é um barco de madeira?

Glória Sá: Não.

Com aqueles cheiros, aquele... *Oh my God*.

Glória Sá: É isso que eu quero que me conte.

Não quero... Eu não me quero lembrar quanto mais contar. Oh, Glória, por amor de Deus.

Glória Sá: Então, não tinha casa de banho?

Tinha.

Glória Sá: Tinha?

O mar. Não, tinha, tinha. Por acaso tinha lá uma coisinha lá atrás. Aquilo... oh Glória, aquilo... Não tinha... Os quartos eram...

Glória Sá: Não tinha condições?

Não tinham condições. Aquele fogão é uma chapa... metade desta mesa. Chapa de *kerosene*, que trabalham o *kerosene*. Sabe aquele cheiro assim? Está a ver a ideia? Tem bocas mas trabalham a *kerosene*. Sabe o que é *kerosene*? É uma espécie de petróleo.

Glória Sá: Querosene. Petróleo.

Só aquele cheiro e você está a dormir ali. Porque a cozinha é aqui, é aqui que você cozinha e dorme aqui, aqui ao lado. A mesa está aqui e você dorme aqui. Está esta cadeira e o outro dorme ali e outro por cima e etc. Era assim. Mas o cheiro...

Glória Sá: O cheiro fazia-o enjoar, também?

Só o cheiro e o mar. É os cheiros...

Glória Sá: Os balanços.

...os balanços, o cheiro a gasóleo. Eu era motorista, o cheiro a gasóleo da casa da máquina, tudo isso é... Pra quem enjoa é muito complicado.

Glória Sá: E quantos homens é que iam nesse barco?

Cinco.

Glória Sá: Cinco?

Por exemplo, olhe... Mas, como eu disse eu vim praqui turista e tinha o senhor João, o senhor João era o cozinheiro do barco. Um homenzinho de seu tamanho e foi ele que me deu o *social security* pra eu fazer os cheques. O indivíduo que eu... o nome... Qual era o nome? Deixa ver se eu me lembro ainda do nome. Eu estava ilegal, eu não podia fazer (**ininteligível 01:52:07**). Eu não podia ter cheques. Eu andei dois anos a dormir no chão, em minha casa. Na casa onde vivia.

Glória Sá: Porquê?

Porque era burro, porque o meu cunhado... Não, palavra Glória. Porque o meu cunhado metia-me medo, porque a imigração vinha-me buscar. Eu estava ilegal Glória. Esses medos todos, percebe?

Glória Sá: Dormia no chão pra se levantar mais depressa, com medo que viessem...?

Não, eu não sou alentejano. Sou Olhanense, não sou alentejano. Não tinha nada em casa. Tinha mesa da cozinha, não tinha mobílias, não tinha nada. Porquê? Porque o meu cunhado metia-me medo. "A imigração vem-te buscar. Por isto e por aquilo..." Doi anos e meio eu andei assim. Eu não tinha carro, Glória. Tudo o que eu me mudava, era de táxi. Pra ir aqui ao *mall*, ia de táxi. Burro, estúpido. Hoje vejo um imigrante chega, tem tudo e mais alguma coisa, com a maior das facilidades e eu levei dois anos e meio, dois anos e meio. Nada, nada. Tinha o frigorífico, tinha o fogão, tinha a mesa pra comer.

Glória Sá: Pra não investir...

Pra não investir porque o medo...

Glória Sá: ...podia perder.

O medo que o meu cunhado me metia. Ele é que foi culpado dessa merda porque, se eu apanho uma pessoa aqui como eu sou, do meu (**ininteligível 01:53:21**) que eu sou, que viesse de Portugal, um jogador de futebol, com uma profissão de serralheiro que aqui... esses ferros que você têm aqui fora das casas. Eu faço isso. Fazia. Hoje levo mais tempo a fazer mas ainda os faço. Mas era a minha profissão, jogar à bola e fazer isso. Nesses anos Glória, foi quando esta porcaria começou a subir. Dava muito dinheiro. Eu tinha todas as possibilidades de jogar futebol e ter uma oficina minha. Se eu tenha encontrado alguém que realmente...

Glória Sá: Que o orientasse.

Exato. Só que eu apanhei o meu cunhado burro, invejoso ou... Chame-lhe o que quiser. Estúpido. Daí pra cima. E fiquei preso durante dois anos e meio.

Glória Sá: E esse senhor João deu-lhe o número? Onde é que ele foi buscar esse número? Era o dele?

Não, não, não. Isso alguém morreu, era de New Jersey. Alguém que morreu e ele arranjou-me esse número, pra eu poder fazer os descontos, poder trabalhar... Esse senhor... Não tenho mais informação sobre ele, mas foi um senhor impecável pra mim. Uma joia de senhor. Só o conheço pro Sr João, não sei mais nada e o tio dele era o Albino, que teve um barco aqui que era o... Não me lembra o nome do barco, mas está bem. São pessoas que, sem me conhecerem de lado nenhum, foram pra mim duma amabilidade fora de série.

Glória Sá: E depois como é que legalizou a sua situação?

A minha situação foi legalizada, pois estava à espera da carta chamada da minha irmã, não era? Mas está bem... Mas depois, ela meteu os papéis e quem me deu o contrato de trabalho pra poder ficar cá... Sabe o (ininteligível 01:55:02) ali nas portas?

Glória Sá: Eu já ouvi falar, mas não sei...

Sabe ali aquelas portas, ali onde está o *ice cream*? Ali ao pé do... aquele...

Glória Sá: Ah, sim, sim.

...clean, qualquer coisa em frente?

Glória Sá: *Dairy made?*

Yah, aí.

Glória Sá: Tinha também ali uma peixaria, uma coisa qualquer.

Exato, esse dono, o dono disso.

Glória Sá: O dono disso.

Trabalhei num barco pra ele. Um barco... ele tinha um barco... Não me lembra o nome agora. E eu trabalhei nele. Na altura, ele é que assinou, ele é que ficou responsável por mim. O contrato de trabalho foi ele. Foi ele que fez o contrato de trabalho pra mim.

Glória Sá: Qual era o barco dele?

E... eu não me lembra o nome. Já foi. Esses eram barquinhos pequenos, na altura. Gertrude... Gertrude, sim. Acho que era Gertrude, sim. Mas isso são histórias. Hoje, eu faço tudo por aqueles que chegam, porque não quero que... Não merece a pena, não há necessidade. É uma estupidez tão grande.

Glória Sá: Nunca chegou a jogar futebol aqui?

Oh *yah*, joguei meia parte.

Glória Sá: Jogou?

Meia parte.

Glória Sá: O que é que isso quer dizer? Meio jogo?

Metade. Metade de meio jogo. *Yah*, joguei, joguei. Não, palavra.

Glória Sá: Pra que equipa?

Espera aí, deixa-me... *Portuguese America? Yah, Portuguese America.* Joguei meia parte pro *Portuguese America*. Meia parte, isto é... praí un vinte minutos, vinte e cinco minutos da segunda parte do *Portuguese America*. Mas... sim, ainda joguei com o Manny Matos... Como é se ele se chama? Essa malta do...

Glória Sá: Branco?

Aí com esse marecos todos. Eu sou mais velho que eles, eu joguei com eles todos. O meu passatempo Glória, era chegar ao campo de futebol... não me interessa se é preto, se é amarelo... Entrava lá, pedia autorização pra jogar “Posso treinar com vocês?” Eles deixavam e pronto. Eu corria ali, eu andava atrás... Eu fazia aquilo que tinha que fazer, que achava que havia de fazer e depois vinha-me embora. Agradecia. Há um dia que fui prali... como é esta malta...? Não é... (ininteligível 01:57:23)

Glória Sá: Sêniiores?

Não... os Guatemalas.

Glória Sá: Ah, os guatemaltecos.

Yah, fui prali jogar com eles. Pedi autorização.

Glória Sá: Mas isso é recentemente, então?

Não...oh isso... Agora já não jogo, desde que fui operado às costas, já não jogo. Sete ou oito anos atrás. Fui prali “Posso brincar com vocês?” Comecei ali a jogar, a mostrar... e não sei o quê, não sei que mais. Quando eu acho que já chega pra mim, aquela meia hora, quarenta e cinco minutos, está bom “Ok, até amanhã, obrigadinho.” “Ei, ei, calma aí!. Você não quer ser o nosso treinador?” E eu “Eh pá.” Não... mas claro, eu adorei. Não dá porque um gajo está no mar, como é que pode?

Glória Sá: Pois é.

Mas, pelo menos... só de me verem jogar, já foi muito bom pro meu ego. Não é o que se diz? Foi muito bom ver que realmente alguém apreciou aquilo que eu estava ali a dizer. “Faz assim, faz assado.” Porque, quando você gosta de uma coisa... Gosta de jogar à bola, você mostra como é, exemplifica e diz pra fazerem. E fica toda lixada, quando eles não fizerem aquilo que você diz. Que é o caso com o meu neto. Eu fico lixado quando digo pra fazer e ele não faz. Porque você sabe que está correta. É totalmente diferente e foi engraçado, os gajos pediram-me... Mas sabe, na vida do mar não dá pra ser treinador de futebol. Nunca mais.

Glória Sá: Então, esse dia que jogou meia parte, estava também na assistência e...?

Não, não estava na assistência. Isso já tinha... Isso é outra...

Glória Sá: Outra história?

Pois é. Você faz recuar muitos anos. Há quantos anos? Isso já tem... praí nos anos... Eu sei que joguei no *Portuguese America*... Cheguei em setenta e oito... praí dois anos e tal de estar fora do futebol, portanto isso é no princípio de oitenta. Oitenta, oitenta e um. O Tony Cabeleireiro... não sei se... Esse é que era o treinador.

Glória Sá: Ah, sim?

Esse já morreu.

Glória Sá: Já morreu ele?

Aos anos.

Glória Sá: Ele foi-se embora daqui.

Foi. Foi prás ilhas... morreu lá nas ilhas. Alguém me disse. Já não me lembra quem, mas alguém me disse que ele morreu lá nas ilhas. Esse é que era o meu treinador... Chamavam-lhe o Meirinho, ou qualquer coisa assim. Acho que tinha um nome que lhe deram, mas esse foi o meu treinador. Eu só joguei a segunda parte num célebre *Portuguese Sport* contra o *Portuguese America*. Só joguei vinte minutos, ou uma coisa assim.

Glória Sá: E quem ganhou?

Eu não me lembro. Não sei. Não sei. Acredite que não sei.

Glória Sá: Então, nessa primeira viagem que fez ao mar, quantos dias eram de viagem?

Oito dias.

Glória Sá: Oito dias?

Mais ou menos. Mais coisa, menos coisa, oito dias. É interessante, é interessante. Agora que a gente estar a falar nisso. Eu não sei quanto é que... Eramos cinco homens. Tome nota disto. Eramos cinco homens no barco e eu sei que ganhei mil e oitocentas dólares. Paguei as minhas passagens e ainda sobrou dinheiro. Hoje, eu venho do mar com cinquenta e cinco mil peixes e ganho mil e oitocentas dólares e somos 4 a trabalhar.

Glória Sá: Uau.

Uau ? Uau digo eu. Passado quantos anos? Faça as contas.

Glória Sá: Como é que é?

Setenta e oito...

Glória Sá: Oitenta...

...pra cá?

Glória Sá: Trinta e tal anos.

Já viu bem? Onde é que tem a evolução do preço do peixe?

Glória Sá: É incrível não é?

É incrível? É inadmissível. Não é incrível, é inadmissível. Onde é que está a evolução da pesca?

Glória Sá: Nessa altura a divisão do pescado era igual ou era quarenta-sessenta, ou...?

Não, nessa altura era quarenta e dois-cinquenta e oito. Nós ganhávamos cinquenta e oito e o barco levava quarenta e dois por cento. Ok? Mas, o problema não é esse. Hoje o barco leva *fifty-fifty*. Hoje é *fifty-fifty*, mais oito por cento. O problema não é esse. O problema é que, nesses anos...

Glória Sá: Apanhava-se muito?

Eu apanho mais peixe hoje.

Glória Sá: Então, qual é o problema?

O gasóleo... Oito dias de gasóleo, o barco onde eu trabalho gasta seis mil galões. Seis mil galões a quatro dólares são vinte e quatro mil dólares de gasóleo. Vinte e quatro mil dólares Glória. O gasóleo, nesse tempo, estava a vinte e oito centavos. Seis mil galões, quanto é que eram? Dois mil dólares. Antigamente, um barco com seis homens... Antigamente, os barcos todos, nos anos setentas, fim. Oitenta... até oitentas e tais, andavam com seis homens, porque era muita quantidade de peixe que apanhavam. Cinquenta, sessenta, setenta e era preciso seis homens. O barco que fizesse vinte mil dólares, toda a gente ganhava dinheiro. O patrão ganhava dinheiro e a companhia ganhava dinheiro. Hoje, vinte mil dólares, não chega pro gasóleo. Sabe quanto é que eu... não tenho aqui... O que é que eu fiz ao (**ininteligível 02:02:42**)? Eu tenho o (**ininteligível 02:02:47**) Comigo. Sabe quanto é que eu peguei, só de despesas? Quarenta mil dólares. Despesas do barco. Quarenta mil dólares. Eu fiz *gross stock*, cinquenta mil dólares. Portanto, só fica dez mil pra dividir pro patrão e pros camaradas. E hoje só somos quatro. Antigamente eramos seis. Hoje trabalha-se mais do que se trabalhava antigamente. Isto é inadmissível. Como é que hei-de dizer? Não modernizou nada. Isto voltou a andar pra idade da pedra.

Glória Sá: Mas o preço do peixe é mais alto?

É uma vergonha. Estão a vender o peixe de sessenta centavos. Eu sei que vai à *store* e vai comprar peixe que está a sete, oito, nove dólares. Eu vejo lá.

Glória Sá: Ou mais.

Ou mais.

Glória Sá: Doze, treze, catorze.

A gente a vender? É uma vergonha, é uma vergonha. Como é que isto é possível? A gente vê... o *pollack*, o *redfish* eu vendia quarenta centavos. Eu vendia o *pollak* a sessenta centavos. É mais barato que um café. Uma libra de peixe é mais barato que comprar um café e é alimentação de uma pessoa. Mais saudável. Já viu bem? É uma vergonha. Isto está aqui... Não sei o que é que os homens do governo querem fazer, mas isto vai ficar na mão de dois ou três indivíduos e depois não é o *marine fish* que vai dizer que quer assim. São os donos dos barcos, porque vão ser muitos barcos e vão ser dois. É fácil juntar dois do que juntar trinta e eles depois chegam ao *marine fish* e “Não, nós queremos assim.” E o *marine fish* vai fazer. Você vai ver. É uma questão de tempo. Quando forem só dois ou três *boat owners* desta porcaria toda. Aqui no *waterfront* todo, eles vão dizer assim “Meu amigo, a gente quer assim.” E o *marine fish* vai fazer aquilo que eles quiserem. Que é uma estupidez. Há coisas aqui que é tão estúpido, que até parece... Que País é que eu vivo? Esta viagem... Vê um indivíduo, Glória, Eu vou exemplificar... É pena a máquina não ter...

Glória Sá: Vídeo, não é?

Como é que o indivíduo estava? O gajo fardava-se todo, punha a roupa toda de oleado e ficava... o bloco de notazinhas e o lápis assim encostado, assim a um cantinho. A gente ali a trabalhar, vinha o peixe e ele só... *That's it*. Mais nada. E ganha trezentas dólares por dia.

Glória Sá: Isso é da...

Do *marine fish*. É o *observer*. *Observer*. Mais... Nem falar. Nem falar, ele falava. Então, já vê. E nós andamos a pagar pra esta gente?

Glória Sá: Assim, a grosso modo, quais são as mudanças maiores que observou durante este... Já está no mar há trinta e tal anos.

Trinta e cinco.

Glória Sá: Trinta e cinco anos? Quais são as mudanças mais significativas que tem observado?

Mudanças em que sentido?

Glória Sá: Em qualquer sentido. Melhor, pior...

Só está a agravar. Cada vez é pior. Nada do que os entendidos dizem, faz sentido. Nada está correto. No ano passado era para aparecer o arinca, diziam os cientistas, que ia aparecer no ano do arinca, não apareceu nada. Este ano pelo caminho, também não está a aparecer nada. Daquilo que eles dizem, que previam, nada. Estão completamente errados.

Glória Sá: Parece que os estoques de bacalhau também estão a desaparecer.

(conversa lateral à entrevista)

Glória Sá: Estavamos a falar do peixe desaparecer. Estava a falar das temperaturas da água.

Veja as temperaturas. Estamos no meio de Janeiro. A água do mar está nos cinquenta e cinco. O peixe, o bacalhau, quer água fria. Quando começar a baixar dos quarenta e cinco pra baixo, é quando o bacalhau se sente confortável na água. Está a água quente, o bacalhau não vai lá. Por isso que não há peixes. As temperaturas, a atmosfera está toda lixada. Não sei se foi você... Eu sei que não fiz nada, não contribui nada pra isso. Mas a atmosfera, já viu bem. Isto qualquer dia passa a ser aqui a Flórida. Ainda bem. Deus queira que sim. Não gosto nada do frio, mas... São essas diferenças, amplitudes térmicas. Não é assim que se diz? Isso está a afetar a pesca também. Faz sentido. E depois é os comedores. Você repare numa coisa. Os comedores... O que eu estou a dizer como comedores, são os sítios onde os peixes vão comer. Nós temos aqui... Antigamente, você tinha aqui duzentas dragas e tinha vinte escalopas. Hoje, é precisamente ao contrário. Hoje tem duzentas escalopas e vinte dragas. O que é que acontece? Eles remexem o fundo com aqueles ancinhos, aquela porcaria toda, dão cabo dos comedores todos do peixe. Aquilo, onde estão aqueles bocadinhos...

Glória Sá: Não é plancton, mas...

É, é, é.

Glória Sá: Plancton.

Exato. Esses peixinhos.

Glória Sá: Pequeninos.

Pequeninos, onde o bacalhau...

Glória Sá: Cril e coisa assim.

Exato. Chegam as escalopas. Partem aquilo tudo. Dão cabo daquilo tudo e já não está lá. E então o bacalhau passa por ali e já não tem lá o comer, pra onde é que vai? Vai pra outro lado. As escalopas arruinam a pesca.

Glória Sá: É interessante, porque nunca ninguém tinha falado nisso, mas faz sentido.

Faz... Os comedores, então, onde é que você vai comer? Você não vai aqui à cozinha? Você, se acabarem com a cozinha, onde é que vai? Tem que ir pra outra cozinha, tem que fazer outra cozinha. Então, é a mesma coisa.

Glória Sá: E as zonas sobrepõem-se uma a outra?

Sem dúvida.

Glória Sá: Os *escalopers* não vão para zonas diferentes? Vão para as mesmas zonas?

É as mesmas zonas. As mesmas zonas. Às vezes estamos a trabalhar com as escalopas ali. Jesus, são tantas. Eles têm muito mais força e o aparelho deles é totalmente diferente do nosso. Aquilo é ferro, leva tudo de arrasto. É como se fosse um arado, no campo. Sabe o arado?

Glória Sá: Ou uma grade, não é?

Arado, o arado, é a mesma coisa. É só ferro. Tudo que vai pra frente, pedra, seja o que for... Pumba! Leva tudo à frente. A escalopa trabalha assim. É assim que a escalopa apanha a escalopa. E a gente não. A gente já é com rolas. A gente já, se encontra o obstáculo no caminho, aquilo... Só por cima do obstáculo, só por cima da pedra. As rolas rolam. É por isso que são rolas. Rolam, passam o obstáculo. Quando não passa, é que parte a rede e é o nosso trabalho depois estar a arranjar. É problemas pra nós. Mas, a ideia é precisamente passar o obstáculo. Ultrapassar o obstáculo, suavemente *whatever*.. Mas as rolas não. As rolas levam tudo. É um arado, um autêntico arado. Como é que disse antes?

Glória Sá: Uma grade.

Uma grade. É o que é, uma grade. Aquilo leva tudo à frente. Uma casa se estiver pelo caminho, leva. Se tiver força, leva.

Glória Sá: Os barcos são mais potentes? Têm motores mais potentes?

Muito mais potentes, muito mais potentes. Eu estou a dizer... Se tiver pra frente, eles levam.

Glória Sá: E então, o número de *scalopers* está a aumentar? Tem vindo a...?

Então, é o que dá dinheiro. Então como é que está o preço da escalopa? Já viu?

Glória Sá: E o número de *draggers* está a diminuir?

Há vinte e sete. Atualmente há vinte e sete.

Glória Sá: Só há vinte e sete?

A trabalhar.

Glória Sá: A trabalhar. Mas há outras... É porque não têm licenças? Ou porque não há pescado pra tantas? Qual é a razão? Porque há mais do que esses barcos atracados no cais?

Há. Há alguns que alugam os peixes... Alugam a quantidade, o número de peixes que têm pra apanhar. Eles vendem...

Glória Sá: As cotas, não é?

As cotas. Exato. As cotas. Vendem aos outros. É mais lucrativo pra eles estar atracado ao cais sem despesas e ganhar cem mil dólares. Só que há uma coisa. Eu sou contra. Eu sou contra. Eu devia... Próximo ano, ninguém devia comprar peixe a essa gente. Eles fazem uma vida muito melhor. Não têm despesa. Não têm avarias. O barco não sai do cais. Puseram três ou quatro indivíduos no *self-employer*. Estão se marimbando pra isso, os patrões. Fazem aquilo que querem e entendem. “O barco é meu, faço aquilo que quero. O peixe é meu.” Quer dizer, não é bem assim. Eu trabalhei vinte anos neste barco. Também tenho aqui uma participação. Não, aqui não existe nada. Aqui não existe... O trabalhador é uma porcaria. Não presta pra nada. Não tem valor nenhum. Enquanto é o útil a bordo dum barco, tem valor. Deixa de ser útil, acabou. Porque esses indivíduos, eles sozinhos não vão à pesca. Eles não conseguiam ter essas cotas que têm sem ter o pessoal lá a bordo a trabalhar pra eles. Mas isso, mais uma vez estupidamente, é só dado ao patrão. O trabalhador não tem direitos, senhores. Quanto a mim, é uma estupidez, mas eles é que sabem. Eu gostava e já disse ao meu patrão. Eu sou um daqueles que pago bastante pra trabalhar. Infelizmente, é triste, Glória. O ano passado... Não este ano, o outro ano. O ano acabou... este ano, não conta este ano. Mas o outro ano. Eu paguei. Ajudei a pagar. O barco fez mais de um milhão de dólares. Trezentos mil pra gásóleo, trezentos mil pra pagar o peixe que nós comprámos. Apanhámos peixe, mas o trabalho todo saiu de mim e do pessoal.

Glória Sá: Claro.

Pra pagar, pra apanhar peixe. Apanhámos peixe, ganhámos dinheiro, mas porra, dei dinheiro a si a ganhar, em casa. Tivemos os *permits* de três ou quatro barcos.

Glória Sá: Portanto, vocês têm que comprar esses *permits* e a companha é que paga.

Exato. A companha...

Glória Sá: Sai tudo...

Sai tudo do meu suor. Aí é que está, eu pago pra trabalhar. Só na América. Não há país nenhum do mundo que eu conheça isto. Isto é inadmissível. As pessoas nem sabem o que é que eu estou a falar, porque é preciso explicar porquê, a razão porquê. E já agora, vou aproveitar pra explicar. Por exemplo, os barcos têm dez mil de *flounders* pra apanhar, dez mil de bacalhau pra apanhar, dez mil de (ininteligível 02:13:52), dez mil disso e dez mil daquilo. Ok, têm cinquenta mil peixes pra apanhar. Quando acabarem de apanhar esse peixe, param. Não há mais, acabou. Ora, os barcos fazem isto em dois, três meses. E depois os outros nove meses, o que é que fazem? O que é que faz a companha? E então o que é que é preciso? A senhora, como tem um barco, tem mais dez mil disto, dez mil disto, dez mil disto, vende-me a mim, eu ponho a minha companha a pagar, ou se eu for, como o Carlos Rafael, compro-lhe a sua licença. “Quanto é que você quer por isso?” “Um milhão de dólares.” “Ok, está aqui um milhão de dólares.” Só que esta licença, os meus camaradas, os meus empregados, vão pagar esta merda durante dez anos. Dez, vinte, trinta, porque é o melhor investimento que está atualmente aqui no *waterfront* é comprar as licenças dos barcos. Todos sabemos que você

tem dinheiro. O Rafael, todos sabemos que o primeiro dinheiro que sai do barco é pra pagar as licenças. Que nunca mais acabam de ser pagas.

Glória Sá: Portanto, é como uma hipoteca, não é?

Qual hipoteca? Pior do que isso, nunca mais está pago.

Glória Sá: E sai do barco também?

Qual barco? Não, sai dos camaradas, do *gross stock*. Sai logo do *gross stock*. O primeiro dinheiro a sair é do *gross stock* pra ele.

Glória Sá: Pra licença também?

Claro. Você pensa o quê? Você pensa que ele é parvo? Que vai investir o dinheiro, vai investir dois ou três milhões a comprar licenças, pra quê? Pra andar a trabalhar pra si? Não. O primeiro dinheiro que sai do Rafael é assim. Ele não quer saber se você leva cem dólares, se você leva mil dólares pra casa. Você que andou lá a trabalhar. Ele quer é o dele primeiro. Quantas vezes? Há barcos que não fazem assolamento, sequer. Primeiro sai o dinheiro dele, saem as despesas, não há dinheiro pra fazer assolamento.

Glória Sá: As pessoas vão lá...

Não recebem nada.

Glória Sá: ...trabalhar por nada?

De borla. Yes.

Glória Sá: Quem são essas pessoas?

São os pescadores que você vê aqui todos os dias. Sou eu, por exemplo. São os pescadores que você vê aqui na doca.

Glória Sá: O seu barco é dele também?

Não, o meu felizmente, não é.

Glória Sá: Quem é ele?

O meu é polaco. Então, eu disse-lhe.

Glória Sá: Pois, disse-me que era polaco, mas não sabia se era só o capitão ou se era o dono também. O capitão é o dono.

É, capitão e dono. Isto hoje está terrível, Glória. Eu sei o que estou a dizer. O que estou a dizer é verdade. Há alguns barcos do Rafael, é preciso fazer duas e três viagens pra fazer assolamento. Fazer assolamento, isto é, pra companhia acertar contas pra ganhar algum dinheiro. O resto não ganham nada.

Glória Sá: Quantos barcos é que ele tem agora?

Não faço ideia. Ele tem alguns parado, tens outros a trabalhar. Ele tem vinte e tal barcos, ou trinta. Agora não sei.

Glória Sá: Tem mais, talvez.

Escalopas. Porque ele joga... Ele pode jogar por causa das escalopas. As escalopas estão a treze dólares. Ele joga porque ele tira dum lado e põe noutra. Está a perceber? É por isso que ele joga. Se ele tivesse só as dragas, já tinha arrumado as botas. Nunca mais. As dragas não... Uma só não chega. É por isso que esses gajos, que têm só um barco, alugam os dias... vendem o peixe. Mas eu queria que ninguém alugasse, que ninguém comprasse esse peixe. Queria ver o que é que eles faziam? Os barcos estão parados. Aquilo está tudo morto. Olhe, eu vou dizer, o Lucimar, o Neves, o Bucis, o Fisherman... o Fisherman está a trabalhar. Há mais de uns quantos... dos espanhóis. Sete ou oito barcos. Dez barcos, ponha dez barcos, estejam parados. A quatro camaradas são quarenta homens. São mais quarenta homens que podiam estar a trabalhar, que não estão. Porquê? Porque os patrões venderam o peixe, recebem cem mil dólares, cento e vinte, cento e trinta mil dólares e estão-se marimbando. Ganham o deles, o barco está ali, não faz despesa, não há varias, não há nada, é beleza. Pagam o seguro, que é o mínimo, nove ou dez mil dólares por ano e acabou.

Glória Sá: Mas isso a longo prazo não é sustentável. Não vão ter ali...

Eu não sei. A minha pergunta é se é legal comprar. Se é legal eu estar a pagar isso. Isso é que é a minha pergunta. Eu gostava... é por isso que eu gostava duma informação. Que alguém investigasse esta porcaria toda. O Jimmy tem um trabalho aqui muito importante a fazer, investigar isto tudo. E antes que eu me esqueça. Olhe, você fale com esta senhora. Esta é que sabe, esta é que sabe. Isto é do *Marine service* Joanne (ininteligível 02:18:33). Ela... Tome nota disto. Eu quero ter isso. Joanne (ininteligível 02:17:46). Se ela um dia abrir o livro, põe muita gente na cadeia.

Glória Sá: Ela trabalha pra um...

Ela não trabalha, ela é patroa.

Glória Sá: Qual é o dono?

O *Marine service*.

Glória Sá: *Marine service*.

É onde os barcos faz o assolamento daqui. Eu perguntei-lhe a ela, é uma senhora, tem setenta e oito anos.

Glória Sá: E ela ainda trabalha?

Ela está lá. Ela está ocupada, procura... os empregados vão-se embora. Tem umas duas moças, vão-se embora e ela fica lá, pra evitar... As moças estão lá até à uma hora, mais ou menos, depois da parte tarde, até às quatro horas ela fica lá. Ela tem uma... *Good life*. Não precisa... Acho eu, não sei, mas ela sabe do *waterfront*, é número um aqui. Se ela quiser abrir o livro... Eu disse-lhe a ela. Falei-lhe em si, se ela queria entrar em contacto e tal... Pra ela me dar o número. Ela é que escreveu isto.

Glória Sá: Ela é que escreveu.

Mas foi preciso eu ter uma luta, e tenho sempre uma luta com ela. Porque eu sei que ela sabe muitas coisas, Glória. Então, explique-me a mim. Vou-lhe pôr só um ponto. Há muitos anos atrás, nesse sítio, *Marine service*, nós deixávamos os descontos todos lá. Os descontos pro *IRS*, estavam lá. E houve uma confusão muito grande. Eu sei qual é a confusão, mas não vou dizer porque está aqui a ser gravado. Esse dinheiro todo desapareceu. Esse dinheiro

desapareceu. E como é que as mesmas pessoas que foram lixadas do dinheiro ter desaparecido, continuaram lá a fazer as contas dos bancos?

Glória Sá: As vossas contas.

Alguma coisa não está... Não faz sentido. Alguma coisa está errada. Pra mim, não sei, posso estar errado, mas eu não... Portanto, se ela quiser um dia abrir, escrever um livro, que eu estou farto de dizer para ela escrever um livro, era interessante saber o que é que se passou ao longo destes anos aqui na doca. Que ela sabe muito, muito, muito. Se você conseguir leva-la à certa, olhe, você vai aprender muito com ela a respeito aqui da pesca.

Glória Sá: É bom ter esse contato.

Não, eu pedi pra si. Pra mim...

Glória Sá: Muito obrigada.

Essa é importante, muito importante.

Glória Sá: Falando nessas coisas, por exemplo, o Manuel Pedro já estava cá quando houve a greve dos pescadores. Foi nos anos...

Fiz.

Glória Sá: Fez? Esteve envolvido? O que é que se estava a reivindicar nessa altura? O que é que levou a isso?

Não faço ideia nenhuma. É uma boa pergunta. Sabe o que era? Isto é... Eu acho... Qual é que está a falar? Oitenta e oito? Acho que deve ser.

Glória Sá: Foi em oitenta e oito?

Eu tenho um livro onde isso está.

Glória Sá: Tem um livro?

Tenho.

Glória Sá: Sobre...

Yah.

Glória Sá: Não sabia.

Na história aqui de New Bedford. Não tem esse livro, você?

Glória Sá: Ah...

O do *Spinners*.

Glória Sá: Ah, sim, sim, sim.

Está lá. Tenho aquele grande. Não é dos pequenos. No grande está lá.

Glória Sá: Sim, sim, sim.

Mas eu acho que era para... A gente, como eu disse ainda há bocado, era quarenta e dois, em princípio, quando eu cheguei aqui, era quarenta e dois-cinquenta e oito. E depois isso foi sempre... Os patrões sempre a querer mais. Mas nesse tempo nós não éramos *self-employers*. Nesse tempo não éramos *self-employers*. Esta brincadeira dos *self-employers*, os patrões, os donos de barcos aqui, é que arranjaram esta história. Eles é que fizeram. Domingos Mano o (ininteligível 02:22:33) aquele e mais não sei quantos. Arranjaram esse trinta e um, sem... Ah, Glória, esta gente... Eu sou português, mas eram muito burros. Antigamente a mentalidade, quando vinham pra América, era arranjar dinheiro e ir embora. É real. E eu ainda apanhei esse tipo de mentalidade. Fazer dinheiro aqui, ir pra Portugal e acabou. Não queria mais saber disso. Só que os filhos começaram a crescer e a coisa começou a mudar. Aí é que leva... porque, se fosse uma coisa mais bem pensada, a frota não era como é. Não. Isto não tem sentido nenhum. Porque, não houve o cuidado de deixar a herança. Isto foi tudo abandonado. Isto foi, salve-se quem puder. É bom pra ti, é bom pra mim agora e pronto, acabou e acabou. E ninguém... Os portugueses não pensaram no dia da manhã. Alguns pensaram, mas outros não. A vergonha que está aí, é precisamente o salve-se quem puder. Os mais velhos, quando fizeram a porcaria do *self-employer*, pediram à União favores. A União, estamos a falar dum sindicato. O sindicato não dá nada por nada. O sindicato, estamos a falar da máfia. Tire lá esse nome daí pra fora. Estou a pagar pra trabalhar. Noutro sentido.

Glória Sá: Pois, mas nessa altura...

Espere, deixe-me acabar. Ora, quando eu estou a pagar pra trabalhar... O que é que eles fizeram? Hoje, aí... O que é que pensa...? O Neves, o *Seaside*, o Bussis (??), eram tudo barcos da União. E são barcos da União. Eles têm uma dívida de quatrocentas, quinhentas mil dólares pra pagar à União. Yah.

Glória Sá: Das cotas dos pescadores? Das cotas... ou quê? Porquê é que eles devem esse dinheiro todo?

Daquilo que não pagaram. Dos descontos que eram suposto ter feito e que não fizeram?

Glória Sá: Ah, esse que está a falar?

Há mais barcos assim nessa situação. Porque, quando fizeram o *self-employer*, fizeram... fez você e fiz eu. Os outros não sabem nada daquilo que está feito. Eu safei-me, a gente os dois desenrascamo-nos e agora vamos lixar os outros. E agora os outros é que têm que pagar a fatura daquilo que os outros burros fizeram. Está a perceber? A maneira como foi feito o contrato, estes marrecos não têm possibilidades. Quando venderam o barco, o valor do barco é pra pagar à União. Derivado à maneira como as coisas foram feitas. É o ponto interessante de... Quer dizer, eu estou a falar por aquilo que, mais ou menos, oiço e sei, assim... Oficialmente eu não sei...

Glória Sá: Pois, pois...

Sei que você é a dona do *Seaside* diz-me a mim que tem quatrocentas e vinte mil dólares pra pagar à União, quando vender o barco e quando vender as cotas. Isso é o que eu sei.

Glória Sá: Portanto, nessa altura, parte do que aconteceu foi que muitos barcos que estavam sob a União deixaram de estar, não foi?

Não podiam.

Glória Sá: Não podiam? Porquê?

Tinham que ser modificados, tinham que ser vendidos ou coisa assim. O pessoal tinha que assinar pro barco sair da União, pra já. A União tinha força. A União, estamos a falar... E era bom, a União era boa. Só que... Também perdeu muita força. Porque a União é boa quando é um... quando é uma força. Agora quando é só um... “Então, aquilo é que é a União? Aquilo não presta pra nada.” Nós próprios, nós pescadores, é que somos culpados dessa situação toda. Nós, camaradas. Porque você falou da greve, eu fiz a greve toda. Eu fiz, eu estive lá a fazer reforço de noite e estava a ver os meus amigos a trabalharem e depois jogarem-me na cara e mim “Tu é que foste burro, ficaste ali, ficaste a fazer a greve. Eu estive lá a ganhar dinheiro.” Eu sou levado de burro. Isso disse-me, sabe quem? O Virgílio, que já morreu. Está a ver?

Glória Sá: Portanto, e a greve?

E é um grande amigo meu. Tenho muita pena, mas é verdade.

Glória Sá: E a greve era pra continuarem a serem empregados em vez de serem autoempregados?

Não, acho que nessa altura era só pra não levarem tanta porcentagem. Acho que nessa altura eles queriam passar pra quarenta e oito ou... Acho que era... Ou pros preços do peixe. Houve greves aqui que a gente nem sabe. Eu nem sei porque houve greves. É uma falta de informação que é uma coisa estúpida. Alguém fazia de ... Eu digo-lhe uma coisa. Sei que houve greves, mas uma era pros patrões não aumentarem a porcentagem e a outra que se fez, também era para os compradores darem melhor preço. Hoje estamos na miséria em que estamos

Glória Sá: Tinha a ver com... como é que se diz?

O *auction*.

Glória Sá: O *auction*.

Tinha. O *auction* era aqui no... Aqui não. Era no waterfront, o primeiro que eu conheci. Sabe ali na *pier three*, ou como é que é aquilo? Depois passou aí pra a frente do (ininteligível 02:27:41) onde é o (ininteligível 02:27:45) today. Teve lá também. Aí depois, já era contra os patrões. Havia pedradas, havia aquelas coisas todas que o... Aquele tio algarvio... o ... Havia umas pedradas, havia umas guerras boas ali. E depois é que passou pra estes gajos. Estes gajos são espertos.

Glória Sá: Portanto, é interessante... Disse que houve falta de visão da parte dos portugueses.

Muita, muita. Estúpidos, burros. Só tenho... Eu sou mais um. Eu sou mais um, mas não houve nada, não houve ninguém... Porque... Não houve e nem vai haver. Porque é tudo uma cambada de invejosos. É tão simples como isso, Glória. Repare uma coisa. Eu dou-lhe só um pequeno exemplo. O *Fisherman Club* nasce do Olhanense ter vindo à América. Em oitenta e dois, o Olhanense veio à América. O Presidente esteve aqui... como o conhecia trabalhava, perguntou-me se havia condições pro Olhanense ir à América e naquele dia, dentro daquele pequeno restaurante... não sei se a senhora se lembra, ali na doca. Sabe onde é que é o *Waterfront Grill*? Dantes era o (ininteligível 02:29:05) e eles tinham um restaurante onde é o banco tinha um pequeno café, que o velho fez aquilo só pra gente ir lá tomar café. O velho, o dono do do boi, ele fez aquilo só porque não havia nada ali em baixo pros pescadores. Ele fez aquilo antes do outro. Ele fez aquilo só pra malta sentar ali a beber café e o Presidente do

Olhanense, o sobrinho do Mario Ribeiro... Morreu. Esse moço teve um acidente estúpido na estrada, morreu. Ele perguntou-me a mim “Manel, há possibilidades do Olhanense vir à América?” O Olhanense estava na terceira Divisão. Eu olhei pro... Os cafés, a malta que estava ali nos cafés. Glória, naquele dia estavam vinte e três Olhanenses. Hoje é difícil de encontrar três juntos, quanto mais agora vinte e três. Olhei. Se esta malta toda ajudar. E fiz. E a coisa ficou assim. É daí que eu começo a conhecer o Mário Ribeiro. Sabe do Mário Ribeiro?

Glória Sá: Sim, da Casa Ribeiro e também tinha o *Fisherman*, não é? O barco dele.

Yah. E continua, está parado... É dele. Diga. O que é que ia dizer?

Glória Sá: Então, o Olhanense vinha cá pra fazer jogos com as equipas de cá ou com o Mário...?

Yah. Mas isso tudo, o Olhanense vir cá, deve-se à minha melhor.

Glória Sá: Sim?

Não. É verdade. Sabe porquê? Porque, eu chego ao pé da Glória. “Glória, estou a pensar fazer isto assim...” E a Glória diz-me assim “Ok. Quando precisares de mim, avisa-me.” Está certo, a sua participação está feita, né? Eu fiz isso. Como é? Ficamos todos parados... falei com várias pessoas, todas disseram isso. Ficamos todos parados na mesma. Há um dia que a minha mulher vem cá diz-me assim “Ouve lá uma coisa. Quando é que comesças a fazer isto?” “Então, não estás a ver? Ninguém se mexe. Se não houver uma iniciativa, está tudo parado.” E ela com essas palavras, fez com que eu me mexesse. E aí comecei e organizamos, trabalhamos nove meses. Nove meses pro Olhanense. Arranjamos vinte e nove mil dólares e mais uns pelinhos. Foi muito trabalho Glória. Acredite.

Glória Sá: O que é que fizeram? Fizeram...

Até passagem do ano eu fiz. Fazia jantares...

Glória Sá: Festas.

Festas. Então. Festas. Fiz tantas festas no Clube Senhor da Pedra, lá ao norte. Era onde a gente fazia. Até a passagem do ano fiz. Mas, arranjei um grupo. O Xanapai e o filho também.

Glória Sá: O Zeca, ou o...?

O Zeca. O outro é mais novo. O outro não sei onde é que estava na altura. Os bibis... Eu fui buscar a malta toda de Olhão. Os pombinhos. São nomes que não... Mas eu preocupei-me a que não me atirassem assim “Não, este gajo está a fazer.” Eu fui buscar a malta mais velha, todos a participarem disto. O Joaquim Morense. Não sei se... Fui buscar todos. Arranjei uma equipa claro, alguns... O Manuel Viana... Eu tive a preocupação mesmo, de ir buscar os nomes todos, que é pra não me jogarem em cara “Está a fazer-se, sem participar”. Mas apanhei isso na mesma no *Fisherman*. Porque, trabalhamos nove meses. Só houve uma única pessoa que deu valor àquilo que nós fizemos. Sabe quem foi? Foi o gajo que escreve no jornal desportivo... qualquer coisa Costa. Afonso Costa. Afonso Costa. Eu tenho pouca lidação com esse marreco. Sei lá... de ano a ano é que o vejo, ou coisa assim. Mas li no jornal. Ele disse nunca viu em nove meses fazer tanto em tão pouco tempo. As coisas correram todas bem a nós. Até... Porque eu andei andei à procura, onde é que o Olhanense ia ficar. Uma equipa de futebol, Glória, são vinte e sete, vinte e oito pessoas. É muita pessoa, é

muito quarto, que você vai ter que alojar. Eu fui pro Capri ali pro Rote six (ininteligível 02:33:17) Um dia, estava ali no Pena Branca que era o Pena Branca que era do Manuel Correia. Manuel Correia, uma jóia de senhor. “Many, eu tenho um problema.” “Qual é o problema?” Manuel era assim. “Eh pá, uma equipa de futebol...” Porque vieram também outras pessoas a acompanhar a equipa. Era umas noventa pessoas. O avião, noventa pessoas. “Many, tenho este problema assim assim”. O Manuel “Isso não é problema nenhum.” “Manuel, mas eu preciso saber quanto é que custa um quarto.” Preciso de números. “Vinte e cinco dólares.” Mas assim, como nós estamos aqui. Vinte e cinco dólares. Num quarto eu ponho nove. E pôs. O quarto das conferências. Pôs tudo no segundo andar, daquele edifício lá do Pena Branca conhece? No meio. Num quarto ele pôs nove. Pôs televisões ali por todo o lado, ficou tudo bem. Equipa de futebol. Eu paguei mais dinheiro em bebidas, do que no alojamento. Vinte e cinco dólares por quarto. Era dois, três... Num foi nove. Já viu bem? Aquilo correu às mil maravilhas. Quando eu apresentei isso, encantado da vida. Quantas vezes, Glória...? Isto é verdade. Manuel Correia já morreu, mas é verdade. Eu chegava ali, eu estava ali. Porque eu tive a sorte que o barco onde eu trabalhava também teve uma avaria e fiquei... E o Olhanense veio fazer parte do dez de Junho. Tome nota disto. Foi o primeiro, porque o Presidente do Olhanense teve uma visão muito boa, que eu fiz aqui uma espécie de subscrição, assinaturas a pedir a presença do Olhanense aqui a fazer parte do dez de Junho. Eu arranjei mais de duzentas assinaturas... a malta “Pões aqui o teu nome.” A fazer o pedido ao Cônsul ou *whatever*... Eu, nesse tempo não sabia se era Cônsul, onde é que se ia pedir isso. O Presidente é que fez. Não sei pra onde é que ele mandou essas assinaturas. Que fosse a presença do Olhanense que era necessária aqui. E veio, fazendo parte do dez de Junho. O Olhanense esteve aqui no dia sete de Junho até dia dezassete de Junho.

Glória Sá: E o Governo pagou alguma coisa por isso?

Claro que pagou. Aí... Já está a querer saber muito. Eu não posso dizer tudo.

Glória Sá: Não, mas faz sentido, se vinham oficialmente. Foi uma boa maneira de...

Espere aí! O José Vitorino era o Secretário de Estado na altura. De facto. Nós pagámos o almoço ao marreco ali no Nemo (??), no restaurante Nemo (??). E eu não estava presente quando isto aconteceu. No consulado, eles ofereceram depois ao pessoal do Olhanense, lá uma recepção. Aqueles petiscos e aquelas coisas que eles fazem. E o Zé Vitorino disse pro José Arsénio, que era o Cônsul, na altura. O José Arsénio... Acho que está em Itália agora.

Glória Sá: Não sei.

Ou já estive. E disse “Eh pá, esses cinco mil dólares que tens aí ao lado aí, dá ao Olhanense.” E o Olhanense recebeu cinco mil dólares do consulado. Na altura, era o tal chamado Saco Azul, acho que já acabou. Pelo menos a outra doutora dizia que já tinha acabado. Pelos vistos... E foi assim que recebemos cinco mil dólares do consulado. Vendemos jogos pra Elizabeth, outra experiência muito agradável. Foi interessante.

Glória Sá: Venderam jogos?

Vender jogos. A presença da Olhanense... Antes do Olhanense chegar lá, a gente tinha que saber o que é que íamos receber em troca. “Quanto é que pagas pro Olhanense vir aqui jogar com a tua equipa?” Mil dólares, ou duas mil, qualquer coisa assim.

Glória Sá: Ah, que interessante.

Não é interessante. Tem que ser. Então como é que eu ia realizar dinheiro pra pagar os jogadores e a estadia? Onde é que se vai buscar dinheiro pra pagar isso tudo? Eu pus os jogadores a receber um prémio de jogo, quarenta dólares por dia. Porque eu sei o que é a vida do futebol. E estar aqui e não ter dinheiro pra pagar uma... Isso não tem piada nenhuma. Levar uma lembrança pra esposa, pra namorada. Por amor de Deus, eu não. Eu passei por isso. E então fiz todos os possíveis pra que eles tivessem isso e tiveram. Foi agradável.

Glória Sá: E como é que está relacionado com a fundação do Clube dos Pescadores?

Como é que estou?

Glória Sá: Como é que está a vinda do Olhanense cá? Tem a ver com...

Tem, tem. Sabe porquê? Eu fiz com que os Olhanenses... Porque o Olhanense é Olhão. E eu pus os Olhanenses que viviam cá na altura, a contribuir pro Olhanense. Eu não ia pedir a si, você não é de Olhão, pra que é que eu vou pedir a si? Não tem piada nenhuma. Posso-lhe ir vender um bilhete pra ir ao jantar, mas não posso pedir uma cota. Eu fiz a malta pagar uma cota, cinco dólares por mês. Glória, eu tinha que arranjar dinheiro. A finalidade é essa. Mas eu depois vi... Naquele tempo, na pesca ganhava-se dinheiro. Era fácil. Havia *cash money*. Mas também havia as dificuldades do indivíduo que trabalhava na fábrica. Você trabalhava na pesca, dava-me dez dólares com facilidade. Mas o que trabalhava na fábrica, dava-me duas com dificuldade. Era totalmente diferente. Eu apanhei duas chapadas sem mão, de um indivíduo... Eu não gosto de usar a palavra pobre, mas... Sem muitas condições. Apanhei. Sabe porquê? Uma das vezes, antes do Olhanense vir à América... Uma das vezes que o presidente veio aqui, ele trouxe uns bilhetes pra vender dum apartamento que o pai dele, o Victorino das Neves, tinha oferecido ao Olhanense pra sortear. Eram só mil. O apartamento em Olhão. Eram mil bilhetes. E aqueles bilhetes, na altura, o câmbio dava trinta e três dólares e qualquer coisa. E ele vendia muitos desses bilhetes. Eu comprei. Eu comprei dois. Mas com o interesse de ser pra mim.

Glória Sá: Pois.

Se me saísse, era pra mim. E há um indivíduo, esse tal indivíduo que eu digo que é pobre, que eu não gosto de usar esse termo, chega ao pé de mim e diz-me assim “Manel, está aqui cem dólares pra ver as cores da camisola do Olhanense na América.” E eu fiquei... Comecei logo por engolir em seco. Eu não faço. Eu não fiz. Não faço. Eu tinha esses bilhetes pra vender. Eu digo-lhe assim “Oh Juviano” Juviano Estrela. Não sei se esse nome lhe diz alguma coisa.

Glória Sá: Não.

Eu explico-lhe depois. “Oh Juviano, tenho aqui estes bilhetes que é do apartamento. Você, por acaso, cem dólares, compre um ou dois bilhetes, são trinta e três dólares e ainda dá dinheiro pro Olhanense.” Eu, na minha boa maneira de ser. Está bem. Começa. “Ok, dê cá um bilhete.” “Qual é o nome que eu ponho?” A primeira chapada foi logo com as cem dólares. “Ok, qual é o nome que eu ponho aqui no bilhete?” “Ponha aí, Sporting Clube Olhanense.” E fiquei... Já viu? Num pobre. Duas chapadas na mesma altura. E pus, e foi pro Olhanense. Não saiu o Olhanense, saiu a um gajo qualquer que andava praí.

Glória Sá: Teria sido bom se tivesse saído a esse Juviano.

O irmão tinha barcos, na altura. Tinha tudo. Ninguém o fez. Eu não o fiz. Eu não. E aquele marreco... Já viu como a gente apanha sem... Essas nunca mais vou esquecer. São histórias que nunca mais vou esquecer.

Glória Sá: Nessa altura então, não havia o clube dos pescadores?

Não. E a malta começa-me a pedir. Os Olhanenses começaram-me a pedir um clube. Depois de acabar as coisinhas todas do Olhanense, as festas e o Olhanense mandar... O Olhanense, não, nós aqui, a Mário Ribeiro, mandarmos o resto do dinheiro pra pagar... o que sobrou desta... Mandámos tudo ao Olhanense, as passagens. Glória, são noventa pessoas. Embora as pessoas paguem, mas os jogadores não pagam. São pelo menos vinte e quatro a vinte e sete pessoas que não pagam passagem. O clube é que paga e então, aquele dinheiro ajudou bastante. O dinheiro que a gente realizou aqui ajudou bastante a amortizar as despesas. Depois disso tudo, a malta começa-me a pedir um clube. A Casa do Algarve... É o meu sonho ainda. Ainda não está no... Não. Ainda tenho outra. Mas, a Casa do Algarve ainda está no meu... Está cá dentro. É difícil. Muito difícil. Começam-me a pedir um clube. Mas eu vi as dificuldades da malta que está a trabalhar em terra estar a contribuir. E uma casa aberta agora é caro. De verão é o ar condicionado.

Glória Sá: De inverno é o aquecimento.

E de inverno é o aquecimento. Fora o resto. É muito dispendioso. E eu vi que não havia possibilidades. E é quando falo com o Mário Ribeiro e o Zé Lima. Sabe quem é o Zé Lima? Nós três, jantamos “Eh pá, vamos esquecer a (**ininteligível 02:42:27**), as galas, o algarve, o Olhão, o não sei quantos... Os pescadores. Fazer uma coisa só.” Mas a ideia era fazer precisamente como a gente fez com o Olhanense. Arranjar dinheiro primeiro. Trabalhei nove meses, arranjei trinta mil dólares. Quase trinta mil dólares. Portanto, se a gente trabalhasse um ano assim a fazer festas, arranjava-se trinta ou quarenta mil dólares, pra depois comprar uma coisa qualquer. Não. “Sim senhor, está tudo bem. Vamos fazer.” Só que, houve um pequeno contratempo. Eu sou uma porcaria de engenheiro. Sou motorista dum barco. O outro, na altura, também era motorista dum barco. Não eramos ninguém importante. O Mário Ribeiro é que era o único importante. O que é que acontece? Os homens de dinheiro. Domingos Mano... Eu digo-lhe os meus homens todos. Domingos Mano, Manuel Viana, Mário Ribeiro, Manuel Vinagre, João não sei quantos, Carlos Camarão, não sei quantos.. Num dia arranjam sessenta e cinco mil dólares. Num dia.

Glória Sá: Uau.

Eles começaram a ver, então estes marrecos “Então, estes marrecos? Então, estes são os trabalhadores, é que vão fazer alguma coisa? Não pode ser. Agente é que somos os patrões, nós é que temos o dinheiro, eles não têm dinheiro.” Então, num dia arranjam sessenta e cinco mil dólares. E agora é preciso gastar. Qual foi a primeira coisa que eles foram ver? Em frente ao *Fisherman*, sabe aquela farmácia que está ali? Como é que aquilo se chama? Antigamente era o Carson. Lembra-se?

Glória Sá: Carsons' furniture.

Meti água pla cela, foram ver, fomos ver, eu também fazia parte, fomos ver aquilo. Meti água pla cela. Não, fora de hipótese. A segunda, foi o Muse, o Muse velho, o Muse velho, onde se dança, dançava... ali ao pé do Seabras, ali. Havia ali o Muse, o salão. Os sócios é que não quiseram vender. Os sócios... Porque aquilo obedecia... Os sócios tinham umas certas regalias. Se tivesse, por qualquer razão, estava fora do trabalho, acho que o clube, contribuía com as x. Tinham as suas... E não quiseram vender. E depois apareceu aquilo. Aquilo, o clube, hoje. Aquilo era o... Como é que aquilo se chamava? Bettencourt?

Glória Sá: Bettencourt Furniture?

Bettencourt? Duzentas e sessenta e cinco mil dólares. Hoje está mais cara do que custou na altura. E foi onde eles se enterraram.

Glória Sá: Está mais cara ou está mais barata?

Está mais cara. Porque deve-se mais dinheiro, do que aquilo custou.

Glória Sá: Ok.

Aos anos. Porque aquilo é um cancro. Aquilo é muita grande. É muita... Aquilo só tem é despesa. Mas eu não queria nada daquilo, Glória... Eu nunca quis nada daquilo e nem quero nada daquilo. Eu queria uma coisa mais sociável. Eu queria uma coisa onde você pudesse estar lá descansado, a ler um jornal, com umas boas (**ininteligível 02:45:16**), beber uma bebida... Uma coisa mais social.

Glória Sá: Com mais classe?

Com mais classe. Oh Glória, pra beber uma cerveja, eu bebo em qualquer lado. O que não falta aí é disso. Eu queria uma coisa dos pescadores. Alguém tem mais possibilidades que nós? Nós temos tudo na nossa mão. A porcaria da inveja, é que não los leva a fazer nada. O que é que custa, um barco, dar uma porcaria de uma libra de escalopa, ou dar uma porcaria de uma caixa de peixe? O que é que isso representa? A si, trabalhador lá no *harbor*? Absolutamente nada. Absolutamente nada. O que é que essa porcaria não vai toda pra um sítio só? Fazer uma coisa grande. Temos todas as possibilidades. Haja quem consiga juntar isto tudo. Eu não consigo. Ou então, fazer um banco.

Glória Sá: Fazer um banco?

Um banco.

Glória Sá: Dos pescadores?

Mas isso é outra história. Mas, este clube, tem... Como é que eu vou dizer? Se as pessoas deixarem de ser tão egoístas, se as pessoas olharem só pra um sítio só... É uma tristeza. Estamos na América, País número um. Vem um representante de Portugal pra onde é que vai? Ou vai pro *White*, ou vai pro... Como é que chama o outro ali em...? Como é que aquilo se chama?

(**ininteligível 02:46:38**)

Pro *Fisherman*. (**ininteligível 02:46:40**) Não temos uma sala em condições pra receber ninguém. Não temos. E, no entanto, estamos num País rico. Eu olho pra Venezuela, olho pros outros países, têm lá salas que me até dá gosto de ver. É um paraíso ver aquilo tudo. As condições que eles têm. E são pessoas... Como é que hei-de dizer? Têm mais dificuldade no trabalho, porque a gente, a tirar daquilo que eu trago do mar... Glória, eu dou peixe. Se eu der pra uma boa razão, não é a mesma coisa? Eu dou peixe às pessoas, também é uma boa razão, calma. Não é isso que eu quero dizer. Mas, se eu der dez dólares. Se o barco, o trabalho, der dez dólares todas as viagens, e o seu, e o seu, e o seu... É muito dinheiro. Não se pode fazer uma coisa como deve ser? Temos uma merda. O que é que a gente tem aí? Isto é uma merda. É nada. Na minha opinião. Pra muita gente, aquilo é muito bom. Não sei o quê, não sei o que mais... mas, pra mim, não chega. Eu fui saber quanto é que custava um jornal. Temos aqui, malta aqui na pesca, a gente não sabe quem as pessoas são. Saber o jornal, esse jornal... Antes de existir o jornal, o jornal, eu já tinha essa ideia de fazer isso. Publicidade.

Eu fui saber tanta coisa. Estava um pavilhão lá atrás, que aquilo é um espaço enorme. Eu fui pedir ao Felício velho, que já morreu há anos, pra ele mobiliar aquele pavilhão, pra pôr as crianças ali a jogar basquete, pra irem brincar ali atrás. Os filhos dos membros daquilo. Aquilo é uma *corporation*. Aquilo não é um clube, aquilo é uma *corporation*, é totalmente diferente. A gente tem ações, nós é que somos os donos. Mas, fazer qualquer coisa. Agora saltar ali só pra ser uma barra.

Glória Sá: O que é que acha que vai acontecer?

O que vai acontecer? Vai ficar assim.

Glória Sá: Vai ficar assim? Mas o que é que acontece quando as pessoas da nossa idade, um bocadinho mais velhas, morrerem? Acha que vai continuar?

Acho que sim, Glória. Isto vai continuar. Esta porcaria é a mesma. Não há interesse. As pessoas vão deixando... Alguém vai tirando aproveitamento daquilo, vai tirando e vai ficar tudo a mesma. Isso fica tudo na mesma. Se aparecer um gajo que tiver... que tenha dinheiro, que faça... que queira realmente investir alguma coisa ali. Faça alguma coisa, aí está bem. Agora, de outra maneira, não. Vai ficar assim. Não vejo hipóteses. Eu vejo...

Glória Sá: Será que sobrevive?

Boa pergunta.

Glória Sá: Era isso que eu estava a dizer.

Não sei. Também não sei. E, precisamente, ao encontro da sua observação... Aquilo houve uma mudança ali, o Rafael entrou pra lá e conseguiu tirar o garrafinha da cozinha e... Quem é que ele tirou mais? E o Presidente?

Glória Sá: Quem era o Presidente?

Leonel. O que aconteceu? Não sei.

Glória Sá: Leonel quê?

Eu não me lembro do segundo nome, mas já trabalhou lá... trabalhou há muitos anos e...

Glória Sá: Não é aquele magrinho? Mas ele ainda continua lá?

Não. O magrinho é outro. O magrinho é o *manager*. Eu concordo. Calma. Eu sou da opinião que aquele clube já mexe muito dinheiro pra ser o *manager*, mas não aquele *manager*. Eu quero um *manager* que traga outras pessoas de fora. Não quero o *manager* que me traga o Faialense. Olhe *big deal*. A porcaria é a mesma. Onde é que o clube está a subir? Eu quero pessoas... diferentes. Percebe o que eu estou a dizer? Do Faialense pro *Fisherman*? Mais bêbado, menos bêbado, está tudo na mesma. Não adianta nada. Não melhora nada. *Right*? Agora, se ele me trazer pessoas que vão pra o (ininteligível 02:50:22), ou pro *Airport Grille* (??), aí já muda um bocadinho. Agora, a mesma porcaria? E está lá a ganhar... não sei quando é que ele ganha, mas... Tem que ganhar. Quinhentas ou seiscentas dólares por semana, ele ganha. Tudo bem. O rapaz... não tenho nada contra a pessoa. Por amor de Deus. Mas só queria mudanças. E não vejo mudanças, nenhuma. Aquela sala, está lá aquela salão. Aquilo tem que trabalhar. Aquilo tem que fazer dinheiro. Tá sempre parado. Não sei.

Glória Sá: Parece que tem bastante movimento. Fazem lá bastante coisa, não?

Não sei. Eu não sei. Não faço ideia do que é que fazem lá. Palavra de honra. A passagem do ano, o que é que aconteceu? Você que é investigadora, não sabe?

Glória Sá: Por isso é que estou-lhe a perguntar a si.

Eu não fui lá passar a passagem do ano. Eu passei em casa.

Glória Sá: Eu também.

Passei em casa? Ah, passei. Fui jantar aqui e depois passei em casa dela.

Glória Sá: Fizeram a festa de passagem do ano lá? Este ano?

Yah. Acho que veio uma equipa... Música, veio toda dos Açores. Segundo a informação que me disseram, 14 mil dólares só pra pagar a banda de música. Tinha lá duzentas e cinquenta pessoas. Acho que a coisa... Não sei, mas isso é as tais coisas... O Rafael agora é que é o posso, quero e mando. Sabe como é? A gente ficamos limitados. Muito limitados. Porque você não pode falar contra, porque se facear contra, perde o trabalho. Isso é outra coisa. Tá a perceber? Ali... Está ali uma situação, do arco da velha. O cabrão... meteu-se ali pra fazer monopólio a todos nós. Ele faz o monopólio a todos nós. “Se não fores por mim, já sabes que estás queimado.” E tem razão, porque ele é que é o dono dos barcos. Pra onde é que vão? Pra onde é que esta malta vai trabalhar? Já viu?

Glória Sá: Falando em ele ser o dono dos barcos e pra onde é que a malta vai trabalhar, ainda há muita gente a trabalhar no mar? Muitos portugueses? Ou há poucos?

Ainda há.

Glória Sá: Se tivesse que fazer uma estimativa, quantos é que diria que ainda... assim imigrantes?

Uns cento e vinte, cento e trinta.

Glória Sá: Ainda?

Ainda. Talvez se calhar nem tanto, mas aí à volta disso. Cem, cento e vinte, cento e trinta. Aí à volta disso.

Glória Sá: E as idades deles são?

Velhas.

Glória Sá: Idades avançadas, não é?

A partir dos cinquenta. São muito poucos os que têm menos de cinquenta. Muito poucos.

Glória Sá: Então e, quem é que...? Há outros grupos?

O futuro? Não sei. É outro problema. Porque, não oferece condições, Glória. A pesca... a indústria não oferece condições, pra se pôr lá um jovem a trabalhar. O que é que vai fazer? Só na escalapa? Calma. Estamos a falar de dragas. Na escalapa, toda a gente quer ir pra escalapa. Que é onde está o dinheiro. Agora, na draga, esquece isso.

Glória Sá: Na escalapa, quanto dinheiro é que eles fazem, por viagem?

Eu não sei quanto é que a senhora ganha por ano.

Glória Sá: Sei que ganho menos que eles, com certeza.

Agora só por curiosidade. Quanto é que ganha por ano? Só para lhe dar a resposta.

Glória Sá: Eu não sei exatamente.

Eu vou pôr o número.

Glória Sá: Sessenta mil. Não chega lá.

Então, uma viagem ganha cinquenta mil.

Glória Sá: Um indivíduo?

O capitão ganha mais. O capitão ganha mais que a senhora trabalha num ano.

Glória Sá: Numa viagem só?

Numa viagem. De quinze dias. Dezasseis, dezassete. Uma viagem, ganha mais que você leva a trabalhar o ano todo. Agora explique-me.

Glória Sá: Agora explique-me você porque é que não está num...

Porque não tenho que cabedal praquilo. Porque, não ando nas drogas, não faço nada disso. Não tenho vinte anos.

Glória Sá: Mas pra ser maquinista, pode-se... O maquinista tem que fazer o *chucking* também? Tem que fazer?

Yup, tem que fazer. É mais um. Depende do tipo de barco. Mas tem que ser mais um a trabalhar. Há alguns barcos que até dá pra fazer. Mas, eu passei lá há muitos anos e não quero.

Glória Sá: Chegou? Fez alguma viagem?

Fiz, fiz duas.

Glória Sá: Fez duas?

Só perdi dinheiro. Setenta e... oitenta e qualquer coisa. Só perdi foi dinheiro.

Glória Sá: Não ganhou nada?

Nada. Perdi dinheiro e o dono do barco cortou-me o *self-employer*. Foi o primeiro gajo que me fez isso. O Felício. O velho Felício que morreu. O meu amigo. É verdade. Não estou a brincar. No Poseidon, barco de madeira. Treze homens. Treze. Hoje são sete, porque eles não querem mais gente a bordo. Porque assim ganham aos quarenta e aos cinquenta mil dólares e se for mais gente a bordo, ganham menos. O próprio pessoal queima-se a ele próprio. Matam-se a trabalhar. Eu estou à espera de quando aparece gajos mortos a bordo das escalopas. Acredite. Estou deveras surpreendido comigo mesmo, como é que esses gajos não se matam a eles próprios. É inadmissível, como é que estes... Glória, não dá pra... Eu não consigo perceber. Eu sou um homem da pesca e não consigo perceber como é que estes gajos se mantêm a trabalhar tantas horas e não há acidentes. Ou então, eu não sei dos acidentes que há. Qualquer dia... Eles matam-se. Ou a droga os mata, ou eles matam-se os barcos. Porque a ganância... Porque é tudo ganância. É tudo a força de fazer dinheiro. Se você faz duzentas mil

dólares, eu tenho que fazer duzentas e dez. O outro tem que fazer duzentas e vinte. E o que é que faz? Sacrifica o pessoal. Trabalha mais horas. Trabalha mais. Trabalha mais. Ora, o corpo vai até um sítio. Até um ponto só. Algum dia vai rebentar. E eles então, é as vitaminas, as drogas... É o diabo a sete que fazem pra... É muito complicado. É uma indústria que está...

Glória Sá: Quando estive nesse barco, viu com os seus próprios olhos eles tomarem drogas e isso?

Eu paguei a um do Vietname, do avião. Eu paguei a passagem de Nantucket pra ele vir pra casa, pra ele poder vir pra casa. Eu paguei a passagem. Eu.

Glória Sá: Porque ele tinha gasto o dinheiro todo na... ?

Porque ele se queria vir embora. E eu sabendo...

Glória Sá: Ah.

Estava todo drogado.

Glória Sá: Ah.

Estava todo drogado e queria-se vir embora. E eu sabendo que ele se vinha embora, foi a maneira que eu arranjei pra vir pra casa. Eu não arranjei, aconteceu. Eu paguei-lhe... Eu dei-lhe o dinheiro pra ele vir de avião. Paguei vinte e cinco euros. Vinte e cinco euros?! Vinte e cinco dólares. Nantucket a New Bedford. Ok? Eu lhe dei... Emprestei ao gajo. Nunca mais o vi. Claro. Foi dado. E foi a maneira de a gente vir pra casa.

Glória Sá: Explique lá melhor. Eu não estou a perceber. Como é que... O homem estava drogado.

É. E quis-se vir embora. Nós fomos a... Nós fomos pra Nantucket porque um indivíduo tinha se aleijado. O pé. Um peso qualquer caiu no pé. Então, fomos pra Nantucket e quando chegámos a Nantucket, esse ficou bom do pé, mas o outro... O gajo tinha estado na guerra no Vietname, quis-se vir embora. E eu dei-lhe o dinheiro pra ele vir-se embora. Porque eramos treze, assim só ficam doze, já não dava pra trabalhar. Hoje trabalha-se com sete. Tome nota.

Glória Sá: Sim, sim.

Metade. Ok? E foi a maneira que eu arranjei pra vir pra casa. Porque já estava farto daquela porcaria, também me queria vir embora e assim, deu o dinheiro ao gajo e viemo pra casa.

Glória Sá: Porquê é que ele não veio no barco? Porque ele estava com pressa?

Não, porque... Como é que não? O barco não vinha pra casa trazê-lo, Glória.

Glória Sá: Ah, você veio com ele?

Eu vim no barco. Ele é que veio no avião. Ele desertou. Somos 12. Está aqui a companhia toda.

Glória Sá: Pois.

Se você... Não vai dizer ao capitão “Eu quero ir pra casa.”

Glória Sá: Pois.

O capitão não o traz pra casa, vai logo pro mar. Eu fico aqui e vou pera casa. Você saiu do barco. Portanto... Mas eu vou precisar de dinheiro pra pegar o avião. Eu, fui eu que dei-lhe o dinheiro. Agora, doze, o capitão disse “Não, eu já não posso ir pro mar com doze.”

Glória Sá: Ah, agora que eu estou a perceber. Ok. Então vieram todos?

E viemos todos, de barco, enquanto o marreco, eu paguei pra ele vir de avião.

Glória Sá: Mas como é que isso está relacionado com a droga? Ele queria se vir embora por causa da droga?

Isso eu não sei. O que eu sei... Isso é complicado. Quando se fala nessa porcaria de droga, eu não tenho prova, Glória. Eu não sei.

Glória Sá: Mas não, quer dizer, não viu.

Não vi. É as tais coisas... Há doping no futebol? Há sim senhor. Como é que eu posso provar? Não sei. Olha, Neil Armstrong. Olhe só para isso.

Glória Sá: Exato. Mas, portanto, e quando foi nesse...

Agora... Desculpe lá. Agora, que eu não acho possível o corpo humano aguentar tanto sem auxílio, isso eu... Pronto.

Glória Sá: Portanto, a vida na escalopa, a bordo de uma escalopa, é muito diferente da vida a bordo de uma draga?

É. É um bocadinho diferente.

Glória Sá: Pode-me falar disso? Como é que é?

A escalopa é... É mais máquina. A escalopa... Os gajos são... Qualquer burro vai pra uma escalopa. A escalopa, o que é que tem que fazer? É tirar aquilo, abrir aqui e começar a abrir a escalopa. Na draga, não. Na draga, você já tem que saber de redes. Tem que saber arranjar a rede. A rede vem partida e tem que ter imaginação ou aprendeu, alguém lhe disse ou... É totalmente diferente. É um bocadinho... Porque você vê. Vê os guatemalas, vê os pretos e os amarelos, vão todos pra escalopa. Porquê? É um trabalho mais... pesado? É. E, estar ali aquelas horas a abrir a escalopa, abrir a escalopa... É só. É um trabalho muito motorizado.

Glória Sá: E como é que eles guardam? Portanto... Tem mais homens? Leva mais homens, não é?

Tem sete homens. Tem sete. O capitão...

Glória Sá: E fazem quartos, como...?

Yah. Fazem quartos. Segundo... Tudo, às vezes depende de pra onde é que eles vão trabalhar também. Mais. A maior parte é que fazem quartos. Seis horas... Quer dizer, trabalham dezoito, descansam seis. Trabalham dezoito horas...

Glória Sá: Seguidas?

Seguidas, descansam seis. Outros trabalham doze, descansam... Depende. Depende de pra onde é que vão trabalhar. Por exemplo, se eles forem trabalhar pra zona, só podem apanhar dezoito mil. Dezoito mil tem tempo pra apanhar. É uma coisa mais descansada. Agora, se

forem trabalhar pra uma zona livre eles podem trazer trinta, quarenta, cinquenta mil. Quanto mais trouxerem, mais ganham. Ora, então aquilo é um esforço sobrenatural. Uma barco trazer... Você já imaginou o que é cinquenta mil libras se escalopa... Uma. Uma por uma.

Glória Sá: Abrir?

Por amor de Deus, Gloria. Eu nem quero... E como é que esses homens fazem isso? Tem que haver... A força de imaginação do que vai ganhar. Você vê os brinquedos que eles têm? É tudo Mercedes, é tudo motas não sei quantos. O outro marreco ali, o dono do... do Fernandes, do restaurante?

Glória Sá: Qual é o Fernandes?

Por baixo, onde você morava.

Glória Sá: Ah, sim, sim, sim.

O dono daquela porcaria, tem duas escalopas. Há dez anos atrás era um teso, agora tem um Mercedes que custa quatrocentas mil dólares. Pra andar a brincar aí na estrada.

Glória Sá: E ele é português ou é...?

É polaco.

Glória Sá: Polaco.

Esses dinheiros, a facilidade. Já viu o que é estar a ganhar cinquenta mil dólares por viagem? Cinquenta mil dólares. Isto é um camarada. O capitão, ponha mais dez por cento, mais vinte mil em cima. Já viu bem, setenta... (ininteligível 03:02:59). Porquê? Porque a escalopa vai toda pra Europa.

Glória Sá: Ah sim?

A escalopa vai toda pra Europa. Se isso... Se isso der o reverso da medalha, se a escalopa começar a baixar o preço, há aqui muita gente aqui que vai... Ficar mal na chapa. Espero bem que não. Que isso continue. A mim não me dá nem me tira. Quero lá saber.

Glória Sá: E quando andam na escalopa, quem... os outros membros, os outros camaradas, quem eram? Eram portugueses ou eram de outros?

Eram todos portugueses.

Glória Sá: Todos portugueses?

Todos. Um era o Many do *Guidance*, que tem uma escalopa hoje, o *Guidance*. Outro é o filho do Carlos Vinagre, que também tem um barco hoje, que é o Açores. E mais uns quatro, éramos treze. É tudo gente, trabalhadora, procurávamos fazer alguma coisa, só que... Mas a escalopa era miudinha. Eu tive azar. Ou ando adiantado, ou ando atrasado. Nunca estou lá na hora certa.

Glória Sá: Mas a maneira de... A comida que vocês levavam, a maneira como cozinham... isso tudo, era tudo a mesma coisa como se fosse na draga?

No geral... numa maneira geral, é. Na escalopa, antigamente, havia um cozinheiro. Por isso é que éramos treze. O cozinheiro... Porque aquilo trabalha por duas equipas. É uma equipa

num lado, e outra equipa noutra. Repare, é sempre números ímpares. São sete porquê. É o capitão, o capitão é lá em cima. E estão três a trabalhar num lado, a abrir escalopa, e estão três noutra lado. Há sempre guardas. Há sempre dois homens, dois ou três a dormir. Mas... Há sempre dois e dois. E um em cima e depois os outros dois vão dormir e depois vão os outros dois, e depois vão... É sempre a rodar. Sempre a rodar. E é sempre números ímpares. Ora, no meu tempo, o cozinheiro era um número ímpar. O cozinheiro fazia o comer. Fazia o almoço e fazia o jantar. Hoje não. Hoje quem faz o comer é o capitão.

Glória Sá: Ah, sim?

Oh yah. O capitão e o *mate*. O capitão e o *mate* é que fazem o almoço e o jantar pro pessoal.

Glória Sá: Mesmo nas dragas?

Não, nas dragas não. Na escalopa. Na escalopa. Na draga não. Eu tenho um cozinheiro... Por acaso não tenho um cozinheiro, preciso de um cozinheiro. Então, o meu cozinheiro foi-se embora. Não, palavra... Preciso dum cozinheiro pro barco. Não estou a brincar. Mas, na escalopas, quem faz o comer são os homens que estão ao leme. E então, o leme, o barco está aqui em cima, o leme está ali em cima, os gajos vêm cá abaixo... Põem ao fogo e vão pra cima. Andam sobe e desce. Sobe e desce. O barco está a arrastar. O barco... Está tudo a trabalhar. Está a perceber? Enquanto os homens estão ali fora a trabalhar, o barco está a arrastar, está a andar e eles aproveitam. "Oh, não está ninguém pla frente, então tenho que fazer o comer." Mas, quando está *fog*, está tudo a trabalhar muito em cima uns dos outros. De vez em quando até eles partem-se uns aos outros. Eu não sei como não há mais acidentes. É uma das coisas que eu fico parvo. Porque são muitos barcos num espaço curto e andam a trabalhar e a fazerem... a largarem o leme. Porque não está alguém lá em cima. Eles têm que fazer o comer, eles estão sempre... Ou estou a abrir...

Glória Sá: Estão sempre ocupados com outra coisa.

Não está um ao leme. Devia estar sempre um ao leme, responsável pla aquilo que está pla frente. Não. Eu não sei como é que o *coastguard*, também não tem uma palavra a dizer sobre isso. Porque isto é tudo segurança. Mas não, mas não. Ninguém liga. Porquê? A pesca não faz parte da economia do País. Nós somos um zero à esquerda. A pesca aqui, se acabar, acabou, ninguém quer saber. Seja dragas, seja escalopas, eles não querem saber de nada.

Glória Sá: Em termos de segurança, fala-se que a pesca é uma das ocupações mais perigosas que existe. Mas ao longo destes trinta e cinco anos que tem estado na pesca, tem havido diferenças? Acha que agora é mais seguro do que era antes? O que é que se passou?

Não sei. Não me aparece.

Glória Sá: Não lhe aparece?

Não. Não sei. Enquanto eu ver barcos a serem reparados e modificados aqui na doca, não acredito nessas mudanças em segurança. Lá vou eu mais uma história, Glória. Eu fui ao fundo, há uns quantos anos atrás, num barco chamado Ilha brava. Porquê? O barco era um barco pequeno, fizeram um barco grande. O que é que aconteceu? Onde é que está a estabilidade? Você tem esta casa, com primeiro andar. Não vai fazer aqui um quinto andar. Não pode. A casa não... Foi como aconteceu a mim. Eu fui ao fundo, em Julho... Não sei há quantos anos, com peso. O barco... uma baleia, pôs-me no fundo.

Glória Sá: Uma baleia?

Yup, eu tive quatro horas ao decima d'água.

Glória Sá: Conte-me (ininteligível 03:08:23).

Não sabe disso?

(ininteligível 03:08:29)

Não? O barco chamava-se Ilha brava. Vou tentar explicar como é que é um barco. Chega.

Glória Sá: Era do Carlos Rafael, não era?

Yes. Então, ele é que modifica os barcos aqui na doca. Como é que é possível isto? Isto, só no terceiro mundo. Glória, estes barcos todos, estes barcos, ponha a melhor escalopa que está aqui, a melhor escalopa, mais recente, a mais nova, não passava numa vistoria em Portugal. Acredite que se quiser. Sabe, um barco é assim. Tem as rampas, duas rampas.

Glória Sá: Pra largar a rede.

Pra largar a rede, exatamente. Nós estávamos a trabalhar e pra este lado, fomos à rede às dez da noite e o peso... O capitão conseguiu pôr o peso dentro. Era uma baleia. Uma baleia é um peixe parecido à baleia. Lá dentro e o peixe ficou neste lado. E o que é que fez ao barco? Começou a fazer assim, começou a fazer assim e fez assim e virou o barco. E virou o barco.

Glória Sá: E porquê é que ele apanhou a baleia?

Ele não queria apanhar a baleia, só que o (ininteligível 03:09:41) já não teve força do outro lado pra virar, pra pôr o peso ao meio do barco. Se pusesse ao meio do barco, talvez resolvesse. Mas já não teve e depois a água começou a entrar. Começou... foi pro (ininteligível 03:09:52). Começou-se a apoderar do barco. O barco virou. O barco... foi metendo o cu, foi virando, foi virando. E ficou assim. Metade do barco virado ao contrário daqui. Acima de água, o resto estava tudo debaixo d'água. E foi assim que eu fui pro fundo.

Glória Sá: E como é que se salvaram?

Sorte. Salvámos todos. Sorte. Sorte. Mais nada. Estava à espera de Jesus Cristo pra vir lá, mas o gajo não apareceu. Sorte.

Glória Sá: Isso foi em que mês?

Tinha que ser um mês de água quente. Julho. quinze, quinze pra dezasseis de Julho. Eu não sei há quantos anos. sete, oito, nove, dez. Mas, às dez da noite. Às dez da noite fomos à rede. Eu me lembro que eram dez da noite. Glória, fui o primeira a atirar-me pra água. Despi-me, a roupa de oleado. Sabe aquelas roupas?

Glória Sá: Sim.

Botas... Fiquei nu, só com uma blusinha em cima.

Glória Sá: E não tinha o...

Não. Não deu tempo. A inclina... Nem avisamos ninguém. O capitão... Estávamos três cá em baixo. Sabe o barco, não sabe? (ininteligível 03:11:00) Estava o capitão e o *mate* lá em cima. E os três camaradas. Éramos cinco. Três camaradas cá em baixo. O barco... a inclinação do barco começou a tomar de tal ordem que eu tinha... Sabe o *ring buoy*? Glória, estava aqui.

Na parte de trás do barco, estava aqui e eu não me atrevia a ir lá. Buscar o *ring buoy*. Eu joguei-me à água.

Glória Sá: Porquê? Por causa da inclinação?

A inclinação do barco. Foi o momento que eu tive mais medo na minha vida, foi quando atirei-me à água... Estavam as luzes, ainda estavam a trabalhar. Estava tudo aceso. Havia claridade. Atirei-me à água. Quando venho pra cima está uma escuridão total.

Glória Sá: Já estava a afundar?

Virou. O barco ficou de meio... Do meio casco pra cima ficou acima da água. Metade do barco estava debaixo da água. Abafou o gerador, a máquina, tudo. Era um silêncio total. Nunca vi tanto silêncio na minha vida. Silêncio. Sabe o barulho do silêncio? Eu atirei-me à água. Eu desviei-me do barco com medo da sucção. Nadei um bocadinho pra fora. Mas foi os momentos que eu tive assim... Não pânico. Eu nunca tive pânico. Não estou aqui a... História. Não tive pânico. Mas fiquei assim “Onde é que eu estou?” E de repente tenho dois gajos ao meu lado. Um no lado esquerdo, outro no lado direito. Nada combinado. Nada. Não sei como é que aconteceu. E começo a ouvir as vozes. Porque... Os outros dois... O capitão Barroqueiro, que morreu depois no *Lady Grace* e o cunhado. Os dois foram depois no *Lady Grace* e ficaram no *Lady Grace*.

Glória Sá: Morreram no *Lady Grace*?

Yah.

Glória Sá: Como é que eles se chamavam?

Barroqueiro. António Barroqueiro e João qualquer coisa.

Glória Sá: Barriqueiro.

Barroqueiro.

Glória Sá: Barroqueiro.

Eu tenho uma piada porque... Quando aconteceu esse acidente no Senhor das Graças, eu vinha do mar. Eu estava no *Seaside* nessa altura e chega ali à doca, ao *auction*, está o Pedro Bicudo, o homem da RTP na altura e mais não sei quantos a receber os cabos. Não estava ninguém. Era de inverno. Estava frio como tudo. Eu olho pro Pedro Bicudo e pensei “Vocês só aparecem quando há desgraças”. Foi as minhas palavras. E o homem veio pra mim “Tem razão.” E pronto. E foi falar com o capitão. Ora, ele devia tirar mais informação e falar comigo. Foi eu que fui ao fundo com os outros que morreram. O meu capitão não foi, eu é que fui. Se o gajo soubesse... procurasse um bocadinho mais, era eu que podia dizer mais alguma coisa, não era o meu capitão. O meu capitão só disse “O cabo está grosso. Olha o gelo. Isto e aquilo...” Mas enfim. Onde é que eu estava?

Glória Sá: Nesse naufrágio.

Quando fui ao fundo. Ok.

Glória Sá: E depois como é que se salvaram?

É que... O interessante é que havia barcos ali à volta. Nós... o capitão ficou no *pilot house*. Não teve, derivado à inclinação, não teve possibilidade de ir dentro do *pilot house* chamar por ajudar. *Coastguard, whatever*. Ele não chamou ninguém. Ninguém sabia que nós tínhamos ido ao fundo. Nada.

Glória Sá: Mas ele safou-se também.

Safámos os cinco, felizmente. Não sei como, mas safámos. Foi um filme. Quando eu chego... Eu comecei a ouvir aquelas vozes, porque o barco virou. E eles foram dando a volta... estes dois. O capitão e o cunhado... Que eram, os dois que morreram no *Lady Grace*, foram dando a volta juntamente com o barco. À medida que o barco foi virando. Eles foram acompanhando a movimentação do barco. Então, não se molharam. Não tinham... Quando eu chego ao barco, eles ainda não estavam molhados. Não tinham ido à água ainda. Estavam com a roupa toda vestida, como se fossem pra um (ininteligível 03:14:51).

Glória Sá: Portanto o barco não se afundou.

Não. Metade do barco.

Glória Sá: Submergiu-se.

Metade do barco ficou. É por isto que aí depois.... E você já vai perceber. Porque a baleira, não havia baleira. Porque a baleira ainda estava acima de água. A baleira tem um dispositivo que dispara, quando a profundidade... Foi o que aconteceu depois a seguir. Só quando tem aquele peso de água em cima, é que dispara. E como não... Estava acima de água, não havia razão pra disparar. O barco é que estava virado ao contrário. Mas, o engraçado disto tudo é que eu estou no meio do oceano, às dez horas da noite, numa escuridão total, a ouvi vozes. Como se tivesse aqui a ouvir as vozes aqui do *Fisherman*. E eu “Onde é que estes gajos estão?” Você não consegue... Não há luzes, não há nada. Só ouve as vozes. E depois... os seus olhos começam-se a habituar à escuridão e começa a ver o volume do barco. Ouve as vozes e eu consegui localizar o arco. O barco estava desviado de mim, como daqui ali às árvores. Aquelas árvores ali.

Glória Sá: Sim, sim.

E é preciso nadar um bocadinho. E eu tenho um gajo... O Casaca. O (ininteligível 03:16:02) Casaca. Conhece? É Algarvio. É da minha (ininteligível 03:16:04). No meu lado direito. Esse não me chateou. Esse não me chateou. Mas tenho outro, que é o Fininho. Não sei... Era conhecido por Fininho. Agarrou-se ao meu braço. O braço esquerdo. E eu estou a ver o barco. É preciso nadar prali. Quando eu consegui localizar, digo pra eles “O barco está ali. Vamos prali.” Porque o barco virado ao contrário tem os corrimãos. Dá pra gente se apoiar. Pelo menos um apoio. O gajo agarrou-se... “Eh pá, nada. Não sabes nadar?” “Sei.” “Então, porque é que não nadas?” “Não tenho força.” “Não tens força?”. Glória, juro pro meu neto. Eu é que o matava. Se eu não tenho mais dez tostões de força, eu... Digo isto com toda a sinceridade. Eu dava-lhe um suco nos cornos que eu é que o matava. Primeiro eu. Eu também tenho mulher e filhos e netos e o raio que me parta. Tenho tudo. Então, é só ele que tem? Bom. Vá lá. Conseguimos chegar ao barco. O Casaca, impecável. Nunca me chateou. Nadou. Nunca mais abri a boca. Gaguejava. Mas, palavra de honra. Eu e o capitão, Glória. O Barroqueiro. Já ficou no... Como é que hei-de dizer? Já ficou no *Lady Grace*, salvamos aqueles homens. O Barroqueiro foi impecável, foi um capitão à altura. Porque depois como eu disse, ele e o cunhado é que estavam no barco.

Glória Sá: Estavam na casa...

Não. O barco virado ao contrário.

Glória Sá: Pois.

Eles estavam em cima do barco. Estavam em cima do barco. Ainda não se tinham molhado. Ainda tinham aqueles blusões todos. Quando eu cheguei ao barco, eu olho pro moço e digo assim “Eh pá, mas pra onde é que tu vais com esse blusão todo? Já viste, vais pra água...” E nem sabia nadar. Não sabia nadar. “Com essa roupa toda tu morres logo. Esse peso da roupa vai logo pro fundo.” Lá tirou o casaco. Aqueles casacos pesados que a gente usa no barco. Quando eu chego ao barco, estão cinco daqueles balões de atracar. Aquele balão de atracar, sabe?

Glória Sá: Sim, sim, sim.

Amortecer a pancada. Cada qual tinha o seu. O capitão e o cunhado. Eu digo logo “Eh pá. Isso não é só pra vocês. Tem que dar pra gente também.” Ah. Mas não. Não há problema. Aquilo, atámos aquilo tudo. Foi pra todos. E o barco ia devagarinho pro fundo. O barco sempre a ir devagarinho pro fundo. Conversamos em cima do barco. Ali. A gente estava ali a conversar. Não tínhamos nada pra fazer, Glória.

Glória Sá: À espera de...

À espera do quê? Porque, há um momento... Isto levou duas horas. Duas horas. Até o barco ir pro fundo, levou duas horas. Depois ainda levou mais duas horas.

Glória Sá: Nessa altura já não tinham acesso...

Não.

Glória Sá: ...ao *pilot house*. pra chamarem...

Nada. O teu barco está a virar ao contrário.

Glória Sá: Completamente?

Completamente. Eu escorreguei plo costado do barco. Eu não sei como é que eu não me cortei. *Oh my God*. Eu não sei. São coisas que não têm explicação. Como é que uma pessoa não se aleija. Há uma altura que o barco vai completamente pro fundo. Não há barco. Enquanto a gente estivemos duas horas ali, mal ou bem, apoiados nisto. Virado ao contrário, a gente estava ali. Tínhamos um... Não estávamos a nadar. Estávamos em cima de água. Estávamos seguros. E há um momento em que aquilo desaparece. E quando desaparece isto é quando vem a baleeira. Do... O *life raft*.

(**ininteligível 03:19:16**)

Yah, porque foi pro fundo. A tal pressão da água que obriga aquilo a disparar. O sistema a disparar. Aquilo dispara e a baleeira veio pra cima e o capitão diz-me a mim... Porque aqueles segundos. Glória, eu nunca vi uma pessoa tão atrapalhada na vida. Aqueles segundos que não houve barco, só houve aqueles bolões, esse que não sabia nadar, não estava agarrado ao cabo. Ele queria se pôr em cima do balão. Percebe? Só estar agarrado não era suficiente pra ele. Ele queria se pôr lá em cima. A atrapalhação dele, *oh my God*. Aquilo ia dar problema. Aparece a baleeira. Aquilo foi em segundos. A baleeira. O capitão diz-me “Manel, a baleeira está ao teu lado. Abre isso.” E a baleeira veio direitinha. Às vezes costuma vir ao contrário. Veio direitinha. Abriu. É um barco. Um barco pequeno, mas é um barco.

Glória Sá: É de plástico ou de borracha?

Yah, yah. Aquilo inflama. Aquilo é... Ar. Mas é um barco, mas tem... Como é? Tem... os primeiros socorros lá dentro. Tem borrachas. Tem água. Tem... Tem coisas. Cortes. Tem umas certas condições. Só devia ter era um rádio.

Glória Sá: Pra comunicar?

Pra comunicar. Foi uma das coisas que eu disse quando fiz o exame. Aquele... Agora não interessa. Quem é responsável, não passou por isto. Eu passei, tenho uma ideia diferente. Mas... aquilo abriu, direitinho. Passaram duas horas. E depois tive duas horas dentro da baleeira. Dentro da baleeira, já estava descansado, porque a minha sorte foi o... O *bipper* (??) É um... uma espécie dum rádio que sinaliza pra tudo. Tudo. Pra toda a América. Via satélite. Pra todo o lado. E aquilo é que transmitiu a nossa posição. Quando aquilo dispara, é porque o barco... Há alguma coisa errada. Alguma coisa errada com o barco. Ninguém sabia de nada. Então a gente vai ver o helicóptero. O helicóptero por cima de nós. A gente sem nada. Foi quando mandamos os *flyers*. Mandamos tudo. O capitão... O capitão foi impecável. Mandou tudo, tudo pra disparar.

Glória Sá: Mandou o quê?

Os *flyers*. Os sinais.

Glória Sá: Os sinais luminosos.

Tudo. Tudo o que a gente tinha dentro da baleeira pra usar, usamos tudo. E o gajo a passar de luzes apagadas, Sem ligar à gente. A gente ali “Ele vai-se embora pá! E a gente aqui” É triste Glória. E depois o gajo vinha outra vez. “Eh pá, manda agora.” “Manda o quê?” Mas, tudo... Acredite, se quiser. Dentro dum... Olhe, como estou aqui a falar consigo.. Acredita que é possível?

Glória Sá: Sim. Calmos.

Calmos. À vontade. Os outros, não. Eu e o capitão, sempre impecáveis. Impecáveis. Assim... Sabíamos que estávamos numa má situação. Pois, rais ta partam. Depois da baleeira abrir, a coisa melhorou. Mas antes. Glória, por amor de Deus, ninguém sabia da gente. Onde é que está? *Oh my God*. Nem quero pensar nisso. Mas fomos... É por isso que eu digo, nós dois conseguimos... controlar muito bem os nossos sentimentos. Chame-lhe aquilo que quiser. Depois o helicóptero, passava pra um lado, pra outro e não ligava à gente. “Eu tou lixado”. A gente a falarmos uns com os outros “Então este gajo não vê a gente?” Não tínhamos maneira mais. Lá... O gajo lá parou. Porque vinha de luzes apagadas. Os infravermelhos deles, depois eles vêem a gente. Os infravermelhos. Não sei como é que se diz em inglês.

Glória Sá: *Infrared*.

Yah. Mas a gente é que não via as luzes do helicóptero. Os gajos já tentar ver na água. A gente a virar isto, ficavamos assim “Então, estes gajos não estão à procura da gente.” Mas eles tinham a localização. Quer dizer... Porque a nossa sorte foi aquela porcaria. O *bipper* (??) ficou sempre ao nosso lado. Se aquela merda se desvia pro outro lado. Se a corrente da água ou qualquer coisa assim, puxa aquilo pro outro lado. Eles iam além, porque era além que estava *bipper* (??) e a gente estava aqui. Está a perceber? A nossa sorte foi que aquilo ficou sempre ali ao pé da gente.

Glória Sá: Não se afastou muito.

Não se afastou muito, então, quando viram aquilo, localizaram também a baleeira. Foi a nossa sorte. Isso é que foi a nossa sorte. Depois... Só que a baleeira... Aquele marreco que não sabia nadar, esteve quase a apanhar, foi o primeiro a entrar pra baleeira. Ouça esta porque esta é muito interessante. Foi o primeiro. Tudo bem, encantado da vida. Eu fui o quarto, o capitão foi o último. Éramos cinco. O capitão foi o último. O capitão ficou com os pés de fora ainda e o barco vai pra o fundo e leva a baleeira atrás. Porque há um cabo que está a puxar pra baleeira. E era o capitão assim para mim “Manel a faca. Corta, corta.” “Corta o quê? Onde é que está a faca?” Sabia lá eu onde é que estava a faca. O que vale é que aquela porcaria tem um dispositivo que dispara automaticamente, senão íamos todos outro vez pro fundo. Íamos todos atrás do barco. A profundidade de cem braças... O barco a puxar pra baleeira, íamos todos pro fundo. Morríamos todos ali. Só que aquilo tem um dispositivo que corta.

Glória Sá: Cortou automaticamente.

Cortou e prontos. O único que podia safar era o capitão. Estava com os pés de fora ainda da baleeira. Do resto, íamos todos. Depois o homem lá. O mergulhador, que eu respeito muito. Um dos gajos do helicóptero que vai lá buscar a gente. O gajo quando chega ao pé da baleeira. O gajo sai ao meu lado, pois a gente foi um dos últimos. “”*Everybody is all right?*” “Yup” “*Everybody is all right?*” Ele tinha um daqueles coisinhos verdes. Que é dos gajos do (ininteligível 03:24:46). Ainda tenho isso em casa. Que era pra sinalizar pro helicóptero fazer a balsa ir pra cima fazer sinal. O gajo diz assim pra mim “Não te importas ser o último?” “Não.” Eu fui o último a dar sinal aos outros. O helicóptero está aqui, mas a gente está ali. Porque o vento. Se estiver ali debaixo é muito. Então, o gajo tinha que nadar com os coisinhos prali. Pra balsa. Pôr na balsa e depois puxar. Eu é que dava o sinal pro gajo que estava lá em cima, puxar o guincho.

Glória Sá: E os outros estavam na baleeira?

Yah. Eu fui o último. Quando entrei no helicóptero, perguntei as horas ao capitão. “Eh pá, que horas são?” “Duas da manhã.” Foi das dez da noite do dia quinze de Julho, prá duas da manhã do dia dezasseis de Julho. Eu festejo sempre esse dia. Eu festejo sempre esse dia. Depois fomos pra um hospital pra pra Havaianas (??). Eu nem sei. Sinceramente. Hainas (??). Sei que foi praí duas horas de viagem. De helicóptero pra lá chegar.

Glória Sá: De helicóptero.

Chegámos lá. Chegámos lá. Está um indivíduo a fumar, peço-lhe um cigarro. O gajo diz-me logo “Eh pá, tens de azar. É o último.” Oh mentiroso...” Mas Glória, eu só queria era tomar um banho. Tomar um banho, beber um café. Era o que eu queria. Mas, todos nós fomos inspecionados, pelo médico ou enfermeiros. Um tinha a temperatura assim. O outro tinha outro. O outro precisava de diabetes. O outro já disse. Eu tinha a temperatura mais baixa do corpo, era eu. Ok. Mas tudo estava. Tudo *all right*. E agora, pra ir pra casa? Isto era duas, três da manhã. E agora pra ir pra casa? O enfermeiro disse “Vocês vão chamar alguém?” “Não.” Eu disse logo. “Não. Ninguém chama ninguém.” A gente vai aparecer em casa. Chamar alguém. Chamar o quê? Alguém... o barco foi ao fundo. Alguém se despista pra aí. Não. Não. A gente vai aparecer em casa. Só que a gente não tinha nada. Nem dinheiro. Nada. Taxista. Chamamos o táxi. “Quanto é que levas pra...” “Cento e vinte dólares.” “Ok, mas a gente não tem dinheiro.” O último é que paga. O capitão foi o que pagou. O último... a distribuição. Eramos cinco. E o último paga. Ok.

Glória Sá: Ele tinha carteira?

Não, quando chegasse a casa. (ininteligível 03:27:16) chegasse a casa. Em casa depois ele ia buscar o dinheiro e pagava. E assim aconteceu. Isto, duas, três, quatro da manhã. Viemos por aí abaixo. Às sete da manhã já tou no (ininteligível 03:27:25). Eu.

Glória Sá: Pra fazer o quê?

Espere aí. Deixa-me contar esta. Às cinco... seis da manhã chego a casa. Isto é porque há um ponto aqui importante pra mim. Às cinco e meia, seis horas, chego a casa. Bato a porta. Estou com aquela roupinha do hospital. Estou nú com aquilo.

Glória Sá: Com a bata.

Não.

Glória Sá: Pijama?

É o top e as calças. Levaram uma mancheia de tempo pra abrir a porta. Vem a minha mulher. “Então? O que é que te aconteceu?” “O que é que me aconteceu? O barco foi ao fundo.” “Não estejas a brincar comigo. O barco foi ao fundo. Estás agora a ser burro?” “Eh mulher. O barco foi ao fundo.” “Como assim?” Ela não acreditava.

Glória Sá: Pois, é mesmo pra não acreditar.

A facilidade. Depois, a ver-me a rir e tudo mais, claro que a mulher não acreditava que o barco tinha ido ao fundo. Lá a convenci que o barco ia ao fundo?” A única coisa que eu me lembro. A minha filha foi buscar *breakfast*. Isto já tem mais de dez anos? Praí. Ela foi buscar *breakfast*. Comi *breakfast* e depois fui pro... Porque eu fui fazer esta viagem no Ilha brava porque, naquele tempo, o barco, o *Seaside*, não tinha muitos dias de pesca. E então como ia estar parado quinze ou vinte dias, eu aproveitei pra fazer esta viagem. É por isso que eu estou a dizer que às sete da manhã estava no (ininteligível 03:28:43). No (ininteligível 03:28:45), às sete horas da manhã está o meu capitão do *Seaside*. Isto aconteceu. Isto é uma sexta-feira. Toma nota. Este filme todo foi durante a noite. Isto é uma sexta-feira às sete da manhã. Eu vejo o meu capitão lá, sento-me ao lado dele. Começo a beber café. Está um marreco ali do outro lado, que é da família do capitão, que sabia da história. Mais ninguém sabia da história. Passa por mim e bate-me assim nas costas e diz-me assim “Ainda bem que está tudo bem.” O meu capitão ouviu isso e então começa a fazer perguntas. “Então, o que é que aconteceu?” “O que é que aconteceu? O barco foi ao fundo.” “Oh...” “*Yah.*, o barco foi ao fundo.” “Sabes? Eu vou sair na segunda-feira.” Eu fiquei, Glória... Quando ele me disse... Quer dizer, eu ia pro mar... Isto é sexta-feira. Passei o filme todo que estou a viver e ele já está a dizer que eu vou pro mar segunda-feira? Já viu bem a martelada que eu apanhei? Onde é que está a (ininteligível 03:28:46)? Como é que é possível?

Glória Sá: A insensibilidade dele.

Exato.

Glória Sá: Como se não fosse nada.

Acho que é uma coisa corriqueira, uma pessoa ir ao fundo, ter quatro... Eu não sei. Eu fiquei... Isso é uma das coisas que, pra mim... Costumou-me mais ouvir essas palavras do que o episódio que passei. Porque vejo que não há... a mentalidade... Onde é que está a mentalidade? Onde é que está a sensibilidade? Onde é que está... Nem perguntou... É que

nem me fez mais pergunta nenhuma. Porque ele era capitão do *Seaside*... Mas se ele estivesse no mar...

Glória Sá: Não perguntam o que é que aconteceu...?

Nada! Nada. Estou a pensar assim segunda-feira. E depois tive outra história, porque o gajo foi-me lá chamar já no dia a seguir. Glória, eu só não queria era ver barcos. Eu não queria saltar a bordo dum barco. Não vou dizer que estava traumatizado, que isso é assim um bocadinho mais... Não acredito muito nisso. O stress, essa coisa, pra mim... Estive em África, vi muita merda, mas... Existe? Existe. Mas as pessoas às vezes também fazem mais que aquilo que é. E... Já não sei o que é que estava a dizer. A sensibilidade. Porque no sábado... Eu só não... Eu também tenho sentimentos, porra. Eu não queria era ver barcos durante três ou quatro dias. Eu fui pro mar... Este acidente aconteceu, eu tinha três ou quatro dias de pesca. Se o *trip* fosse maior, eu não ia pro mar na segunda-feira. Eu fazia o *trip* por sete ou oito dias. E eles iam pro mar, passado mais de uma semana. Mas, porque é que ele teve de dizer aquela porcaria? Só pra quê? Mostrar o quê? Mostrar que é um capitão? A tal mentalidade que existe? Fiquei... Isso, pra mim, fiquei pior que estragado. Acredite. Foi uma das coisas que me gostou ouvir. Porque vi que não...

Glória Sá: Será que ele não sabia como lidar com isso?

Ah, isso agora tem que perguntar a ele. Não sei.

Glória Sá: Mas depois voltou pro *Seaside*?

Yah, fui pro mar na segunda-feira.

Glória Sá: Foi na segunda-feira?

Fui. Então, eu não sou dramaturgo, não faço filmes. Eu fui pro mar, mas custou-me bastante. Custou-me bastante, isto é. Hoje tenho... E aconteceu. Eu tenho uma certa dificuldade quando começo a ver a inclinação do barco. Não vou dizer que estou traumatizado. Se estivesse traumatizado, já não andava ao mar. Mas tenho uma certa... Quando começo a ver... Parece que começo a ver o caso mal parado, fico assim um bocadinho... Começo a ficar nervoso. E aconteceu com este capitão. Esse que disse pra sair na segunda-feira. Estávamos assim a trabalhar com arraia, e era muita arraia. Eu comecei a ver o barco com uma inclinação muito esquisita e o peixe ali, eu estava a ver que não tinha hipótese. Não estava a ver a água a sair. Estava a ver a água a entrar e aquilo a ficar muito inclinado. Eu comecei a ficar nervoso e perdi... E disse a ele.. Eu abri os porta (**ininteligível 03:32:47**) pro peixe sair. Não quis saber de mais nada. E disse-lhe a ele “Abre essa merda.” Desculpe. E ele abriu. Porque ele começou-me a ver que estava a ficar... Mexe com a gente, sabe? Não vou dizer que seja forte ou seja fraco. Mas são coisas que marcam.

Glória Sá: Claro, claro. E é sério também. É sério.

É sério! É a vida que está em risco. (**ininteligível 03:33:13**) É a sua vida que está...

Glória Sá: Mas, passou mais alguma semelhante a essa?

Nem passei, nem quero passar, Glória. Por amor de Deus, uma chega. Uma que é pra poder contar.

Glória Sá: Pois.

É só. E chega.

Glória Sá: Mas então,...

Não, na vida no mar depois há maus tempos e essas coisas todas, mas nada assim parecido com... Não como essa situação...

Glória Sá: Mas teve acidentes? Por exemplo, nesta última viagem, magoou-se no dedo. Não foi? Magoou-se nas costas também?

Isto é natural de quem trabalha... Que é que quer? Quer um filme sobre isto, também?

Glória Sá: Se foi alguma...

Eu não quero ser mau. Eu não quero ser mau, nem quero falar mal porque, eu fui operado às costas há uns anos atrás também. Muita gente... Pelo menos, sei um que nem quer ser operado, tampouco. Porque é a desculpa de não poder trabalhar. Não trabalham. Isso é uma maneira de dizer, não trabalham. Estão, doentes as costas. Claro. Tudo é relativo. O meu é assim, o seu é assado. A gente não sabe, eu não sei. Mas muitos deles nem querem ser operados. Alguns, que eu conheço.

Glória Sá: Alguns ficam pior depois de ser operados.

Será que sim?

Glória Sá: Há gente que diz que...

Eu também posso dizer. Quem me dera o *disability* a ganhar duas mil dólares, qual é o problema? Fica em casa. É Glória, é tudo relativo, não sei. Não faça essas perguntas, que eu não sei. Eu sei que fui operado e fiquei bem. Não tenho problema nenhum. Trabalho normal, felizmente.

Glória Sá: Ainda bem.

Ainda bem.

Glória Sá: Trabalhou em vários barcos? Disse-me já o nome de alguns.

Não muitos.

Glória Sá: Quantos é que trabalhou?

Uns sete ou oito.

Glória Sá: Sete ou oito. E disse que em questão de segurança, muitas vezes não parece que as coisas melhoraram. Mas...

Não.

Glória Sá: ...quando começou...

Não, está tudo na mesma. Está tudo na mesma.

Glória Sá: Na outra altura não tinham essas baleeiras, por exemplo?

Tinham.

Glória Sá: Tinham?

Está tudo na mesma.

Glória Sá: E em termos de técnicas de pesca, alguma coisa mudou, ou fazem...?

Hoje, pra ser capitão, é preciso ter um secretário e um advogado. Hoje, pra ser capitão dum barco de pesca, dum draga, tem que ter um secretário e um advogado. O secretário pra decifrar o que é que o *Marine Fisher* está-lhe a dizer. Onde é que pode pescar, onde é que não pode pescar. E tem que ter um advogado que é pro safar das multas que você pode apanhar sem saber. Eu apanhei uma multa de trezentas dólares do *coastguard* há duas viagens atrás. Eu sou a pessoa que toma conta das lagostas. As lagostas têm dois problemas, que é as ovas e é o V. O V é um sinal que aquela lagosta foi observada e é fêmea e está em estudo. Vamos pôr assim. É um V, é uma marca. Você respeita. É um V, mas é um V feito com uma tesoura.

Glória Sá: Ah sim?

É cortado. Um V. É como se estivesse aqui a cortar um V. Você vê.

Glória Sá: Cortam-na carapaça?

Não. Vira a lagosta ao contrário. Põe a lagosta com o face para o chão. Na segunda vértebra, da direita, há um V. Fica assim. É um corte. Está lá a menos. Mas o *coastguard*... Eu é que vejo todas. Todas. Todas passam pela minha mão. Se alguma está mal, se foi mal vistoriada, sou eu o responsável. Ou se tem ova ou se não tem, a culpa é minha. Mas o *coastguard* multou-me trezentas dólares. Porquê? Disse que tinha o V. Disse que tinha o V. Mas eu não vi o V. Eu não vi nada. O que eu vi foi a lagosta morta. Quando... Aqui, a chegar aqui a New Bedford, *coastguard* abordou-nos pra saber o pessoal... a informação toda... aquele peixe, aquilo tudo. Tudo bem. A gente tinha lagostas. Encantado da vida. Estão lá quinhentas lagostas. Quinhentas lagostas. E estava uma morta. E o gajo do *coastguard* disse-me que esta estava morta. E eu estava morta, joguei fora, naturalmente. Nem tal coisa... Quer dizer, está morta, joguei fora. Porque está lá a mais. Está a prejudicar as outras. E depois é que ele me disse que tinha um V. Tinha um V? Eu não acredito que tivesse o V. Resumindo, como eu joguei fora, não tinha prova. Não posso dizer que V ou não V. Não há, não há... A prova do crime não está. Portanto, trezentas dólares. O senhor do *coastguard* fez o favor de dar trezentas dólares de multa à gente. Nós hoje, os pescadores, somos apontados como os marginais. Nós somos os marginais, andamos a roubar. Nem queira saber.

Glória Sá: Todas as viagens, o peixe é inspecionado pelo *coastguard*?

Não.

Glória Sá: É só de vez em quando.

Nem todas as viagens. Quando o *coastguard* não tem nada que fazer, por exemplo, e que veja um barco passar, lembra-se de chamar o barco e vai lá visitar. Mostrar serviço, digamos assim. Mostrar serviço. Eu respeito, calma. Eu respeito muito o *coastguard*. Mas eles nem sabem o que é o peixe que estão lá a ver. É uma tristeza. Tem que estar a chamar pro barco grande “Ouve lá, isto é assim? Qual é a lei? Qual é o...? Porque são moços... É tropa. É a nossa tropa. É a nossa marinha. O que é que eles sabem? Os montanheiros vêm lá do campo, o que é que eles sabem de pesca, Glória? Está a perceber o que eu estou a dizer, não está?

Glória Sá: Sim.

É a mesma coisa. Eles não conhecem o peixe. Isso acontece. Como é que hei-de dizer? Há pessoas... Eu respeito o trabalho deles, mas também não compliquem, porra. Por amor de Deus. Eu respeito... Salvar uma vida. Nada melhor do que isso. Eu respeito bastante, mas não se armem em bons, também, daquilo que não sabem.

Glória Sá: E em termos de apetrechos para a pesca. As redes mudaram? A maneira como se apanha o peixe e isso? Durante estes trinta e cinco anos, viu algumas mudanças nesse...?

Não, só o que se vê. A aparelhagem é mais moderna. Os eletrónicos é mais modernos. As rolas mais altas. As rolas, por exemplo, era de vinte e quatro... Hoje já há de vinte e seis, vinte e oito inches, já... Quero dizer, já é quase um trator a andar no fundo do mar. A andar a cabo do fundo do mar. É... a porcaria é a mesma.

Glória Sá: E tipos de peixe, mudaram?

Não, é os mesmos.

Glória Sá: Mas, por exemplo, a raia não se apanhava há anos.

Quem é que disse?

Glória Sá: Imagino eu, não sei.

Não, a raia apanhava-se. Só que... então... Só que, por exemplo, vamos lá ver. Já que falou na raia. O tamboril, o *monkfish*. Quando eu cheguei aqui, não era comercializado. Não tinha valor nenhum. Jogava-se fora. O Rafael, o Carlos Rafael e o (ininteligível 03:40:34) Rafael começaram a apanhar... a comprar. Vinte centavos, trinta centavos os tamboris. E os pescadores começaram a vender. Começou-se e hoje o tamborim é o preço mais estabilizado. Não sei como é que está, mas por exemplo, um grande é capaz de apanhar um valor de três dólares. O grande. Você automaticamente sabe se apanhar... Mas também já baixou. Mas, geralmente é o peixe que mantém o preço mais *steady* (??), é o tamboril. Você sabe apanhar um mil, tem três mil dólares ali garantido. O mil do grande. O pequeno mais barato. Mas era um peixe que não era comercializado. Por causa do nome. *Monkey*. O americano que é tão esquisito, quem é que gosta de comer *monkey*?

Glória Sá: Mas na realidade não é *monkey*, é *monk*.

Pois...

Glória Sá: É *monk*. *Monk* é um...

E depois, já viu bem a fotografia do peixe?

Glória Sá: É feio.

Pois, as pessoas olham praquilo... Nunca mais. O meu capitão é polaco. O marreco, come toda a porcaria e não come *monkfish*. Não gosta. Não gosta.... A ideia que tem na fotografia, não quer. Mas a raia. Porque estes peixes não são comercializados aqui. Esses peixes são todos pra Europa. É por isto que hoje são as duas espécies que são comercializadas. É a raia e o *monkfish*, mas é pra Europa. O americano não consome.

Glória Sá: Trabalhou... Deixe cá ver... Nota...? Eu acho que já lhe perguntei, se tem notado algumas diferenças nos estoques de peixe quando anda ao mar. Há menos agora do que havia antes...

Está à espera da minha resposta?

Glória Sá: Estou.

Pensei que estava a fazer um interlúdio. Eu não sei, Glória. Isso é tudo relativo, porque de momento não há peixe e de repente aparece peixe. Pode não aparecer aquilo que você está à procura. Por exemplo, eu trouxe cinquenta e cinco mil peixes. Não é normal. Mas é *pollack*. Olha bem, o *pollack* estou a vender sessenta centavos. Não faço dinheiro. O que é que hoje quer fazer? Quer fazer dinheiro. Então vai à procura de outras espécies, se tiver possibilidades disso. Porque tem que comprar ou o barco tem de ter uma cota boa para poder apanhar... É que não há. Os cientistas já disseram ano passado, que era pra ser um bom ano.... Não há. Não apareceu. As águas estão muito quentes. Será? Não será? Não sei. É possível. E continua, este ano se vê aí. Não vejo *hering* nenhum à volta. Até agora não. Antigamente, há dois anos, apanhou-se bastante *hering*. Este ano, não.

Glória Sá: Disse-me que agora pra se ter um barco, o capitão tem de ter um secretário e tem de ter um advogado.

Yup E mantenho.

Glória Sá: Como é que estas mudanças nos regulamentos afetaram os camaradas? Os...

Eu só tenho que pensar uma coisa. Não ter trazido o assolamento que eu tinha comigo. Eu mostrava como é que afetou. Mas eu mostro-lhe. Eu tenho o assolamento em casa. Eu tinha ontem aqui. Sabe porquê? Porque hoje nós pagamos pra tudo, Glória.

Glória Sá: Pois, já me tinha dito isso.

E eu queria-lhe provar... Eu dou-lhe.

Glória Sá: Eu acredito.

Eu mostro-lhe. Faça-lhe uma cópia.

Glória Sá: E acha que afetam mais os donos dos barcos ou os pescadores?

Todos nós.

Glória Sá: Todos sofreram?

Todos sofrem. Se o patrão não ganhar dinheiro, eu também não ganho. Eu compreendo perfeitamente. Você investiu o seu dinheiro. Tem de fazer dinheiro pra pagar, pra manter, pra pôr (ininteligível 03:44:45) a trabalhar. Sem dúvida. Se você não ganhar, eu também não ganho. Sim. Como eu vou dizer... Isto é... Foi o que aconteceu, há dois dias atrás. Eu cheguei, tirei o peixe, eu realizei quarenta e nove mil e não sei quantas dólares. Ok? *Gross stock*. Só trinta e nove mil, foram despesas. Trinta e nove mil dólares. Portanto, o que é que ficou? Dez mil dólares. Dividida por... cinquenta por cento pro barco e cinquenta por cento pros camaradas. Os camaradas ganharam mil e duzentas dólares e o barco ganhou cinco mil dólares. Cinco mil dólares não chega pro barco pra pagar porcaria nenhuma. O que é que o

barco paga com cinco mil dólares, Glória? São quinze dias que já se passaram. O que é que tem...?

Glória Sá: É muito pouco.

O *mortgage*, aquelas despesas todas. Tudo muito mais caro. Sabe quanto é que custa uma hora de soldador? Sabe quanto é que custa uma hora de mecânico? São noventa, cem dólares a hora que esses gajos levam. Eu percebo, eu sou um camarada, mas eu também fui no lugar do patrão. Eu também já fui patrão. Já tive um barco há muitos anos.

Glória Sá: Ah, teve um barco?

Ah, yah.

Glória Sá: Não sabia.

Particpei. Era sócio com uma irmã e o outro. Em oitenta e dois. Portanto, eu sei, tenho uma ideia, mais ou menos, da responsabilidade do que é, como é que isto trabalha. Eu gostava de ganhar cinco mil dólares todas as viagens. Por amor de Deus. Então não gostava? Eu gostava, mas também tenho que ver que não dá pra isso. As coisas estão... Se... Todos os patrões individuais, não têm a possibilidade de sobrevivência. Um barco só, não tem a possibilidade de sobrevivência. Vai ser açambarcado por um Rafael ou por outro marreco qualquer que... não tem. Se tiver o azar de ter uma avaria... Dez, vinte, trinta mil dólares de despesas, que ele tenha que... Glória, você repare lá uma coisa. Além disto, as mulheres têm uma palavra a dizer no meio disto tudo. E já vamos virar pra outro lado. Um barco dá dinheiro pra comprar a casa, dá dinheiro pra pôr os filhos a estudar, dá dinheiro pra passar férias, dá dinheiro pra tudo. Agora, quando é o contrário, quando é preciso ir buscar esse dinheiro a casa... Um barco precisa de um guincho. Ok. Vai buscar o dinheiro ao banco pra pôr o guincho no barco. Vai buscar dinheiro a casa pra pôr um... Já não trabalha assim. A mulher já não vai deixar isso trabalhar assim. A mulher já não vai deixar diminuir o número da conta do banco pra empregar no barco. Ao contrário, trabalha. Isto é a força da natureza, é a realidade. E é isso que acontece. Enquanto dá pra sair do barco pra casa, encantado da vida. Agora, se for ao contrário, se for necessário ir buscar a casa pra investir no barco.

Glória Sá: Não dá.

O português não faz isso. Pode fazer uma vez, não faz a segunda. A mulher não deixa.

Glória Sá: A mulher não deixa.

Acredite

Glória Sá: As mulheres dos pescadores são fortes?

Não sei, Glória.

Glória Sá: Comparadas com as outras mulheres?

Eu não sei. Palavra de honra. Isso agora, é uma boa pergunta, mas eu não sei. Sei... Eu não posso pôr a minha mulher no rol. Você sabe. A minha mulher... Ela nem me pergunta nada do que é que se passa na pesca. Ela não sabe. Saber, sabe. Mas não é... Como é que eu vou dizer isto, sem ficar mal na chapa? As mulheres... A minha mulher não é nenhuma santa. Não estou a pôr a minha mulher lá nos Pirineus, mas eu vejo as mulheres dos pescadores, que preocupam-se muito com o dia-a-dia do marido. Como é que eu vou explicar isto, Glória?

Isto não é fácil de explicar. Você arranja-me cada pergunta. Por exemplo, olhando pra minha vizinha do lado. Ela é capaz de me dizer a mim onde é que o fulano andou a pescar. Eu não sei. Mas ela sabe, porque as mulheres falam umas com as outras. Ela sabe onde é que o fulano andou a pescar. Eu não sei... a minha mulher não sabe. Nem sabe quem é o fulano, se calhar. Mas as mulheres aqui, a maior parte da morte da Cova, Gala, Figueira, ali, nessa zona, tem um intercâmbio muito junto. Ora, eu sou do sul, não tenho nada a ver com essa gente. Então, não estou dentro desse ambiente. Eu sei que certas mulheres até dizem aos maridos, capitães, onde é que o fulano apanhou peixe. Telefonem pra eles no mar a informá-los onde é que o fulano apanhou peixe. Isto é verdade.

Glória Sá: Como é que elas sabem os sítios?

Ah, não sei. Isso eu já não sei. Eu sei que isto acontece. Agora, como...

Glória Sá: Já que estamos a falar...

Mal das mulheres, vamos aproveitar.

Glória Sá: Não, não, não vamos falar mal. Mas estamos a falar sobre mulheres e homens e o relacionamento. Como é que a pesca afeta o relacionamento entre os casais?

Afeta? Não, não afeta.

Glória Sá: Não?

Não. Só melhora.

Glória Sá: Só melhora?

Yah.

Glória Sá: De que maneira?

Ok, eu falo por mim. Vou empachar-me outra vez, a mim próprio. É fácil. Eu sei que sou chato.

(conversa lateral à entrevista)

Eu sei que sou chato. Ok? Falo muito. E se beber duas cervejas, ainda mais. Mas, repare numa coisa. Nós, os pescadores, habituamos um certo estilo de vida. Eu tenho a minha rotina todos os dias. Faço aquilo quando estou em casa.

Glória Sá: Qual é a sua rotina?

Olhe... Levantar-me sete da manhã, seis e meia, sete horas, beber café. Quem é que bebe café? Eu é que faço o café em casa. Sete e meia, um quarto pras oito, estou no *Royal*, a beber café outra vez. Jogo ao quino (??), não jogo ao quino (??). Compro um *ticket* ou não compro um *ticket*, é relativo. Mas, às oito horas, estou a bordo do barco. Estou ali. Há trabalho pra fazer. Aida hoje sai de lá era um quarto pro meu dia. Dez pro meu dia, ou coisa assim. Também tive com o meu secretário, por causa do meu banco. Eu tinha uma carta do *IRS*, pra lhe entregar. Bebi uma bebida ou duas no *Royal*. Geralmente no *Royal*, não. No outro. (ininteligível 03:51:21). Bebo sempre, todos os dias. Antes do almoço, é a minha rotina. Isto, faço isto há trinta e tal anos, desde que era novo. E depois vou ao *Fisherman*, comer alguma coisa. E depois vou pra casa. Ainda há bocado, a minha filha me telefonou. Se não fosse isto,

eu estava em casa. Está a perceber? Estou sempre pronto, pro meu neto, estou sempre pronto.. Ainda hoje fui pô-lo na escola. Eram sete horas, sete e meia, que ele foi ajudar a professora. Quando toca ao meu neto, estou sempre pronto. Isto é a minha rotina, todos os dias.

Glória Sá: Faz trabalho de casa também, ou não gosta?

Não, não. A casa de banho é a minha. Às vezes a minha mulher fica toda lixada comigo, que eu não ajudo mais. Mas... Agora tenho esta desculpa. Não está partido, mas está quase. E não me deixa... Não, eu... Não sou o número um, calma. Não sou, mas... Oiça... Não sei fazer comer. Gostava de saber. Palavra de honra, Glória. Agora, a falar a sério. Eu no mar. Sabe quantas libras eu tenho a mais? Catorze. Não, eu tenho catorze libras a mais, porque eu deixei de fumar, essa porcaria toda. Mas... Eu gostava de saber fazer comer. Gostava de ter o prazer. A minha mulher trabalha, porra. Ela chega às cinco horas, já está em casa a fazer o comer. Está a fazer? Não sei se está a fazer. É capaz de estar a fazer o comer. Eu tenho tempo. Eu estou em casa, então eu não podia fazer o comer pra ela? Só que eu não sei. Entendo que eu estou a dizer isto? Não sei. Realmente, não sei. Não é dizer que podia dar um jeitinho. Não há jeitos, não sei. Não tenho nada. A cozinha pra mim, aquilo é preto, nada. Percebe? E é isto. O que eu posso fazer? Ajudar? Lavar loiça, casa de banho, aspirar a cara. O que for preciso. Isso eu faço. Não tenho problema nenhum. Não tenho problema nenhum a fazer isso. Não fico menos homem ou mais homem, eu faço. Quando não é preciso, eu faço. Estou lá. De resto, não sei se os outros fazem ou não, mas pra mim, não tem problema nenhum. O seu marido faz já, agora? Ah, Jimmy! Ah, tão? Não, mas o relacionamento. Sabe porquê? Porque os dias que estamos fora, tornam-se saudáveis. Porque além de eu ter esta rotina... esta rotina não quer dizer que seja saudável. Eu, às vezes posso ir com um copo mais pra casa. Não bebo muito, mas mais alegre. E... Como é que eu vou dizer? O que é que eu posso dizer mais?

Glória Sá: A separação faz? Aumenta o desejo?

Não vou dizer o desejo.

Glória Sá: De estar com outra pessoa?

Mas... talvez. É possível. Facilita mais. E às vezes, perdoa-se. Perdoa-se é um termo. Pequenas ofensas. Pequenas burrices que a gente faça. Ou você, ou eu. Está a perceber? Amanhã saio embora, deixa fazer. Está a perceber? Isso conta. Isso conta. Todos os pescadores... Podia também ser o meu caso. Não sei. Pode ser ou não. Se estivessem sempre em casa, de manhã à noite. Se trabalhassem em terra, muitos acabavam divorciados. Muitos.

Glória Sá: Interessante.

Muitos, muitos. Não tenho nem uma pequena dúvida. Eu acho... Na minha maneira de ver, ajuda. Ajuda. Ajuda porque eu... Se for assim, é uma lua de mel outra vez. Uma maneira simpática de pôr a coisa. Eu acho que sim.

Glória Sá: Outra coisa que lhe queria perguntar era sobre...

Só não ajuda uma coisa. Que é muito importante.

Glória Sá: É o quê?

Os filhos.

Glória Sá: Ok.

Aí é que não ajuda nada.

Glória Sá: Pode falar disso?

Posso, posso falar. Contra mim próprio, mas posso falar. Eu hoje tenho muito mais tempo pro meu neto, andando ao mar na mesma, do que tinha para o meu filho. Digamos assim. Embora, eu me preocupasse em ser um pai presente. Ia com ele pô-lo na escola, tomava os *breakfasts* juntos e tudo mais. Fazia. Mas... A idade. A própria idade. A minha. Não me esquece... A minha mulher estava a ter a minha filha e eu estava a querer ir jogar à bola. São coisas que um pai não faz. Fui buscar a minha mulher ao hospital. Quando a minha Melanie, a minha filha nasceu, pu-la em casa e depois quis deixá-la da mão pra ir jogar à bola. Porque tinha um jogo importante pra fazer. Então já vê, são estas coisas. O futebol pra mim, na altura, era mais importante ainda do que... Eu vi que elas estavam bem. Isso, a minha mulher ficou toda... Claro que não fui.

Glória Sá: Ah, não foi?

Não fui, porque ela jogou-me em cara. As culpas todas que ela me atirou pra cima. E com razão. Mas na altura...

Glória Sá: Acha que leva a problemas com os filhos? Ou é só a falta de relacionamento com os filhos?

Não. Não leva a lado nenhum. É uma questão de gerir isso. Acho que não leva a lado nenhum. Nós próprios... Eu, como pai, é que sinto que poderia ter feito mais. É o que acho, de mim próprio. O meu filho, penso... A minha filha, penso que temos uma boa relação. Não vejo essa diferença. Mas eu, culpo-me a mim que podia ter feito mais. A minha filha? Pronto. A minha filha? Fiz tudo pra minha filha. Meu Deus. Mas... Eu não estou a falar só por mim, estou a falar plos outros. Mas acho que os outros (**ininteligível 03:57:05**).

Glória Sá: Outra coisa que queria perguntar, era do relacionamento com os camaradas. Portanto, andou com portugueses, mas também andou com outros que não são portugueses. Com... Que nacionalidades...

Guatemalas, mexicanos, cava verdianos...

Glória Sá: Polacos?

Você não quer ir? Não me interessa a nacionalidade.

Glória Sá: Polacos também?

Polacos. O dono do barco é polaco.

Glória Sá: Agora, neste barco onde está, a tripulação quem são? Portanto, o capitão é polaco.

E dois portugueses. Dois Olhanenses.

Glória Sá: Dois Olhanenses? E o outro?

Falta o outro. Era o que eu estava à procura. Era um. Não sei de onde é que ele era, mas era da Cova Gala. Saiu hoje. Agora falta um.

Glória Sá: Nota alguma diferença entre essas nacionalidades? A maneira de ser? A maneira de se relacionarem? A maneira de verem a pesca?

É complicado, porque eu... Vamos lá a ver. Eu já trabalhei... Já trabalhei... trabalho com pessoas... Vamos pôr assim, que têm montes de problemas mas não querem trabalhar. Percebe? Não querem trabalhar, querem receber dinheiro, mas não querem trabalhar. Trabalho com outros, mais responsáveis ou menos responsáveis, mas chegam à terra e desaparece tudo. É muito complicado. Eu não consigo arranjar... Não vou dizer perfeitas. Não há pessoas perfeitas. Mas, pelo menos, responsáveis. No mínimo, responsáveis. Se você... Ou você tem que conhecer as pessoas da sua terra... No caso da maior parte dos barcos, conhece todos uns aos outros. É primos, é família. Está tudo interligado. Trabalha bem. Penso eu que trabalhe bem. Às vezes é pior, mas está bem. Agora, com os outros? Hoje, estava o marreco da Gala, não apareceu. Estou a trabalhar pra si e você não aparece. Você ganha o mesmo que eu ganho e não aparece. Então, como é que eu fico? Estou a trabalhar pra quê? A responsabilidade? Pelo menos... você tinha que aparecer. Não aparece. Como é que é? Isso acontece constantemente num barco como este. Eu chamo este barco internacional. Isto é as Nações Unidas, porque isto é o único barco aqui na doca que trabalha de maneira diferente dos outros todos.

Glória Sá: Como é que é diferente?

Pelo menos que eu conheça. Como é que é? Ok. Ainda há bocado, eu disse, os barcos tiram cinquenta-cinquante. *Fifty-fifty*. Este também tira *fifty-fifty*. Mas também tira cinco por cento do *gross stock* pra ele, como capitão. Cinco por cento do *gross stock*. Se o barco faz cinquenta mil dólares. O primeiro logo a sair são os cinco por cento pra ele. São logo de duas mil e quinhentas dólares. Está feito. Acabou. Agora vamos tirar as outras despesas todas. Mas também é o único barco que contribui na comida, contribui no ice. Ele o tira dum lado...

Glória Sá: E põe noutro.

E pões noutro. Sabe o que eu estou a dizer? Mas ele fica beneficiado. O capitão... Mas também é sacrificado porque ele fica lá muitas horas lá em cima. Ele merece o dinheiro que ganha. Lá está a tal coisa. Ele merece este cinco por cento.

Glória Sá: E quando é assim, um barco internacional, como é que decidem o que é que vão comer? Quem é que...?

Pois é, é o cozinheiro que me falta. Estou à espera... Vou convidar o Fernando Fernandes pra ver se ele quer ir pra cozinheiro, mas ele não quer ir. Não, o capitão é que realmente faz a stoa (??). É outra história. Sabe quanto é que eu paguei de stoa (??) pra cinco homens que o *observer*? Levavamos o *observer*. Mil e duzentas dólares pra dez dias. Mil e duzentas dólares. Sabe quanto é que os outros barcos fazem? Por metade desse dinheiro. Porquê? Vou comprar aqui coisas... Quanto é que isto custa, Glória?

Glória Sá: Não faço ideia.

Vamos pôr assim. Uma dólar. Mas se você disser a mim “Manel, vai comprar esta...” A fazer o *carge*. “Manel, vai comprar esta cerveja.” Eu vou comprar a cerveja, tenho que usar o meu carro, tenho que perder o meu tempo. Se isto custa uma dólar, vou levar duas. *Right*? Eu tenho que ganhar. *Business*. A gente faz a stoa (??) do Krugers. É ali ao lado do *Thirty nine*, ali naquele sítio. Ele leva precisamente o dobro do preço. Ele não tem lá nada. Ele tem que ir comprar noutro lado. Porquê? Porque o capitão e o dono do barco foram amigos, precisaram uns dos outros. Há uma amizade... Eu compreendo. Há um respeito. Ok. Ele gasta de lá. Mas porra, eu não tenho que estar a pagar. Eu e os outros. E já disse a ele, e faz. “Eh pá, metade das coisas. Pelo menos a metade das coisas.” É uma vergonha. O preço das coisas. Você nem

imagina. É um dobro. É o dobro. É preciso ser burro. E no entanto aquele... Mil e duzentas dólares. E é assim. Os favores têm que ser pagos.

Glória Sá: Portanto...

E portanto o que é que eu decido? Olhe. Eu vou-lhe dizer o que é que eu comi. Ele faz... Nós só comemos *breakfast* e jantar. É ovos e o bacon.

Glória Sá: Cada um faz o seu ou o cozinheiro faz?

Não, o cozinheiro faz. Faz quando lhe apetece ou quando ele está bem disposto. Senão não como. Eu passo mais fome... Eu gasto... Eu pago pra comer, mas só que não como. Às vezes não dá, outras vezes o homem “Olha, acabou-se os ovos, já não há comer”. Ontem... No dia da descarga, é o dia inteiro, sem fazer comer. O que é que como? Come sandes, só como é sandes. É à base pão, presunto, fiambre e queijo. É à base disso. O resto é uma refeição de bifés, é o peru, peru não, aquele... *ham*, aquela porcaria... I don't know. É uma carne guisada, é aquele... (ininteligível 04:03:30), que é aquela porcaria já vem embrulhada. Já está pronto a cozinhar. Aquilo lá é só... Como é que aquilo se chama? Tem aquela pasta, tem aquele... *Sauce* qualquer coisa.

Glória Sá: *Sauce*.

Que aquilo é...

Glória Sá: Doce.

Come-se, mas... Doce, mas... São sete ou oito refeições assim. Galinha, pernas de galinha, peito de galinha, etc. Pra pagar mil e duzentas dólares.

Glória Sá: Outros pescadores disseram-me que nos barcos portugueses, agora, não fazem o pequeno almoço. Cada um...

É só uma sandes. Simples. Mas faz almoço e jantar. O cozinheiro faz almoço e jantar. Faz a carne ao almoço e faz o peixe ao jantar. A gente não come peixe. Eu não como peixe.

Glória Sá: Não se come peixe?

A bordo daquele barco não. Não há peixe. Como é que a gente pode comer peixe? Não há peixe. Não como. Palavra de honra. Eu só como peixe em terra. Acredite se quiser. Porquê? Porque o cozinheiro não faz. Não. O cozinheiro, as três refeições que eu falei, o bife, a carne guisada, tudo feito ao jantar. Às oito horas, sete e meia, oito horas, é a hora que esse comer está na mesa. De manhã, é os ovos com o bacon. Dois, três ovos fritos, o *scrambled eggs* e etc. É o que a gente pode. A culinária portuguesa é muito mais saudável.

Glória Sá: Sim.

Não faz o *breakfast*, mas faz o almoço e o jantar. Jantar sempre peixe.

Glória Sá: E nos barcos portugueses comem mais legumes, não é?

Não. A nossa comida é diferente. É à maneira... Quem decide é o cozinheiro. O cozinheiro é que sabe aquilo que... a maneira... Se gosta realmente de fazer. Eh Glória, eu já apanhei uma vez ali um cozinheiro. Glória, aquilo era um banquete. O pequeno almoço, era um banquete. A mesa maior que isto e cheio de comida. Era destes panquecas... sei lá o que é que estava

ali. Estava tudo e mais alguma coisa pra se comer. Apanha um português, é dois ovos num prato e vai-te embora.

Glória Sá: O português ou o...?

É o português a cozinhar. O americano a cozinhar é um espetáculo.

Glória Sá: Ah, sim?

Porque está habituado a fazer.

Glória Sá: O pequeno almoço.

Sabe o quê? O pequeno almoço. Porque sabe o que é que realmente é um pequeno almoço a bordo de um barco. Agora, o português, não sabem fazer. Nem querem fazer.

Glória Sá: Mas pra o almoço e pro jantar é melhor?

Não é o almoço, é só o jantar. Pro jantar é melhor. A carne, a maneira como é cozinhada a carne, é mais à nossa maneira. De resto... Ali a bordo, é só o pequeno almoço e o jantar. Não há almoço. E muitas vezes, o meu cunhado que chegou a ser cozinheiro, chegou a jogar os bifés fora só pra não fazer. Só pra não os cozinhar. Bifés, jogar fora, só pra não cozinhar. Acredite se quiser.

Glória Sá: Voltando ao cunhado. Disse-me que teve um barco também.

Ah, em oitenta e dois, porra. Isso já foi.

Glória Sá: Com o seu cunhado e o seu irmão?

Não, com o meu irmão e o Alberto.

Glória Sá: Alberto?

Alberto. O último nome, não sei. Eu sei o nome, não me lembro.

Glória Sá: E como é que se chamava o barco?

Quimbanda.

Glória Sá: Quimbanda? Foi você que pôs o nome.

Não.

Glória Sá: Não?

Por acaso até nem fui eu. É um nome africano.

Glória Sá: Pois.

É feiticeira. Foi uma aventura. Só perdi dinheiro.

Glória Sá: Durou quanto tempo?

Dois. Dois anos. Quatro anos. O meu irmão durou mais tempo. Eu é que saí fora. Eu só perdi dinheiro. Não ganhava dinheiro. Saí fora. O meu irmão ficou com o barco. Ele e o sócio.

Faziam alguma coisa. Não muito, mas faziam dinheiro. Eu é tive que sair fora. Mais uma aventura.

Glória Sá: E com noruegueses?

Foi aí que eu fui trabalhar pra escalopa.

Glória Sá: Ah, sim?

Depois de sair dali. Fui de oito pra oitenta. Continue.

Glória Sá: Com noruegueses nunca trabalhou?

Não. Nem sei quem é essa gente.

Glória Sá: Não?

Não conheço os vikings. Não, por acaso não. Não há muitos portugueses que tenham trabalhado com os noruegueses. Há pouca malta. Há alguns aí. Agora há menos. Antigamente havia mais.

Glória Sá: Os barcos vendem todos aos mesmos compradores?

Não. O (ininteligível 04:08:10) tem a maior parte dos barcos. Mas o (ininteligível 04:08:13)... Não sei se ainda o outro continua. Como é que ele se chama? Esteve preso, agora não me lembro do nome. Mas a maior parte vende tudo nos *auctions*. Mas o (ininteligível 04:08:28), não sei se ainda faz descarga ou não.

Glória Sá: Então há barcos que não vendem na lota?

Há, há. Continua a haver.

Glória Sá: Vendem por fora?

Por fora. Não são muitos, mas há.

Glória Sá: Disse que, quando foram ao fundo, quando o Ilha Brava foi ao fundo, foi por causa de uma baleia que apanharam, não foi?

Eu acho que sim, não sei. Não deu tempo.

Glória Sá: Não deu tempo?

Não deu tempo pra ver. Nunca cheguei a ver. O barco foi pro fundo, como é que eu...?

Glória Sá: Alguma vez apanhou alguma coisa assim estranha?

Yah. Com a cabeça duma pessoa.

Glória Sá: Uma cabeça duma pessoa?

Yah. É estranho ou não?

Glória Sá: É.

Isto é pra apanhar peixe, não é pra apanhar cabeças humanas.

Glória Sá: O que é que fizeram com ela?

Chamamos o *coastguard* e identificamos... Depois, cientificamente, identificaram a pessoa. E tinha sido um rapaz que tinha desaparecido numa... lagosta (??) e a mãe ficou muito agradecida de nós termos chamado o *coastguard*. Porque, foi a maneira de, realmente, a mãe saber que o filho está aqui.

Glória Sá: E como é que a mãe o identificou? Estavas com...

Os dentes

Glória Sá: Os dentes?

Só estava... Glória, eu nunca vi. Tudo só branquinho. Eu estou careca, mas aquilo era... não havia nada ali.

Glória Sá: Tudo branquinho?

Tudo branquinho. Os caranguejinhos, comeram aquilo tudo. E apanhamos também peças do barco onde eu... o barco que eu trabalhava. Foi uma das coisas estranhas que apanhei.

Glória Sá: Você tem alguma alcunha?

Tinha alguma alcunha?

Glória Sá: Sim, chamam-lhe alguma coisa?

Que eu saiba, não.

Glória Sá: Mas há muitos... a maior parte de...

Há, pois há, mas eu prezo-me... Não é um prezo, mas não... Não. Por acaso, não. Há muita gente tem alguma, mas...

Glória Sá: Vai à igreja? Tem... pertence a alguma igreja?

O que é que você tem a ver com isso?

Glória Sá: Não, é só pra saber.

Quando há funerais e algum casamento, é só.

Glória Sá: Sei que é sócio do clube dos pescadores. Pertence a mais algum clube, que não seja esse?

Aquilo não é um clube.

Glória Sá: Eu sei que...

Tome nota, aquilo não é um clube.

Glória Sá: Mas chama-se clube, não é?

Não, chama-se clube. O nome é *Fisherman club*. Porque foi o nome, sei lá, foi o dos... Sabe qual foi o nome que ganhou nas eleições? Eu é que fiz esses nomes todos. O nome que ganhou... Eu fiz os nomes todos, uma passagem do ano. O nome que ganhou foi *New*

England Fisherman Club. Era o que devia ser aquele nome. *New England Fisherman Club*. Mas o Sr. Domingos Mano, que já morreu, disse que *New England*, abrangia uma área muito grande. E como *United Fisherman Club* ficou em segundo lugar, então *United*, ainda maior. Já viu? A força do dinheiro soou mais alto. Pronto, só aí está provado.

Glória Sá: Além de ter tido esse papel importante na criação do *United Fisherman Club*, eu sei que o que fez... tem estado envolvido noutras atividades para ajudar os pescadores. Pode-me falar nalgumas dessas?

Ajudar como? Não estou a perceber a pergunta. Ajudar o quê?

Glória Sá: Por exemplo, sei que... fez... trabalhou com pessoas da (ininteligível 04:12:35) Dartmouth, por exemplo, pra treinar os pescadores no uso dos...

Na escola? As duas vezes que eu fiz a escola? Já não lembrava disso. Não, mas isso... Não, foi uma maneira de tentar ajudar, realmente, é verdade. Porque na altura, lá está... como eu disse ainda há bocado. É preciso... Pra ser capitão hoje, é preciso ter um secretário e ter um advogado e eu acho, continuo a achar, a nossa malta portuguesa, o inglês, é muito pouco. Precisava de ajuda. Então, foi isso que eu tentei fazer.

Glória Sá: Diga-me o que é que fez?

O que é que eu fiz? Boa. Primeiro, fui falar com... tentar saber como é que eu arranjava a maneira de arranjar um sítio para pôr os portugueses a aprender inglês e depois arranjar uma professora. A professora foi a senhora Dona Inês. Sabe quem é?

Glória Sá: Inês Drolé.

Yes. Inês... Drolé? Não...

Glória Sá: Drolé.

Drolé é outra, não é? A Inês, que era... (ininteligível 04:13:50).

Glória Sá: Yes.

Então, como é que se chama a outra que eu depois fui lá ter do *high school*? Como é que se chama a outra?

Glória Sá: Essa não sei.

Eu tenho o cartão dela. Eu tenho ainda o cartão dela, porque essa é a segunda parte. Mas a Inês... Eu fui pôr o meu problema à Inês, não sei como. Não sei de onde é que eu conheci a Inês. Eu sei que a minha mulher conhece bem vocês. Eu sei que vocês têm uma certa relação. Mas eu, sou uma carta fora do baralho. Pus o problema a Inês e a Inês “Não, não, não sei o quê...” Mas depois telefonou-me. Disse-me ela, mais ou menos assim por estas palavras “Os meus filhos estão criados, tenho um bocadinho de tempo, isto não é uma aven..” Não é uma aventura.

Glória Sá: Uma distração?

“É uma coisa que realmente é interessante e tal... Eu vou experimentar.” E foi. Esteve lá três meses no (ininteligível 04:14:39), mas entretanto tentei falar com o diretor daquela porcaria, pra ter uma sala, pra ter condições, pra ter lá os alunos. O diretor, o doutor... doutor... doutor

quê? Rock Shard? Foi impecável, foi impecável. Eles puseram tudo à disposição, o David Martins, outro senhor impecável e foi possível. Graças a eles é que foi possível fazer isso. Mas quer dizer, é preciso falar com as pessoas.

Glória Sá: E isso foi para lhes ensinar...?

O ABC do inglês.

Glória Sá: Mas em termos... assuntos relacionados com a pesca?

Não, não, não. O inglês em si.

Glória Sá: O inglês em si?

A língua oficial. A língua oficial. Porque as pessoas não sabem falar com o *coastguard*. Glória, ainda hoje existe uma imensa dificuldade dos portugueses falar com o *coastguard*. E se há um caso de acidente, então nem queira saber. Porque depois é preciso usar nomes técnicos, os (ininteligível 04:15:37), os não sei quantos e a maior parte da malta, não sabe. Alguns sabem. Há bastante gente ainda. E depois têm de andar a pedir "oh tio, oh tio" a outro que esteja perto, pra dar informação. Então é mais complicado. Hoje ainda há, mas muito menos, porque há muito menos barcos no mar. Aí é que está. A nossa frota está reduzida, então há muito menos. E a segunda parte foi com a... no high school, com a... Rosemary?

Glória Sá: Wild?

Yes. Rosemary Wild, impecável também. Ela arranjou dinheiro, arranjou professores, foi porreiro. Três meses, ou o que é que foi, que andamos ali. Pelo menos... Não deu, mas podia ter pegado melhor, não é? Pelo menos a iniciativa, eu fiz. Estou satisfeito por aquilo que eu fiz, acabou.

Glória Sá: Fez outras iniciativas dessa natureza?

Consigo, por exemplo, em oitenta e oito. Já se esqueceu?

Glória Sá: Já.

Ah... pois é. Agora já... Nós fizemos ali na doca, a simulação dos quinhentos anos dos descobrimentos. Fechamos a doca. Teve lá um palco, teve lá comida. Não se lembra? Em oitenta e oito era você... Quer-se é esquecer.

Glória Sá: Não, a verdade é que não me lembro. Dos... Conte-me mais. Portanto, fizemos...

A simulação dos descobrimentos...

Glória Sá: Do caminho marítimo.

Pra Índia. Quinhentos anos. E era assinalados nesse ano em oitenta e oito. E eu perdi uma viagem, trabalhava num barco chamado Portugal.

Glória Sá: Não, isso foi em noventa e oito.

Oitenta e oito. Noventa e oito?

Glória Sá: Acho que foi em noventa e oito.

Noventa e oito? Yah. Noventa e oito. Yah. As camisolas? Não tem nenhuma camisola dessas, ainda? Que eu pedi ao Steve Cote, que é um outro sítio onde se tira o peixe. Pedi duzentas camisolas. Aquilo tinha o (ininteligível 04:17:34) Yah, noventa e oito. Noventa e oito, yah. Noventa a oito? Agora estou confuso. Noventa e oito, ou oitenta e oito?

Glória Sá: Noventa e oito.

Mas, deixe estar, agora também estou... Palavra de honra. Noventa e oito? Penso que é oitenta e oito.

Glória Sá: É o caminho marítimo prá Índia.

Eu não sei, Glória.

Glória Sá: Foi em mil novecentos e quarenta a oito, penso eu.

Mas per aí, também estou a ver a data... oitenta e oito. Eu sei que trabalhava no barco Portugal, perdi uma viagem. Mas depois mudei, oitenta e oito, ou noventa e oito. Das duas, uma. Tínhamos ali tanta coisa. Deram-nos tanta coisa. Era fácil arranjar as coisas nesse tempo, já viu?

Glória Sá: E o que é que houve mais? Quatrocentos e noventa e oito.

Noventa e oito? Ok, pronto. Retiro o que disse. Tem razão. As mulheres têm sempre razão. Não sei porquê que eu insisto, mas está bem. Noventa e oito.

Glória Sá: E houve... O que é que consistia o programa?

Teve lá música, os ranchos folclóricos, o Santíssimo Sacramento, o eterno Santíssimo Sacramento, madeirense e coisas... as camisolas pra vender. O pónei . O António do pónei. Tinha lá um pónei pra dar uma voltinha.

Glória Sá: Ah, do pónei, lembro-me eu.

Era o pónei pra dar uma voltinha, e as coisas, os petiscos. Tínham lá os pastéis de bacalhau da padaria Beira-Mar...

Glória Sá: Beira-Mar.

E, sei lá... tanta coisa que nos deram. Era fácil arranjar as coisas, naquele tempo. Hoje não consigo fazer nem um quarto. Se eu for fazer uma aventura dessas, Glória, esqueça-se. Tínhamos aquelas bancas, aqueles... as mesas, com as coisas pra vender... Hoje não. E quem era? Quatro curiosos. Você, era o Presidente do Dia de Portugal, na altura, acho que eu.

Glória Sá: Era.

A única mulher, não há mais nenhuma.

Glória Sá: Agora dizem que a Angela Amando (??) é que é a única.

Ah, pois, é a última, está bem. Mas na altura, você acho que era o Presidente...

Glória Sá: Não, mas isso foi em oitenta e oito.

Já me está a baralhar. Então, agora diz que é em noventa e oito, agora está a...

Glória Sá: Mas os 500 anos dos Descobrimentos...

Eu penso que foi em oitenta e oito.

Glória Sá: Oitenta e oito, faz mais sentido, sim.

E foi quando você esteve lá a ajudar a gente. Eu sei que você esteve lá envolvida. Fez não sei o quê, mas esteve lá. Você, a Zé... foi o grupo que eu arranjei.

Glória Sá: Nós fazíamos o Dia de Portugal...

Fazia parte do Dia de Portugal.

(ininteligível 04:20:21) nessa altura.

E depois foi a festa, o banquete. Em oitenta e oito é o... fomos pra (ininteligível 04:20:29) como é? Os marrecos do Prince Harry e fizeram a festa junto com a gente, nessa noite. Pediram à gente... ou pediram a vocês, que eu não... a sala também, e depois fizeram a festa deles e depois toda a gente foi embora. Puta que os pariu. Não os gramo. A partir daí fiquei...

Glória Sá: Eu lembro que, acho que em certa altura em que queria criar um site na internet para pescadores de lá e de cá se comunicarem.

Isso não fui eu.

Glória Sá: Foi.

Internet?

Glória Sá: Tinha essa ideia de fazer isso. Foi mais ou menos na altura que fez o programa para aprender inglês. Eu lembro-me do Manuel Pedro me falar nisso.

Não lembro absolutamente nada. Não sei o que é que...

Glória Sá: Mas falando nisso. Continua a ter contato com pessoas de lá, da sua terra, de Olhão?

As pessoas têm contato. Agora não... pesca não. Quando chego a terra já não sou pescador. Aqui é uma exceção. Esqueça-se.

Glória Sá: Mas vai a Portugal regularmente, no ano?

Não vou mais porque o dinheiro não chega. Mas estive lá o ano passado, por exemplo. Estivemos, eu e a minha mulher. E? O que é que quer saber?

Glória Sá: Se mantém essa...

A vontade de lá ir? Oh, yeah? Eu mantenho a vontade. Aqui é o paraíso. A minha ilha. Você conhece, não conhece? Então, pronto. Não preciso dizer mais nada.

Glória Sá: Em terra, quem são os teus amigos? São outros pescadores? São pessoas diferentes?

Eh Glória, eu era pescador. Sou pescador aqui. Por amor de Deus. Ok. Vou-lhe pôr assim. Acredite se quiser. A primeira vez que eu fui a Portugal, eu e a minha esposa, claro. Tive três polícias atrás de mim. Três polícias.

Glória Sá: Pra quê?

Porquê? Eu explico. A primeira vez, eu estive onze anos sem ir a Portugal. Ok? E quando saí de lá, eu não saí nenhuma criança. Saí de lá com vinte e sete anos. Saí de lá jogando futebol, uma figura pública. Trabalhando numa oficina, com malta da construção, outra figura pública, numa maneira geral. E derivado ao meu pai, era bastante conhecido na minha sanzala. Portanto, tive onze anos sem lá ir. Ora, eu conheço aquela podridão toda. Conheço desde o Presidente da Câmara, na altura... até ao ladrão. Moços da minha idade. Pata descalça, andaram comigo. E o que é que aconteceu? Respondendo à sua pergunta, com quem é que eu me dou? Dou-me com todo o tipo de pessoa. Desde os vereadores, o Presidente da Câmara... Foi por isso que chamou a atenção da polícia. “Quem é este marreco? Aparece aqui de paraquedas, fala com o Presidente, fala com o ladrão, fala com o outro, fala com aquele. Como é que é isto? Quem é este gajo?” Acredite, pergunte à minha mulher, se quiser. Ia pra uma discoteca, lá estava com um ou dois. Ia pra outro lado, lá estava com um ou dois. Eu depois também comecei a saber quem era aquele marreco. A ele, não o conheci, mas também conhecia o irmão, que também jogou comigo futebol. Depois desviaram-se. Depois de saberem realmente quem é este gajo, eles afastaram-se. Mas, ao princípio, onde eu ia, lá estavam eles. Você é conhecida na sua terra. As pessoas, é hoje, é amanhã, vêm ter consigo ou você vai ter com elas e as pessoas sabem. É um prazer, pra mim é um prazer. Agora, pra quem vem de fora... Porque aquilo ali, muita malta do Ultramar, os retornados... Não se esqueça que eu estou a recuar. Já vi os anos que eu estou a recuar? Setenta e oito. Estamos a falar praí... Quando eu fui a Portugal a primeira vez... Oitenta, noventa, princípio em noventa? Já se tinha dado aquela... a malta do Ultramar, os retornados, já estavam reformados, e os moços novos... que era o caso deste gajo, que era irmão dum gajo que jogou comigo à bola. Os gajos chegam lá com quinze ou dezasseis anos, passou-se mais dez ou onze, já estavam formados, eram policia. E isso muda muitas vezes, porque você hoje olha pra juventude, vê a cara dos pais.

Glória Sá: É isso.

É o que acontece. A gente... “Eu conheço esta cara, mas porra.” Começa a ver a idade, não bate certo. É os pais, é os avós.

Glória Sá: Ainda tem lá familiares?

Agora é que você me matou. Eu não sei. Tenho. Tenho.

Glória Sá: Tem irmãos?

Não, os irmãos estão...

Glória Sá: Todos aqui.

Aqui. Lá é primos, família afastada, muito afastada. Tios. Acho que ainda são vivos, não sei, e primos afastados. Afastados não, primos mesmo de origem.

Glória Sá: E aqui, quem são os teus amigos aqui? Com quem é que convive?

Vamos pôr assim? Fernando Duval, Brisa Gravel, não está cá, mas está bem. Vai vir, vai vir. Sabe que vai vir?

Glória Sá: Eu ouvi qualquer coisa.

Pra Abril. Poucos, muito poucos. Porquê? Eu gosto muito de falar. Raios ta parta, eu gosto de falar. Mas, não gosto é de pessoas falsas. De ouvir aqui e contar além. Sabe? Percebe o que estou a dizer? E aqui a gente, Glória... Eu tenho apanhado muito disso. A mais pequena falha que você possa ter, dito... uma boca... sem significância, as pessoas tomam posse disso como se fosse (ininteligível 04:26:27) E fazem disso um (ininteligível 04:26:30). Eu não sou capaz de fazer isso. Então, tenho muito cuidado, em relacionar. É difícil, porque não acredito nas pessoas. Eu tenho que ter muito... Como é que hei-de dizer? Lidação pra pessoa, analisar a pessoa, pra ter confiança na pessoa. Glória, eu sou assim. E, cada vez confirmo mais isso. É assim. Não são muitos os meus amigos. Não tenho. Sinceramente, gostava, mas a realidade é só uma.

Glória Sá: E o que é que fazem para se divertir?

Ah, eu e a minha mulher? Os dois? Saímos os dois, jantar fora, vamos ao casino, vamos aqui, vamos além. Vamos os dois. É a muleta, é complicado, mas é assim. Às vezes, há pessoas, a Rosa, também uma amiga... São pessoas... Não são muitos. Eu conto plos dedos, os dedos da mão, as pessoas que... aqueles puros. De resto, conheço milhares à volta. Às vezes eu zango-me com a minha mulher, saio fora. Pra onde é que vou? Vou a um bar, bebo uma cerveja, vejo lá A, B, C... Não é pessoas com... Eu quero sair, quero estar lá um bocado, quero conversar. Não há conversa. Não têm conversa. O que é que eu faço? Volto outra vez pra casa. É que as pessoas aqui, se não for futebol... Não estou a dizer todas. A maior parte das pessoas. Se não for futebol e as revistas, essas... Não falam de mais nada. É futebol, pesca e revistas. Acho que é uma revista de Nova Gente, não sei se você sabe o que é.

Glória Sá: Ah não, não sei.

Pois não. É português.

Glória Sá: Uma coisa que eu não lhe perguntei, é o que é que os homens fazem no barco, quando não estão a trabalhar? Eu sei que você, por exemplo, que lê.

É a minha primeira preocupação. Ainda ontem fui pra um médico por causa desta porcaria, tive que levar o meu livros se não... Tive que ir lá à vitrine."Raios te partam! Esqueceram-se de mim ou o quê?" Não, eu leio, mas os outros, prali... dormem ou falam.

Glória Sá: Vem filmes?

Ah, podem ver. A gente tem lá uma televisão pra ver, mas nem por isso. Porque, ou não levam, ou não sei...

Glória Sá: Jogam cartas?

Muitos barcos jogam cartas. Muitos barcos, o pessoal entretém-se a fazer as paciências e essas coisas, sabe? Mas, ali neste barco, eu nem vejo eles fazerem paciências. Ali, sentados na mesa, eu não consigo, eu... Ou então... E depois as conversas, é sempre as mesmas. Aquilo é um disco repetido. O mau tempo, o mau tempo vai vir, ou já passou, ou vai vir. É sempre, é sempre, o tipo de conversa é sempre o mesmo. Não tenho paciência. Não tenho paciência. Os livros são mais interessantes,

Glória Sá: Os quê?

Os livros são mais interessantes. Acabou?

Glória Sá: Acho que acabou.

Até que enfim, porra. Pensei que tinha que ir fazer, serão.

Glória Sá: A não ser que...

Agora estou a ler... Não é nada. Estou a ler o livro, daquela moça que é o... Dragão,

Glória Sá: Ah! Está a gostar?

Já li um. Já li o segundo, agora estou no princípio, porque vi o filme. Eu comecei a ler e vi o filme. Está a perceber? “Ah, já vi o filme, já não quero ler isto.” Depois li o segundo, agora falta-me o outro. São três. Falta-me o outro. Tenho que ir buscar o outro à biblioteca. São interessantes.

Glória Sá: Vou parar, se não, depois transcrevem...